

NOVOS RUMOS

ANO II Rio de Janeiro, semana de 23 a 29 de dezembro de 1960 Nº 95
Diretor Executivo — Orlando Bomfim Jr. Diretor — Mário Alves Redator-Chefe — Fragman Borges

Farsa: Intervenção na Telefônica é Para Servir à Light

Texto na 3ª página do 1º caderno



Apelo a todos os povos do mundo: defender a paz

OS REPRESENTANTES de 81 partidos comunistas e operários, que se reuniram em Moscou em novembro último, além da Declaração, cujo texto publicamos em nossa edição da semana passada, aprovaram também um apelo dirigido a todos os povos do mundo «chamando-os à luta geral em defesa da paz, contra o perigo de uma nova guerra mundial». Na 5ª página do 2º caderno publicamos a íntegra desse importante apelo.

Santos: luta contra a carestia

Cerca de 20 entidades de Santos, São Vicente, Guarujá e Cubatão, por iniciativa da diretoria de sua organização — a União das Sociedades de Melhoramentos dos Bairros, Vilas e Morros das Cidades da Baixada Santista — reuniram-se na sede do Sindicato dos Gráficos de Santos para discutirem quais as medidas a adotar para protestar contra a alta nos preços dos gêneros de primeira necessidade. — Leia na segunda página do segundo caderno.

Presstes falará sobre a reunião de Moscou

LUIS CARLOS PRESTES fará no próximo dia 3, na ABI, uma exposição pública sobre o que foi e o que representou a recente conferência dos partidos comunistas, da qual participou, em nome dos comunistas brasileiros, na capital soviética. Os convites para a palestra, que será promovida por NOVOS RUMOS, poderão ser encontrados na gerência deste jornal a partir do dia 26.

Patrões intransigentes provocam o colapso na aviação comercial

DESESPERADOS com o êxito do movimento grevista dos aeroviários, desencadeado a zero hora do dia 14 do corrente, os proprietários das empresas de aviação comercial estabeleceram como ponto de honra para a aceitação de qualquer acordo o estabelecimento de uma cláusula que lhes permita punir os grevistas.

A intransigência dos empregadores chegou a exasperar o próprio ministro do Trabalho, que vem evidenciando esforços para encontrar uma solução conciliatória, capaz de pôr fim ao movimento grevista. Reportagem na 2ª página. Na foto, aspecto da passeata.



Universidades cubanas abertas aos operários e camponeses

CUBA está passando por uma verdadeira revolução cultural. O governo de Fidel Castro está empenhado em liquidar, no menor prazo possível, o analfabetismo e preparar os técnicos capazes de atenderem o desenvolvimento industrial do país. Milhares de escolas rurais foram criadas em toda a ilha, e as portas das universidades estão abertas aos filhos dos operários e camponeses. Mais de 5.000 jovens frequentam, como bolsistas, a Universidade de Havana. Na última página do 2º caderno, publicamos completa reportagem a respeito. Na foto abaixo, uma das bolsistas.

Garota-propaganda: Cada povo tem o seu Natal explorada pela TV

A EXPLORAÇÃO desumana a que são submetidas dezenas de jovens que exercem a profissão de garotas-propaganda, é um dos aspectos mais revoltantes do regime de trabalho imperante nas estações de televisão. Obrigadas a possuírem certo grau de instrução e se apresentarem bem trajadas, as garotas-propaganda são, no entanto, péssimamente remuneradas. Completa reportagem sobre o assunto na terceira página do segundo caderno.

Cada povo tem o seu Natal

O NATAL, hoje, é uma data comemorada, sob as mais diversas formas, em quase todo o mundo. Poucos, no entanto, conhecem a sua verdadeira história. Qual a sua origem? Será o Natal uma festa realmente cristã? Teria Cristo nascido mesmo a 25 de dezembro? Estas e outras perguntas são respondidas por Michele Lalli, em reportagem exclusiva para NOVOS RUMOS, que vai publicada na 1ª pág. do 2º caderno.

A atividade do PCB e o professor

Guerreiro Ramos

NA EDIÇÃO anterior, divulgamos artigo de nosso redator Renato Guimarães rebatendo algumas considerações feitas pelo prof. Guerreiro Ramos, a propósito dos resultados das eleições presidenciais, sobre a participação dos comunistas na campanha e atividade geral do PCB. Publicamos hoje mais um artigo de Renato Guimarães (5ª página do 2º caderno) abordando outros aspectos do mesmo assunto.



O Corvo Envergonhado

ORLANDO BOMFIM JR.

PARA o ditador, a coisa pública é tratada como bem particular. Bem particular pertencente a ele, naturalmente. Por isso não faz distinção entre uma e outra, agindo com a mentalidade do fazendeiro feudal que chega a considerar como seu tudo o que existe dentro da fazenda, inclusive as pessoas. Manda e desmanda, como senhor onipotente. Será outra a mentalidade do governador Carlos Lacerda? Não pretendemos, fique claro, exagerar, ampliando a figura do homem. Bem que ele se esforça por assumir atitudes de líder de projeção até internacional. Mas, quando procura decidir dos destinos do mundo, o único parceiro que encontra é o falidíssimo general Chiang Kai Shek...

OBSERVADOS os justos termos, entenda-se que apenas desejamos chamar a atenção para uma das facetas da mentalidade do fundador e chefe da Lanterna. Elevado por reduzi-la a minoria, nas circunstâncias que se sabe, ao cargo de governador, age como dono do poder. Instalou-se no Guanabara como proprietário que adquiriu casa nova. Shanan, o cão de valioso «pedigree», foi levado, logo nos primeiros momentos, para farejar os cômodos do palácio. E «Vicente», o corvo de estimação, mereceu mudança, passando a residir em gaiola especial no jardim de inverno... Ocupa-se, assim, a nova moradia com bagagem completa.

TUDO isso não teria, evidentemente, importância alguma. Afinal, um corvo, ainda mais sendo mesmo corvo, de bico e penas, no Palácio da Guanabara, não seria motivo para nenhum alarme. Mas acontece que atrás dessas aparentes ridicularidades se oculta a mentalidade de quem as pratica. E aí estão os atos do governador, revelando como ele pretende exercer o poder.

EM MENOS de um mês, já mostra o sr. Lacerda que a prepotência e a corrupção são suas companheiras inseparáveis. Empenha-se na cassação em massa dos mandatos dos antigos vereadores. Antes, quando candidato, fizera juras de respeito à lei e à manifestação da vontade popular, que havia escolhida para seus representantes, com mandato por tempo certo, os membros da ex-Câmara Municipal. Agora, nada disso

tem valor. Seus interesses imediatos à frente do governo é que falam mais alto. Já conseguiu, lançando mão dos processos mais corruptos, assegurar maioria na Assembleia Constituinte. Liquide-se, pois, a Câmara.

TAMBÉM já iniciou a degola do funcionalismo. Demitiu sumariamente duzentos e quarenta funcionários. Limitou-se a tentar justificar-se com a alegação de que tinham sido nomeados depois de aprovado o Plano de Classificação. Além disso, invocou a necessidade de fazer economia. Mas, ao mesmo tempo em que assim argumenta, nomeia dezenas de assessores para o seu gabinete, em cargos gratificados cuja remuneração vai de trinta mil cruzeiros para cima. E não é só isso. Apesar de estarem — conforme diz — vazios os cofres públicos, recusa-se a cumprir decisão judicial que autoriza a cobrança de impostos atrasados, num montante aproximado de seis bilhões de cruzeiros, devidos pelos exportadores de café. Estranhos critérios, sem dúvida. Demite-se, para a fazer economia. Ao mesmo tempo, nomeia-se por atacado. E não se cobra dívida vultuosíssima. Mas a estranha desaparece quando se considera que os demitidos são adversários políticos, os nomeados são correligionários e os devedores financiaram a campanha eleitoral do governador.

E AO QUE foi dito ainda se pode acrescentar o critério que foi adotado pelo sr. Lacerda quanto à escola pública. Na verdade, contra a escola pública. Em detrimento do Fundo Estadual de Ensino Primário e ao invés de cumprir um plano de construção de escolas, desvia cem milhões de cruzeiros para estabelecimentos particulares. Mas também isso deixa de ser estranho quando se leva em conta que à frente da Secretaria de Educação foi colocado um próspero industrial do ensino.

COMO se vê, as palavras devem ter um sentido diferente para o sr. Carlos Lacerda, que se apresenta como paladino da democracia e da moralidade política. Pois a essa altura, ante tanta prepotência e corrupção, o pobre «Vicente», na sua luxuosa gaiola, há de sentir-se confuso e envergonhado, como o corvo da fábula de La Fontaine.



Bandeiras na luta contra a fome

Os aeroviários de todo o Brasil paralisaram suas atividades deflagrando uma greve total pelo aumento de salários. A unidade da categoria imprimiu à luta um ritmo de vitória que os aeroviários da Guanabara exprimiram muito bem na passeata que realizaram e durante a concentração diante da Assembleia Constituinte.

Patrões Intransigentes Provocam o Colapso na Aviação Comercial

Após 8 dias de uma greve que paralisou quase que inteiramente as atividades da aviação comercial brasileira, os aeroviários resolveram voltar ao trabalho na manhã do dia 22, conhecida a sentença ditada pelo Tribunal Superior do Trabalho à pendência salarial que deu origem ao movimento. A decisão do TST constituiu uma vitória para a categoria e determinou a concessão de um aumento de 35 por cento com o máximo de 10 mil cruzeiros, compensando-se os aumentos anteriores, exponenciais ou não. Determina também o ato ditado pelo TST, um aumento de 10 por cento para os aeroviários que recebem o salário mínimo atual, assim como diz que nenhum novo empregado poderá ser admitido com salários inferiores ao mínimo resultante da decisão judicial.

Os aeroviários passarão a receber o aumento a partir do momento em que a sentença sair publicada.

Se bem que diferente em vários aspectos, da greve nacional de marítimos, portuários e ferroviários pela paridade de vencimentos com os militares, a greve nacional dos trabalhadores aeroviários foi iniciada em circunstâncias muito semelhantes a dos operários daquelas três corporações. Nos dois casos as autoridades foram advertidas durante muito tempo, de que acabariam ape-

lando para o recurso extremo da greve a fim de serem atendidas as suas reivindicações; tiveram, igualmente, o mesmo tratamento displicente da parte das autoridades; e receberam, do mesmo modo, momentos antes da deflagração da greve, a visita das autoridades, que prometiam resolver o assunto em 48 horas, e pediam o adiamento da greve, sob ameaças de represálias caso ela fosse deflagrada. O resto todo o mundo sabe. Ambas as categorias entraram mesmo em greve, e tiveram a seu lado a solidariedade de todas as demais categorias profissionais, dos estudantes, de vários parlamentares, e até mesmo de autoridades do Poder Executivo.

A ameaça

Depois que os líderes aeroviários haviam esgotado todas as possibilidades para chegar a um acordo amigável com os patrões, tendo em vista uma justa solução para o problema salarial da categoria, e exatamente no momento que a massa de trabalhadores se reunia em assembleia geral para decidir avançar pelo único caminho que lhes restava — o da greve, foi que o ministro do Trabalho, já experimentado pela recepção que tivera dos marítimos, portuários e ferroviários, mas não muito confiante na capacidade de luta dos aeroviários, mandou ao invés de ir pessoalmente, um seu representante pedir um prazo de 48 horas para que resolvesse a questão que não foi capaz de resolver em mais de um mês. O representante ministerial, seguindo a cartilha da casa, salientou que o Governo, no caso de deflagração da greve, poderia ver-se obrigado a tomar medidas que não era de seu agrado, justamente quando está para terminar o seu mandato.

A resposta

Mas a resposta não se fez esperar, e foi-lhe dada em duas partes: primeiro, os aeroviários salientaram o seu profundo agradecimento pelo fato de o ministro do Trabalho se propor a resolver a questão em 48 horas, e resolveram, com todo o entusiasmo que uma proposta ministerial pode despertar nos trabalhadores, que aguardariam, com todo o respeito, e de braços cruzados, em greve, o cumprimento da promessa do sr. ministro do Trabalho.

Essa foi a primeira parte da resposta; a outra, foi dada por um outro líder aeroviário, muito calmo, muito senhor de suas responsabilidades, e muito consciente do que falava, que declarou, olhando ara para o representante do ministro, ara para os trabalhadores que se cumprimentam na sede do Sindicato dos Comerciantes, que também os trabalhadores de todas as demais categorias profissionais, que têm demonstrado o máximo do seu respeito para com o Governo Federal, poderiam tomar medidas que não seriam de seu agrado, nesse fim de governo, se vissem a ser cometidas violências contra o movimento pacífico dos aeroviários, que reivindicavam um reajustamento salarial à altura das suas mínimas necessidades. O representante ministerial, que estava muito nervoso, não se sabe porque, apressou-se a voltar à tribuna, donde declarou que

fôra muito mal entendido, que não fizera e nem transmitira nenhuma ameaça. E foi assim. Ficou o dito por não dito.

A greve

E a greve foi decretada na noite do dia 13 do corrente. Os piquetes e paralisação começaram a se movimentar em todo o país. A zero hora do dia 14 a greve atingia a todos os aeroportos, a todos os escritórios e oficinas das empresas de aviação comercial nacionais.

Três horas depois de iniciado o movimento paralisista, o diretor do DNT, sr. Nilton Lima, o mesmo que repetiu várias vezes que a greve era ilegal, convidou o comando grevista para uma reunião, que se estendeu até às quatro horas da madrugada, ocasião em que transmitiu a proposta de um aumento salarial de 35%, que foi rejeitada.

Na Justiça

A intransigência patronal, que já havia se manifestado nos mesas-redondas promovidas pelo DNT, voltou a ser patenteada na primeira audiência de conciliação realizada no Tribunal Superior do Trabalho, depois de iniciada a greve. O presidente do TST, ministro Júlio Barata, após salientar que o salário médio dos aeroviários era de Cr\$ 13.718,00, mas que um terço daqueles trabalhadores recebia o salário mínimo, sugeriu, como base para uma conciliação, a seguinte proposta:

- 1) aumento salarial de 37%, sobre os salários atuais, com um mínimo de quatro mil cruzeiros e um máximo de Cr\$ 12.000,00;
- 2) compensação dos aumentos exponenciais concedidos a partir de 16 de dezembro de 1959, data do último acordo;
- 3) excluir da compensação todos os aumentos decorrentes de promoções por merecimento ou por antiguidade.

Os aeroviários aceitaram essa proposta, que teria pôsto fim à greve, no dia imediato à sua deflagração. Mas os empregadores não a aceitaram. O presidente do Tribunal, lamentando a impossibilidade de um acordo amigável, marcou a primeira audiência de julgamento, no Tribunal Pleno, para às 13 horas de quarta-feira.

Solidariedade

Fracassada essa nova tentativa de uma solução amigável, a greve dos aeroviários intensificou-se em todo o país. Até mesmo os trabalhadores da VARIG, que inicialmente permaneceram operando, aderiram ao movimento grevista, notadamente no Rio Grande do Sul, onde 85% dos empregados daquela empresa cruzaram os braços. Por outro lado, a solidariedade das demais categorias profissionais tornou-se mais saliente. De todo o país, chegavam telegramas de apoio aos aeroviários em greve. A sede do Sindicato era visitada, diariamente, por dezenas de comissões de trabalhadores e de líderes sindicais de diversos setores da indústria, do comércio e dos transportes. O Comando Nacional da Greve dos Marítimos, Portuários e Ferroviários, prestou toda a solidariedade ao Sindicato dos Aeroviários.

Ferrovários Viários Voltam ao Trabalho

Os 18 mil ferroviários da Leopoldina começaram a voltar ao trabalho às 9 horas da manhã do dia 21, após a realização de uma greve vitoriosa que durou 24 horas, e determinou a paralisação de todo o trânsito ferroviário nas linhas da Leopoldina nos Estados da Guanabara, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais. O movimento, que contou com a plena adesão dos funcionários dos escritórios centrais da empresa, terminou com a assinatura de um acordo firmado entre o Sindicato dos Ferroviários e os representantes da Rede Ferroviária e da Leopoldina, pelo qual fica anulada a decisão da Rede

de pagar em dobro os salários daqueles que trabalharam durante a greve pela paridade. O acordo estabelece, ainda, a liberação de uma verba de 309 milhões de cruzeiros destinada ao pagamento de benefícios atrasados desde 1955; o pagamento do dia de greve; o pagamento do abono de 30% sobre os índices do último acordo interministerial; o pagamento dos salários do mês de novembro antes do Natal e a confecção das folhas de pagamento, dentro de 10 dias, relativas aos benefícios decorrentes da lei da paridade.

Sindicato dos Oficiais Alfaiates, Costureiras e Trabalhadores nas Indústrias de Confecção de Roupas e de Chapéus de Senhora do Estado da Guanabara

SEDE: RUA CAMERINO, 128 — 6 E 7 ANDARES — RIO DE JANEIRO
7 NATAL E ANO NOVO

O Sindicato saúda o quadro social e os trabalhadores em geral, desejando um feliz Natal e um Ano Novo pleno de êxito em todas as lutas em prol da paz e do bem-estar e unidade do povo e dos trabalhadores.

A DIRETORIA:

Amalio Rodrigues, Clóvis Estelita Pereira Cunha, Eipílio Moura Lins, Maria Segovia Jacobsen e Manoel Alves da Silva.

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Carris Urbanos, Trolley-bus e Cabos Aéreos do Rio de Janeiro

Sede: Rua Maia Lacerda, 170 — (Edifício Próprio) Telefones: 32-2650 e 52-5791 Estado da Guanabara

A DIRETORIA DO SINDICATO AO ENSEJO DAS FESTAS DE NATAL E ANO BOM, ENVIA ATRAVÉS DO SEMANÁRIO «NOVOS RUMOS» A OS DIGNOS ASSOCIADOS E SUAS FAMILIAS OS NOSSOS VOTOS DE FELIZ NATAL DESEJANDO-LHES TAMBÉM QUE O ANO DE 1961 SEJA MARCADO COM NOVAS CONQUISTAS PELA CLASSE, EM SUA LUTA CONTRA A CARESTIA E A AMEAÇA DE DESEMPREGO.

OUTROSSIM, USAMOS DA OPORTUNIDADE PARA CONVIDAR O QUADRO SOCIAL A COMPARECER ÀS SOLENIDADES DO 30º ANIVERSÁRIO DO SINDICATO NO PRÓXIMO DIA 2-1-1961.

Pela Diretoria

ANTONIO J. C. VASCONCELLOS

Presidente

REVISTAS SOVIÉTICAS

ASSINATURAS ANUAIS-VIA AEREA

UNION SOVIÉTICA. Mensal	500,00
CULTURA Y VIDA. Mensal	300,00
TIEMPOS NUEVOS. Semanário	400,00
LA MUJER SOVIÉTICA. Mensal	500,00
LITERATURA SOVIÉTICA. Mensal	300,00
FILMS SOVIÉTICOS. Mensal	500,00

Pedidos, acompanhados de cheque ou vale postal à:

Agência Intercâmbio Cultural
Jurandir Guimarães
R. dos Estudantes, 84 — sala 28
Telefone 37-4983 — São Paulo

Confederação Nacional Dos Trabalhadores Nas Empresas de Crédito

Federação Dos Empregados em Estabelecimentos Bancários do Distrito Federal e Dos Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo

Sindicato Dos Empregados em Estabelecimentos Bancários do Rio de Janeiro

saúdam seus colegas bancários e demais companheiros trabalhadores, augurando-lhes e as suas Exmas. Famílias, Boas-Festas e Feliz Ano Novo

DEPUTADO HÉRCULES CORREIA CONCLAMA OS CARIOCAS:

Defender a Legalidade Democrática Contra o Arbitrio de Lacerda

«O que se verifica hoje na Guanabara é a confirmação de que dizíamos durante a campanha eleitoral: o sr. Carlos Lacerda procura impor ao povo carioca um Governo violento e arbitrário, investindo abertamente contra a lei e a própria Constituição da República» — afirmou à reportagem o deputado Hércules Correia dos Reis referindo-se à situação política criada neste Estado em face das últimas atitudes do Poder Executivo e de sua bancada na Assembléia Constituinte.

O deputado Hércules Correia é secretário do Sindicato dos Têxteis, tendo sido eleito na legenda do PTB. Vem se destacando na Assembléia Constituinte por sua combatividade e pela clareza com que intervém em defesa da legalidade democrática e dos interesses do povo carioca.

Governo de prepotência

Diz-nos o dep. Hércules Correia: «O sr. Carlos Lacerda revelou, desde o instante de sua posse, o propósito de governar com a violência. Os discursos por ele proferidos no recinto da Constituinte e no Palácio da Guanabara estavam cheios de ameaças. Dava mais a impressão de um ditador que assume o Poder depois de esmagar os adversários pela força. É verdade que ele foi eleito por um quarto apenas do eleitorado carioca. De qualquer forma, porém, não tem os poderes de um ditador, que faz o

que quer, sem respeitar as leis e as tendências e desejos da opinião pública.

Seus primeiros atos — continua o dep. Hércules Correia — comprovam que o Governador Carlos Lacerda pretende mesmo governar de forma prepotente, sem se submeter à Constituição. Que fez ele, até agora? Além da demagógica intervenção na Telefônica, limitou-se a investir contra os mandatos dos antigos vicedeputados — que ele próprio defendia, o ano passado, quando precisava dos seus votos — orientando a sua bancada no sentido de apresentar o chamado Ato Constitucional e logo mais, chegando ao cúmulo de mandar invadir a antiga Câmara de Vereadores para fazer cessar as transmissões que vinham sendo feitas pela Rádio Roquete Pinto.

Autonomia é uma conquista do povo

A propósito das notícias que vêm circulando, nos últimos dias, sobre uma possível intervenção do Governo federal na Guanabara, declarou-nos o constituinte Hércules Correia:

«A autonomia de nosso Estado foi uma conquista do povo carioca, com os trabalhadores à sua frente. Foi uma luta de muitos anos, difícil e árdua. Somente graças a uma forte pressão popular e à atuação, na Câmara Federal, de

representantes fiéis ao povo como os deputados Sérgio Magalhães e Lício Hauer, fracassaram as tentativas do Governo federal de manter o Rio sob o regime de intervenção. É sabido que nas vésperas da mudança do Distrito Federal para Brasília já estava pronto o decreto designando o sr. Armando Faleiro interventor da Guanabara. Nesses momentos, porém, o sr. Carlos Lacerda passava tranquilamente pela Europa e muitos de seus correligionários se omitiam vergonhosamente na luta que se travava no Parlamento.

Agora — prossegue o deputado do PTB — é necessário que se denuncie ao povo carioca com todo vigor: o sr. Carlos Lacerda e seus auxiliares e porta-vozes no Governo e na Constituinte estão, deliberadamente, criando uma situação que pode até mesmo resultar em intervenção federal no Estado. É fato incontestável que a lei federal está sendo desrespeitada, a Constituição é ostensivamente violada e, sob o patrocínio aberto do Governo do Estado, pretende-se chegar ao absurdo da cassação coletiva de mandatos populares. O sr. Carlos Lacerda e seus apaniguados estão, porém, incorrendo em erro se pensam que podem provocar a intervenção na Guanabara para aparecerem, em seguida, como defensores da autonomia. A verdade é que são eles mesmos que põem em risco, presentemente, essa autonomia, conquistada pelo povo. O Governador udenista terá, ao con-

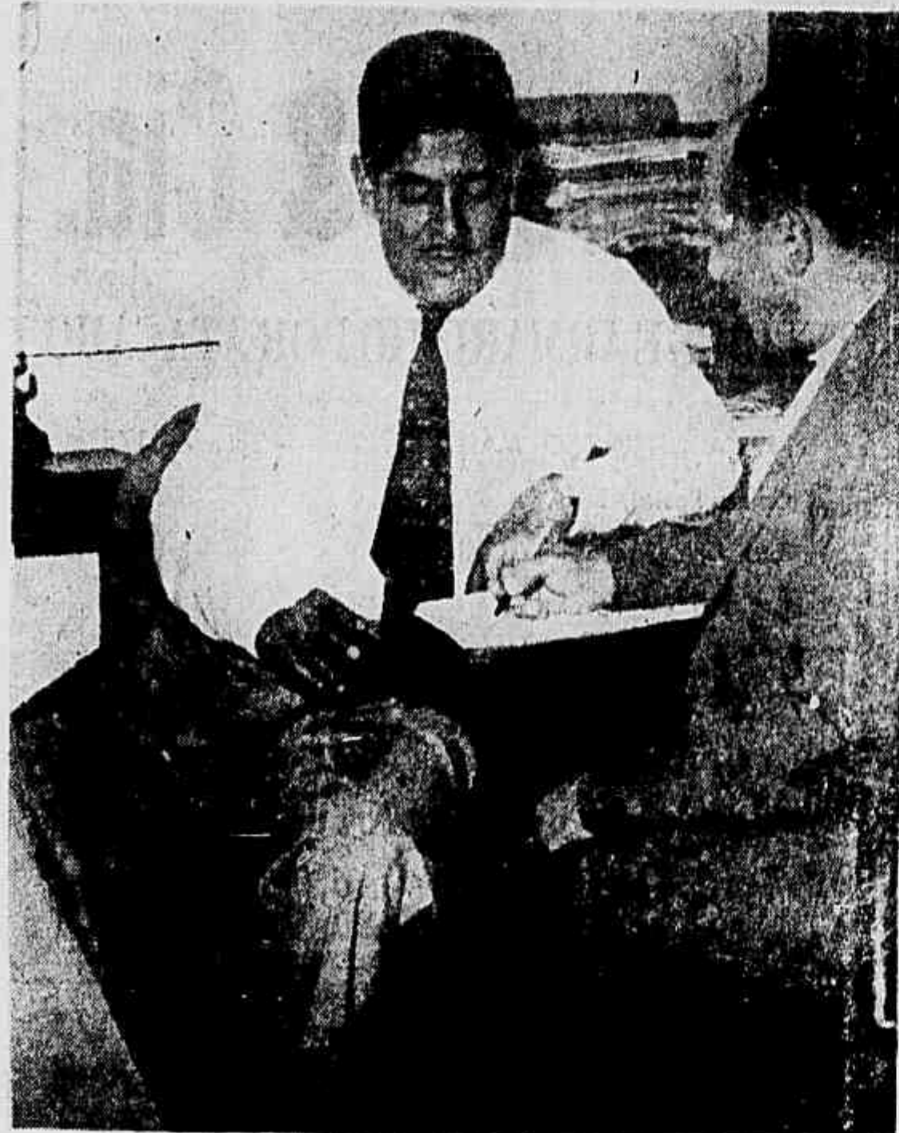
trário, que responder perante o povo carioca pelas conseqüências de seus atos prepotentes e ilegais.

Defender a legalidade

O dep. Hércules Correia termina do seguinte modo suas declarações:

«É necessário que os verdadeiros democratas, acima de todas as possíveis divergências, se unam para a defesa da legalidade democrática, em nosso Estado, forçando o Governo do sr. Lacerda a recuar de seus propósitos e a respeitar e fazer cumprir a lei. O que defendemos é a legalidade constitucional, é o cumprimento da lei federal que deu estrutura ao Estado da Guanabara. Invadir uma Assembléia Legislativa e cassar mandatos constituem crimes contra a Constituição e representam perigosos precedentes. Não discutimos, no caso, os méritos ou deméritos de quem quer que seja: lutamos em defesa da legalidade democrática, hoje seriamente ameaçada pelo Governo do sr. Carlos Lacerda.

Penso — conclui o dep. Hércules Correia — que essa é uma luta do povo carioca, que deve ser travada não só no Parlamento, mas nas organizações democráticas e populares e nas ruas e praças públicas. É necessário que o povo carioca impeça, desde já, que o sr. Carlos Lacerda leve avante os seus planos de instaurar o arbitrio e a prepotência em nosso Estado.



Hércules é contra cassação dos mandatos

O deputado Hércules Correia dos Reis, que na foto é visto sendo entrevistado por NR, pronunciou-se contra a cassação do mandato legítimo dos vereadores e alertou o povo carioca contra os desmandos do governador

Link Provou: Técnicos da Esso Nunca Darão Petróleo à Petrobrás

«Eu sabia que isto aconteceria. Mas talvez agora os brasileiros encarem sua situação em petróleo de um ponto-de-vista econômico, e não político».

Com esta declaração, reproduzida na última edição da revista norte-americana «Time», Mr. Walter Link anunciou seu propósito de fugir do Brasil, num avião a jato. «É o meio mais rápido de sair daqui» — acrescentou ele, adiantando mesmo a data da partida: 30 de dezembro.

Mr. Link não poderia encontrar maneira mais descarada de confirmar a veracidade da acusação de crime de sabotagem à Petrobrás, que pesa sobre ele. Além de saber que «isto» — ou seja, a denúncia da sabotagem — aconteceria, o que é uma maneira de reconhecer o seu papel de espião, ele não preocupava sequer em protestar inocência; sua preocupação, pelo contrário, é a de fugir o mais depressa possível do país, antes que o agarrem.

O mais grave, porém, é que Mr. Link confessou, através do «Time», sua hostilidade à Petrobrás. Já em agosto de 58, pela mesma revista, ele se declarou contrário à política do monopólio estatal, na qual via um «erro». Agora, com despedida e último conselho aos brasileiros, condena o caráter político dado ao problema do petróleo em nosso país e recomenda o puro e simples abandono da Petrobrás, pois ninguém ignora o que um entreguista pretende quando fala em «encantar o petróleo de um ponto-de-vista econômico»: é entregá-lo aos trustes.

As provas que a recente parlamentar Nacionalista acumula contra ele, e que serão documentadas na Comissão de Inquérito instalada na Câmara Federal, Mr. Link acrescenta assim seu próprio depoimento. Na melhor das hipóteses, ele é um inimigo confesso do monopólio estatal e da Petrobrás, ideologicamente incompatibilizado para servir num posto de vital importância para a empresa, como a chefia do seu Departamento de Pesquisa. Nem a empresa podia contratá-lo, nem ele podia aceitar o contrato, a menos que tivesse o propósito de sabotar.

Tudo leva a crer que a última hipótese seja a verdadeira. Depois de servir à Esso, durante trinta anos, nos Estados Unidos, Mr. Link continuou servindo à Esso, no Brasil, com a tarefa de «provar» que aqui não existe petróleo. E a atitude desavergonhada assumida pelo «Estado de São Paulo» e por «O Globo», nos últimos dias, prova que foi exatamente esse o sentido do trabalho do técnico lanque na Petrobrás.

Depois de passar alguns anos com o rabo entre as pernas, às vezes até dizendo-se «fiéis defensores» da Petrobrás, aqueles velhos rãbulas da Standard Oil na imprensa brasileira agora criaram coragem e passam a atacar abertamente o monopólio estatal, com

base no trabalho de Link. O «Estado de São Paulo, em editoriais quase diários, procura lançar o descrédito sobre a empresa do Estado, à qual se refere como um «fracasso» e, mesmo, «um monstro» que é preciso liquidar. «O Globo», de seu lado, exulta de alegria; «ate agora a Petrobrás só em mínima parte colimou seu objetivo fundamental: achar petróleo brasileiro», diz ele, sugerindo que o erro não está na execução da política do monopólio estatal, como afirmam os nacionalistas, e sim na própria política.

Trata-se, portanto, de uma nova e bem articulada trama, inspirada pela Esso, e que não visa apenas à liquidação da Petrobrás. O empenho com que a imprensa alugada pela Esso está defendendo a direção da Petrobrás mostra que o objetivo imediato da trama se satisfaz com a continuação do «status quo» — como, aliás, tem prometido o gal. Sardenberg; que, no lugar de Link, fique um igual a Link, embora seu nome possa ser Lange ou outro qualquer, com a condição de que se mantenha a mesma equipe, com as mesmas concepções técnicas de quem está decidido a não encontrar petróleo no Brasil. Assim, estará assegurado o fracasso da Petrobrás no setor realmente fundamental de sua atividade — e nisso «O Globo» tem razão — que é o setor da pesquisa.

Dai a necessidade de que os nacionalistas concentrem seus esforços na exigência de uma completa revisão dos métodos e concepções da direção da Petrobrás, no que toca ao Departamento de Pesquisas da empresa. Neste problema, não há conciliação possível com os trustes, e atitudes como a do sr. Jesus Soares Pereira, que se diz nacionalista mas procura — em artigos que publica em «Última Hora» — justificar a atual equipe e a atual política de pesquisas da Petrobrás, abrigando supostos «riscos naturais» de petróleo, fazem exatamente o jogo da Esso.

A Petrobrás não estará livre dos trustes enquanto não descobrir novos e grandes campos de petróleo no Brasil; e não descobrirá petróleo, além do que já está jorrando na Bahia, enquanto contratar técnicos da Esso para descobri-lo, enquanto não for buscar seus técnicos e seus equipamentos lá onde a Esso e a Shell não os controlam: na URSS, na Romênia ou, mesmo, na França e na Itália.

Farsa: a Intervenção na CTB é Para Servir à Light

A sucessão dos fatos verificados esta semana não dá mais lugar a qualquer dúvida: a «intervenção» decretada pelo sr. Carlos Lacerda na Companhia Telefônica Brasileira (Light) não passa de uma farsa. Com a encenação por ele próprio armada, o que pretende o Governador udenista não é encaminhar uma solução para o crônico problema dos telefones — que ele, na campanha eleitoral, prometia resolver no dia seguinte à sua posse — mas encontrar os melhores caminhos para servir à Light que, como é sabido, foi uma das principais fontes de recursos de sua campanha e está diretamente representada em seu Secretariado através do sr. Rafael de Almeida Magalhães, chefe do Gabinete.

A «intervenção», nos termos restritos em que foi decretada e da maneira como será feita, serve unicamente aos interesses da empresa estrangeira. Como advertiu o deputado Barbosa Lima Sobrinho, «pode até redundar numa vitória estrondosa da Telefônica». O objetivo visado pelo Governador Lacerda já está evidente: a «intervenção» foi feita para concluir com a recomendação do autofinanciamento — o esbulho que a Light tem há muito exigido, mas que lhe tem sido negado pela Câmara de Vereadores.

Primeira intervenção: uma burla

Já se pode, agora, considerar que a primeira intervenção, decretada por força da lei n.º 21 da Assembléia Estadual, não passou de um embuste. Tudo indica que a Telefônica estava informada, com antecedência, de todas as gestões empreendidas pelo sr. Lacerda. E, antes de ser publicado o decreto, já preparava a sua contestação, no mandando a segurança que imputou, distribuindo a um juiz substituto que, num prazo recorde de 11 horas, concedeu a liminar, suscitando assim os efeitos do decreto

intervencionista. O «Jornal do Brasil», órgão sabidamente ligado à Light, não pôde deixar de registrar o fato, adiantando ainda que isso «só foi possível graças à bondade do relator do pedido de mandado de segurança, desembargador Martinho Garcez Neto». Concedida a liminar, o sr. Carlos Lacerda não moveu uma palha sequer na defesa dos interesses do Estado. Nem mesmo recorreu da decisão judicial, embora tenha declarado, formalmente, que o Estado não podia reconhecer essa decisão, pois somente o Tribunal pleno tem competência para julgar ações desse tipo movidas contra o Estado.

O que desejavam Lacerda e a Light era precisamente isso: afastar de seu caminho a lei 21 da Assembléia Estadual, que preserva a intervenção total na empresa até à formação de uma empresa mista, com maioria de ações do Estado, para explorar o serviço de telefones em tráfego mútuo com a CTB. A aplicação da lei n.º 21 teria que levar, forçosamente, à denúncia de todas as bandalheiras da Telefônica e à quebra do monopólio da Light na exploração desse serviço público.

Vencida a primeira etapa, através de um maquiavélico embuste, o Governador udenista e a Light passaram a uma outra burla: a da «intervenção parcial», com base no contrato existente entre o Estado e a CTB.

«De braços abertos»

Já aqui a burla tornava-se evidente. O sr. Lacerda chamou gentilmente ao Palácio Guanabara o testa-de-ferro Antônio Gallotti, vice-presidente da Companhia Telefônica, e lhe deu ciência do texto do novo decreto de intervenção. Os jornais do dia seguinte divulgaram uma declaração oficial da Light, segundo a qual a CTB estava pronta a «aceitar a decisão do Governador e receberia de braços abertos

uma comissão que iria ser designada, embora os nomes de seus membros ainda não fossem publicamente conhecidos. Assinale-se a radical mudança de atitude da Light: enquanto em sua petição do mandado de segurança investia furiosamente contra a Assembléia Estadual, taxando de «demagógica» a Lei n.º 21 e falando em ameaça de «russificação do serviço», agora passava a desmanchar-se em mesuras e a jurar obediência ao «ilustre Governador».

É que o decreto que estabelecia a «intervenção parcial» e as medidas que logo mais seriam tomadas — e que certamente o sr. Lacerda teve a «gentileza» de antecipar ao testa-de-ferro Gallotti — representavam pura e simplesmente uma farsa.

Mais um exame contábil

Afastada pelo Governador a «intervenção completa», que teria de levar à liquidação do monopólio da Light, a intervenção decretada se reduz a mais um dos muitos levantamentos contábeis feitos na Telefônica que, além de não permitirem um conhecimento exato da situação da empresa, por se limitar apenas a uma das subsidiárias do «holding», terminam sempre por sugestões que interessam à própria Light. Essa é, infelizmente, a tradição de tais levantamentos.

No caso atual, o próprio sr. Carlos Lacerda já forneceu os principais argumentos para a defesa das pretensões da Light. Em sua entrevista do dia 12 afirmou ser «obrigação de elemental honradez reconhecer que a reforma cambial e as dificuldades de importação tenham alterado os dados do problema da concessão à CTB». Nada tem a ver com a honradez do sr. Lacerda, entretanto, o fato de que, pelo acordo de 30 de julho de 1948, a CTB se comprometia, em troca do aval do Governador ao empréstimo negociado pela Light com o BIRD, a instalar o «número que for necessário» de telefones para pôr fim à crise desse serviço público no Rio.

Além do mais, os prazos atribuídos à comissão visam mesmo não permitir sequer um levantamento mais amplo da escrita da Telefônica. O deputado Barbosa Lima Sobrinho, com a autoridade de antigo Procurador do Distrito Federal que conheceu de perto os processos de que lança mão a Light, declarou à imprensa diária: «Parece pilhéria: solução definitiva em 40 dias só a Companhia Telefônica poderá apresentar... a de sua própria autoria...»

Mas é isso, precisamente, o que quer Lacerda: que os interventores

Sindicato dos Oficiais Marceneiros e Trabalhadores nas Indústrias do Serrarias e de Móveis de Madeira do Estado da Guanabara
RUA CAMERINO, 128 — 3.º ANDAR — GRUPO 381 — RIO DE JANEIRO
1961, DE PAZ E UNIDADE DA CLASSE TRABALHADORA!

Aguramos aos trabalhadores da Indústria de móveis, serrarias e carpintarias e suas famílias um Ano Novo, de completo êxito em todas as suas aspirações e de crescente progresso em nossa querida organização sindical.

Desejamos que a paz seja mantida e a unidade e fraternidade entre a classe trabalhadora seja ampliada e fortalecida.

A DIRETORIA:
José Amaral de Meneses, Sebastião Alves Magalhães Sobrinho, Sebastião Alves da Silva, Ivo Barbosa Moure, Geraldo Majeia da Costa e Roberto Moreira.

Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Produtos Químicos de Niterói

Formula votos de Feliz Natal, e Próspero ANO NOVO aos seus associados, suas famílias e aos trabalhadores de todo o país, conclamando-os a luta pelo fortalecimento da UNIDADE sindical durante o ano de 1961.

Décio Corrêa, Presidente; José Paulino Pinto, Secretário; Severino Antônio do Nascimento, Tesoureiro e Alócio José de Araújo, Procurador.

Johnson & Cia.

TECIDOS E ARMARINHO POR ATACADO

PRAÇA GENEROSO MARQUES, 26 — TEL.: 4-6175
Caixa Postal, 286
End. Telefônico — JOHNSON
Curitiba — Paraná

Cumprimentam seus fregueses e amigos pelo transcurso do NATAL e do ANO NOVO, augurando-lhes um próspero 1961.

SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS MECÂNICAS E DE MATERIAL ELÉTRICO DO RIO DE JANEIRO

Palácio do Metalúrgico — Rua Ana Néri, 152 — Pedregulho
RIO DE JANEIRO

AOS TRABALHADORES METALÚRGICOS

A Diretoria e a Comissão de Sindicalização do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado da Guanabara, conclamam a todos os companheiros da corporação, não sindicalizados, a ingressarem em nosso quadro social, atendendo assim ao apelo da II Conferência Sindical dos metalúrgicos, realizada em março de 1959, no sentido da sindicalização de 10.000 novos componentes da nossa categoria profissional.

Visa este apelo, trazer para o quadro social do nosso Sindicato mais da metade dos 60.000 metalúrgicos do Estado da Guanabara e das nossas bases territoriais, o que será um importante passo para o fortalecimento da nossa corporação, e mais eficiência para enfrentarmos as batalhas de 1961

Aproveitando a oportunidade, a Diretoria e a Comissão de Sindicalização, ao ensejo das comemorações de mais um Natal, data magna da cristandade, e ao alvorecer do ano de 1961, saúdam os companheiros metalúrgicos, os trabalhadores em geral e suas famílias, desejando-lhes muitas felicidades e um Ano Novo pleno de conquistas.

Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 1960.

A DIRETORIA E A COMISSÃO DE SINDICALIZAÇÃO

Crediário Progresso

Jóias — Relógios — Artigos para Presentes
Travessa Oliveira Belo, 29 — Fone: 4-8549 — Curitiba - Paraná

Saúda seus amigos e clientes desejando-lhes um FELIZ NATAL e Próspero ANO NOVO

ASSINE:

Revista mensal, profusamente ilustrada com fotografias, desenhos e lâminas adicionais em cores.

— Publica artigos de destacados especialistas em economia, ciência e técnica, literatura e cinema, música e teatro, arte e arquitetura da URSS e informa amplamente sobre a vida do povo soviético.

— Mantém seus leitores ao par das controvérsias e polémicas que se dão na URSS.

Assinatura anual Cr\$ 300,00 via aérea.

Cultura e VIDA

Pedidos acompanhados de cheque ou vale postal à:
AGÊNCIA INTERCAMBIO CULTURAL
JURANDIR GUIMARÃES
RUA DOS ESTUDANTES, 84 — SALA 28
TELEFONE: 37-4983 — SÃO PAULO



Dizem que é uma antena

Nos céus e nos mares da costa sergipana têm sido observados objetos estranhos. Na foto vemos um deles, que a Embaixada americana diz uma antena de submarino.

NR em Sergipe

SERGIPE VIROU CENTRO DE RECUPERAÇÃO DE TELEGUIADOS DOS EUA

ARACAJU, dezembro (do Correspondente) — Pescadores sergipanos têm avistado, constantemente, navegando nas costas do Estado, navios da classe do «Timber Hitch», do «Air Force Missile Test Center», dos Estados Unidos, com missão de localizar teleguiados, recolher informações, e gravá-las. Os barcos dessa classe, que vêm operando há já algum tempo na área do Atlântico Sul e em águas brasileiras, atuam também como localizadores dos cones dos foguetes lançados de Cabo Canaveral, que recolhem para depois enviar aos Estados Unidos.

Zona de objetos "estranhos"

A movimentação inusitada nas costas sergipanas, verdadeiro centro de operações da marinha norte-americana, já tem sido denunciada por inúmeros jornalistas. Por várias vezes o radialista Silva Lima, da Rádio Liberdade, denunciou a presença de objetos estranhos nos céus do Estado. Na localidade de Nossa Senhora da Glória, recentemente foi observado pela população um estranho objeto luminoso no espaço; em Itabaianinha, um objeto desconhecido precipitou-se nas águas de um lago e, em Estância, onde numerosas esferas de material plástico foram encontradas boiando nas águas próximas à costa.

Um novo personagem

A aproximadamente 4 quilômetros da foz do rio Areal, alguns pescadores que realizavam seu trabalho no local, avistaram um objeto misterioso, que, de longe, se assemelhava a um monstro marinho. Aproximando-se dele, viram que se tratava de um engenho

eletrônico, mas completamente diferente daqueles que estavam habituados a encontrar durante os pescarias. Levaram-no para a praia e, ingenuamente, tentaram destruí-lo a golpes de machado. Advertidos de que se tratava de um engenho de guerra, resolveram entregá-lo ao prefeito de Indiaroba que, por sua vez, remeteu-o a Aracaju.

O aparelho, apesar de todas as reservas mantidas pelas autoridades, foi exposto à visitação pública e somente depois de algum tempo as autoridades norte-americanas retiraram-no de Aracaju, enviando-o para local ignorado. O aparelho foi transportado pela Cruzeiro do Sul, quando foi segurado pela quantia de 6 milhões de cruzeiros.

Explicação

Sómente com a chegada de um a missão militar norte-americana a Aracaju é que a população sergipana ficou sabendo o que era o aparelho descoberto pelos pescadores: tratava-se da rádio-antena do submarino atômico «Triton» que se desprendera da aeronave quando esta, em sua viagem ao redor do mundo, navegava nas proximidades da costa brasileira em Sergipe.

Os elementos da missão norte-americana que estiveram nesta Capital, condecoraram os pescadores Deoclécio Soares Lessa, Antônio Gonçalves dos Santos, Manoel Jacinto dos Santos e José Fernandes de Assis, que possibilitaram a recuperação do engenho.

Durante a cerimônia, o chefe da missão norte-americana informou que o aparelho, na época em que desapareceu, era o único no mundo no gênero.

NR no R. G. do Sul

Vereadores gaúchos fazem Congresso Protesto contra o alto custo de vida

Mais de setenta municípios se fizeram representar no II Congresso Estadual de Vereadores, que se reuniu de 1.º a 4 de dezembro em Porto Alegre, no salão de atos da Universidade do Rio Grande do Sul, e cujo objetivo foi plenamente alcançado: protesto dos vereadores contra o alto custo de vida.

Schroeter organizou

A iniciativa da realização do Congresso partiu do vereador porto-alegrense Alberto Schroeter, que na qualidade de presidente da Comissão de Organização foi um dos responsáveis pelo êxito do conclave. No discurso de abertura fez um apelo para que os vereadores manifestassem sua disposição de unidade na luta por medidas capazes de contribuir para a erradicação da miséria e da fome que angustiam o povo brasileiro — acima de quaisquer divergências de ordem política, filosófica ou religiosa.

Unidade prevaleceu

Realmente, desde o dia da inauguração do Congresso, com a presença do Governador do Estado, Prefeito Municipal, de Secretários de Estado, líderes sindicais e estudantes, a unidade dos diversos pontos de vista na luta antifome, prevaleceu. Os debates, por outro lado, foram intensos, o que demonstrava o interesse dos vereadores em tomar a primeira posição séria na luta contra a carestia. O próprio governador Brizola, participou dos trabalhos e fez questão de frisar como é difícil resolver o problema da carestia dentro da ordem jurídica e constitucional vigente.

Soluções imediatas

Soluções imediatas, tanto no plano municipal, como no estadual e federal, foram apresentadas em grande número. Destacam-se as sugestões para a criação do Banco dos Municípios a fim de financiar pequenos produtores agrícolas, bem como a criação de fábricas de máquinas agrícolas, de postos veterinários e agrícolas por parte do Estado.

Soluções definitivas

Depois de amplas discussões foram aprovadas medidas de longo alcance,

destinadas a sustar a alta dos preços. A ampliação do nosso comércio exterior, especialmente com os países socialistas, a rigorosa restrição da remessa de lucros das empresas estrangeiras, o monopólio estatal do câmbio, o aumento da carga tributária sobre as grandes propriedades, a legislação trabalhista para o campo, o estímulo à mecanização da agricultura, a desapropriação de qualquer indústria que cesse as suas atividades acarretando prejuízos à economia nacional, o integral apoio à política do monopólio estatal do petróleo, a ampliação e o melhoramento da rede de transportes federais, são algumas das medidas aprovadas e que os edis encaminharam aos poderes públicos, lutando pela sua efetivação imediata. Também predominou a opinião de que a atual política econômica e financeira do Governo federal é catastrófica para o povo, e principalmente tem prejudicado o Rio Grande do Sul, Estado que está em vias de se transformar num novo Nordeste.

Comissão Permanente

Foi significativa a criação de uma comissão permanente de luta contra a carestia integrada pelo presidente do Congresso, vereador Aloisio Filho (PTB), Alberto Schroeter, Milton Krause, Célio Marques Fernandes, Vereador Ribeiro e mais os presidentes das mesas redondas municipais, estadual e federal. Ao fim do Congresso os vereadores Isidoro Garcia (PTB) e Otávio Germano (PSD) fizeram importantes pronunciamentos contra a espoliação do povo, situando as causas da carestia como fundamentalmente residindo na nossa dependência em relação aos grupos econômicos norte-americanos e em nossa área econômica estrutural agrícola. Os edis concluíram sua reunião com um manifesto ao povo, em que frisam a disposição de continuar a luta, realizando em breve o Congresso de Salvação da Economia Sul-riograndense, que contará com a participação de todos os setores da produção gaúcha. Políticos, estudantes, operários e camponeses reunir-se-ão para defender a economia de seu Estado e minorar o sofrimento de seu povo.

NR no Amazonas

ITACOATIARA: POVO COMEÇOU BATALHA CONTRA CARESTIA

Itacoatiara, Amazonas (do Correspondente) — Promovidos pelos trabalhadores na indústria da Construção Civil desta cidade, realizou-se, no dia 26 de novembro, comício popular contra a carestia de vida e de protesto contra a inércia do Prefeito, incapaz de adotar medidas para coibir o abusivo aumento dos preços dos gêneros de primeira necessidade, registrado em novembro.

Todos os oradores exigiram do governo providências no sentido de suprir a população de farinha de mandioca, impedindo a exploração absurda do preço do produto, que em 10 dias havia aumentado de 100% (de 20 para 40 cruzeiros o quilo).

40,00 o quilo em outubro, subiu para 100; a carne registrou um aumento de 50%, passando de Cr\$ 60,00 para 90 o quilo; o arroz, o feijão e outros produtos registraram também aumentos consideráveis.

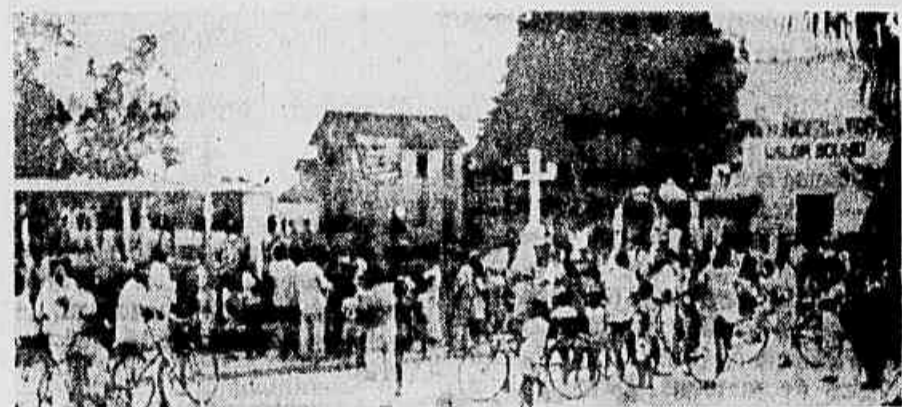
Após o comício compareceram os vereadores Jurandir Pereira da Costa, José Thomaz de Aquino e Paulo Sampaio, e os srs. Cesar Garcia, operário da construção civil, Carlos Girão de Alencar, despachante aduaneiro, e Alberto Batista, dentista. O presidente do Sindicato dos Estivadores, sr. Nilson Machado, hipotecou integral solidariedade ao movimento.

Lei do inquilinato

A Câmara Municipal desta cidade, na sessão de 14 de novembro, aprovou requerimento de autoria do vereador Paulo Sampaio, solicitando aos poderes federais, executivo e legislativo, a prorrogação da Lei do Inquilinato.

Carestia avança

A alta do custo de vida registrada no mês de novembro em Itacoatiara, apresenta números assustadores. O café em grão, que custava Cr\$..



Povo desperta

Na cidade amazense de Itacoatiara o povo começa a se manifestar nas ruas contra a onda de carestia. Um comício foi realizado (foto) e outros estão sendo programados.

NR na Bahia

SMTC PAROU 14 HORAS

A zero hora do dia 6 a população amanheceu sem elevadores e o transporte coletivo da Prefeitura. Filas enormes desciam e subiam as ladeiras da Montanha e Conceição da Praia. E' que, naquele dia, por decisão de uma Assembleia-monstro, os trabalhadores em Carris Urbanos da Cidade do Salvador, resolveram declarar-se em greve até que a Prefeitura efetuasse o pagamento do pessoal lotado no SMTC (Serviço Municipal de Transportes Coletivos).

Dezenas de entendimentos com o Prefeito Heitor Dias antecederam à decisão extrema e também dezenas foram as promessas de uma solução que atendesse aos milhares de trabalhadores que passavam fome, muitos deles com salários de Cr\$ 4.500,00 mensais.

Cansados e esgotados, resolveram parar e pararam unanimemente. Nenhuma defeção.

Encontrando-se em Brasília, mas inteirado da firmeza do movimento, o Prefeito pleiteou um empréstimo junto ao Banco da Bahia, o que determinou a suspensão da parêde. Eram 14 horas. Os elevadores e ônibus da Prefeitura voltaram à vida normal e os trabalhadores haviam conquistado uma vitória fabulosa, graças à unidade e à justiça de suas reivindicações.

O escândalo do ano: carne verde Cr\$ 145,00 o quilo

Acaba de ser consumido oficialmente o maior assalto à bolsa do povo. A carne verde que era vendida a Cr\$ 100,00 o quilo (sem osso), subiu, graças a omissão do Governo e o suborno da COAP, para 145 cruzeiros. Com essa manobra revoltante, os tubarões da carne verde terão de lucro líquido apenas 45 milhões de cruzeiros.

Denunciando o escândalo num dos comícios realizados domingo passado, afirmou o dr. Aristeu Nogueira Campos, em nome da Comissão Contra a Carestia de Vida, recorrendo a dados fornecidos por pessoas do próprio Frigorífico São Francisco S.A., que um boi de 15 arrobas proporciona um lucro líquido de Cr\$ 3.000,00, à base do preço antigo (85,00 o quilo). Ora, multiplicando-se essa importância por 5.000 bois abatidos mensalmente, chega-se a conclusão de que os abatedores têm um lucro líquido mensal de Cr\$ 15.000.000,00 (quinze milhões). Esse aumento passa agora à casa dos 45 milhões.

Lamentável é a posição do governador Juracy Magalhães que se satisfaz com declarações pomposas e promessas de soluções, mas se omite, na prática, ao declarar que o problema da carne verde é da alçada do governo federal. E nós acrescentamos: e a especulação dos tubarões da Bahia, também, governador.

O escândalo vem repercutindo na opinião pública que já se mobiliza para derrotar o conluio tramado e consumado dentro da própria COAP, dirigida agora pelo sr. Camarinho. Pretostos idênticos se fizeram notar na Assembleia Legislativa e Câmara Municipal,

ao ponto de se exigir a demissão do sr. Camarinho.

Secretaria do trabalho

Líderes sindicais, representando todos os sindicatos do Estado, prepararam-se para discutir conjuntamente a mensagem do Governo que pede a criação da Secretaria do Trabalho. As opiniões nos meios sindicais dividem-se, no momento. Consideram uns que não se deve opor à iniciativa do Governo, desde que ela não atente contra a autonomia sindical. Outros, no entanto, julgam-na desnecessária e injustificável. Alegam que essa Secretaria, mesmo que não seja seu fim, veladamente, através de líderes sindicais partidários do Governo, terminará intervindo no movimento sindical, ocasionando sua própria fraqueza. E, perguntamos, a quem interessará a fraqueza do movimento sindical? Aos trabalhadores? E' claro que aqueles que temem a unidade dos trabalhadores, porque não podem bitalar suas lutas aos seus interesses demagógicos e pessoais.

"O Sondador": jornal dos petroleiros

Por iniciativa de um grupo de ativistas do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Extração de Petróleo da Bahia, acaba de sair o primeiro número de um jornalzinho que vem alcançando, apesar de todas as suas limitações, imensa repercussão nos meios sindicais.

Afirma-se mesmo que o SONDADOR inicia o ciclo dos jornais de empresa.

Diretor
Mário Alves
Diretor Executivo
Orlando Bomfim Júnior
Redator Chefe
Fragmon Borges
Secretário
Luiz Fernando Cardoso
Gerente
Guttenberg Cavalcanti
Redatores

Renato Arena, Paulo Motta Lima, Nilson Azevedo, Fausto Cupertino, Rui Facó, Solon Pereira Neto

Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar, S/1712 — Tel: 42-7344
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar S/905

SUCURSAL DE S. PAULO
Rua 15 de Novembro, 228
8º andar — S/827
Tel: 37-52 64

Endereço telefônico —
"NOVOS RUMOS"
ASSINATURAS

Annual	Cr\$ 500,00
Semestral	" 250,00
Trimestral	" 130,00
Aérea anual, mais	" 200,00
Aérea semestral, mais	" 100,00
Aérea trimestral, mais	" 50,00
Número avulso	" 10,00
Número atrasado	" 16,00

Notas Sobre Livros

A MISERIA E NOSSA — Tal o título do último panfleto de Gondim da Fonseca, em cujas páginas ardentes são debatidos alguns dos principais aspectos da grande campanha nacionalista, em que se empenham crescentes camadas do nosso povo.

A publicidade política, criação tipicamente lanque, é toda ela organizada em termos de publicidade comercial, tendo em vista a "promoção" em larga escala do seu produto — no caso um candidato e seu programa.

Gondim da Fonseca entra em cheio, depois, no campo das manhas e artilharias do entreguismo, denunciando as manobras que visam à liquidação da Petrobrás, e mostrando pão-pão-queijo-queijo o que significa para o Brasil o domínio das trustes imperialistas sobre setores tão importantes da economia nacional como sejam a energia elétrica, a indústria automobilística, a cultura e o comércio do algodão, a indústria farmacêutica, etc.

O panfleto não esbraveja nem agita as mãos vazias: pelo contrário suas mãos estão cheias de dados, cifras, fatos, provas, documentos. Seus ódios são ódios patrióticos, ódios contra a monstruosa máquina imperialista montada em nossa terra com a conivência de entreguistas e mercenários que traem a própria Pátria.

"Pense no Brasil, que é a sua Terra. Você não tem outra. E ela precisa de você. Observe que atualmente a riqueza é deles (dos entreguistas e dos gringos colonizadores) e que o Brasil dia a dia se exaure: roubam-lhe o manganês, o ferro, o níquel, os minerais atômicos. So a miséria é nossa!"

Onde Gondim da Fonseca não tem razão é quando, já na última página do panfleto, escreve que o povo brasileiro — "pelo seu temperamento, pela sua tradição familiar, pelo seu modo de encarar a vida" — é infenso a "violentas lutas de classes".

O movimento nacionalista brasileiro é uma aliança de classes — proletariado, campesinato, burguesia, pequena-burguesia, lavradores ricos e pobres e até certos setores de latifundiários — e esta aliança é imposta pela necessidade tática de enfrentar e combater o inimigo comum, que é o imperialismo, especialmente o imperialismo norte-americano e seus agentes internos, que chamamos de entreguistas.

PAPEL DO CRONISTA

Há os que dizem: Não faça crônicas políticas, você sabe, há os cronistas especializados e no seu caso fale-nos apenas do cotidiano, das coisas da vida. Claro que você pode falar do preço da carne, da falta d'água, disto e daquilo, mas não faça propriamente crônicas políticas.

Quando o cronista é um maria-val-com-as-outras, está claro que as opiniões influem, ele vacila nos seus alicerces, fica sem saber que posição tomar.

Um dia uma revista elegante pediu-me uma crônica sobre o sweepstake. Que sei eu de corridas de cavalos? Disse que era impossível, não só porque jamais entrei no Joquei Clube como porque não tenho na minha intimidade nem joqueis nem cavalos.

No atual momento brasileiro que nada tem de solene, digam, posso eu falar em pur-de-sóis? Posso cantar meus oito anos já tão longe? Posso contar a beleza da cidade? Perdõem então quando estas crônicas não tiverem o tom de distração e sossego.

Esta entidade, nesta oportunidade, une-se aos demais trabalhadores na comemoração das festas de fim de ano, desejando-lhes boas festas e felicidade no novo ano que desponta, unidos por dias melhores.

EDITORA LITERO-TÉCNICA
PAPELARIA — IMPRESSOS — ENCADERNAÇÃO
ORLANDO CECCON
Curitiba — Rua Alferes Poli, 299 — Paraná
CUMPRIMENTA SEUS CLIENTES E AMIGOS, DESEJANDO-LHES FELIZ NATAL E PRÓSPERO ANO NOVO

A ACADEMIA DE LETRAS EM ILHEUS

A Academia de Letras de Ilhéus convidou na semana passada o professor tcheco Zdenek Hampels para fazer naquela cidade uma conferência sobre a literatura tchecoslovaca. O prof. Hampels esteve três dias na terra do cacau, visitando também Itabuna.

De regresso ao Rio, nos enviou a crônica que reproduzimos hoje sobre a Academia de Letras de Ilhéus.

Um dos traços característicos da atual vida cultural brasileira parece ser a sua descentralização e penetração em lugares que, até pouco tempo, viviam na sombra da febril atividade literária e cultural das grandes cidades.

Agora, devido à iniciativa do poeta Abel Pereira, cuja COLHEITA (livro dos 'chaicás', merecidamente apreciado por Cassiano Ricardo e vários outros críticos e poetas brasileiros, saiu à luz, na Simões, em 1956) tem já uma agremiação que reúne os melhores intelectuais da cidade e da região, promovendo uma série de interessantes empreendimentos culturais.

Num período de aproximadamente um ano conseguiu Abel Pereira

despertar interesse pela realização da sua idéia, elaborar os estatutos da Academia, conseguiu o seu reconhecimento oficial por parte das autoridades municipais e uma subvenção, necessária para o prosseguimento das suas atividades e para organizar uma série de conferências, lançamentos e comemorações que, na cidade, desprovida, até então, de uma atividade cultural organizada e planejada, têm uma justa repercussão.

O recente concurso literário, do qual saiu vitorioso o livro "Onze sonetos" de Bruno de Menezes, chamou a atenção dos meios intelectuais extraestaduais para essa importante cidade baiana. O nome de «Academia de Letras», implica, geralmente em alguma coisa fechada, desligada da vida quotidiana, em suma: acadêmica.

Ao relatar-mos a reunião dos neoneoconatos, nos TÓPICOS da semana atrasada, registamos a presença e o aparte de Roberto Bandeira, mas por um lapso, o nome escrito foi o de Rangel Bandeira, que não esteve no Ex-Ministério da Educação.

Tópicos Típicos

No O GLOBO de 17-11-60, dona Zora Seljan escreveu sobre a peça de Oduvaldo Vianna Filho "A Mais-Valla Vai Acabar, Seu Edgar" e, lá pelas tantas, chegou à espantosa conclusão de que hoje

"ninguém mais fala na "mais-valla", do bandido secreto da sociedade capitalista descoberto por Marx, que tanta popularidade teve na casa dos vinte e trinta".

Prá começo de conversa, observamos que a declaração é feita num comentário a uma peça onde se fala justamente de... mais-valla.

Dona Zora, com a sua dupla responsabilidade de autora e crítica teatral, deveria ser menos superficial em suas análises. A importância cultural do marxismo terá decrescido a partir de 1930? Ou a teoria marxista da mais-valla já é considerada superada dentro mesmo do marxismo?

Zero para a senhora, dona Zora.

O venerando cidadão que escreve no "Correio da Manhã" sob o deprimido pseudônimo de "All Right" elogiou, sábado último, o testemunho de não menos venerando senador Fernandes Távora sobre a China de Mao-Tse-Tung.

O senador Távora, regressou da nova China com uma opinião diferente da dos outros cento e tantos brasileiros que a têm visitado; viu e que os demais não viram, isto é, pobreza, atraso, opressão, etc. Observou o que os demais não observaram, isto é, que na China "a nossa sensibilidade democrática é contantemente atingida por atos e fatos desagradáveis".

Mas a verdade é que Mao-Tse-Tung não se aborreceu com isso. O caso do donzel "All Right", porém, é mais grave do que o de dona Zora Seljan: não denota apenas superficialidade ou irresponsabilidade.

Ao relatar-mos a reunião dos neoneoconatos, nos TÓPICOS da semana atrasada, registamos a presença e o aparte de Roberto Bandeira, mas por um lapso, o nome escrito foi o de Rangel Bandeira, que não esteve no Ex-Ministério da Educação.

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas do Rio de Janeiro
SEDE: AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, 529 — 9.º ANDAR
No ensejo de mais uma comemoração da maior data de Cristandade, a Diretoria deste Sindicato soude a Classe Gráfica e todos os trabalhadores em geral, desejando-lhes Feliz Natal e próspero Ano Novo.

PARA 1961 ASSINE:
Agora mensal, maior número de páginas, mais colorida e mais bonita!
AGÊNCIA INTERCAMBIO CULTURAL JURANDIR GUIMARÃES
Rua dos Estudantes, 84 — sala 28
Telefone: 37-6983 — São Paulo

ASSINE:
PEKING REVIEW
DIALECTICS: THE ALGERIA OF REVOLUTION
AGÊNCIA INTERCAMBIO CULTURAL JURANDIR GUIMARÃES
Rua dos Estudantes, 84 — sala 28
Telefone: 37-6983 — São Paulo

Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários e Anexos do Rio de Janeiro
Sede: Rua Camerino 66 — Fone 43-3101
DESEJA AOS SEUS ASSOCIADOS E ÀS SUAS FAMÍLIAS UM FELIZ NATAL E UM PRÓSPERO ANO NOVO, DE LUTAS POR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA E AMPLAS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS ESTIVADORES
FUNDADA EM 19 DE FEVEREIRO DE 1940
Sede: RUA SANTA LUZIA, 173 — 7.º ANDAR (SALAS 702 E 703)
RIO DE JANEIRO ESTADO DA GUANABARA
MENSAGEM
Na passagem da data de 25 de dezembro de 1960, a Federação Nacional dos Estivadores, nesse dia tradicional de festas, dirige-se a todos os sindicatos de estivadores do Brasil, a seus diretores, associados e familiares, desejando-lhes feliz Natal e próspero Ano Novo.

Sindicato dos Empregados no Comércio Hoteleiro e Similares do Rio de Janeiro
Sede: Rua do Senado, 264-266 — Fones: 32-3607 e 32-2185 — Estado da Guanabara
Mensagem de Fim de Ano aos associados e seus familiares
Ao desejar um Feliz Natal e um próspero Ano Novo a todos os associados e seus familiares, a Diretoria do Sindicato, concita a todos à continuarem, no ano que se avizinha, a nos dar a mesma colaboração que nos foi dada no decorrer deste, sem o qual não teríamos obtido os êxitos alcançados e não atingiríamos os objetivos desejados, por todos, no Ano Novo que se aproxima, pois que, na medida que vamos exigindo com mais freqüência o respeito aos direitos dos trabalhadores assegurados em lei, e vamos colocando na ordem do dia, novas reivindicações, os empregadores se enfurecem e voltam seu ódio de classe contra nossa organização, o que exige a colaboração de todos, para que, no futuro, a nossa vida seja mais condigna com nossas condições de trabalhadores e nas nossas mesas haja mais fartura.

Sindicato Nacional dos Tafeiros, Culinários e Panificadores Marítimos
Adaptado ao regime vigente em 5-11-41 de acordo com o Decreto-Lei 1402 de 5-7-40 e fundado em 22-6-31
R. Senador Pompeu, 122-1º — Edifício Próprio — Tel. 43-0349 — Rio de Janeiro — E. da Guanabara — Assistência JURÍDICA, FUNERAL E LUTO — End. Tel. TAICUPAM
RIO DE JANEIRO, 5 DE DEZEMBRO DE 1960.
O SINDICATO NACIONAL DOS TAFEIROS, CULINÁRIOS E PANIFICADORES MARÍTIMOS, deseja aos associados e Exmas. Famílias um feliz natal e que o ano de 1961 lhes seja propício e lhes traga maior bem-estar.

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA DE FIAÇÃO E TECELAGEM DE SÃO BERNARDO DO CAMPO

RUA SANTA FILOMENA, 373 — FONE: 43-1761

Presidente: José Cesário Fernandes

Secretário: Mário Gironde

Tesoureira: Adelina Barbalto

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA DE LATICÍNIOS E PRODUTOS DERIVADOS DO AÇÚCAR E DE TORREFAÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ DE SÃO PAULO, MOGI DAS CRUZES E SÃO ROQUE

Rua João Jacinto, 23 — Fone: 36-8307

Presidente: Luiz Tenório de Lima; vice: Diogo Ruiz; 1º secretário: João Posso Prado; 2º sec.: Aldinoan Paes de Freitas; 3º sec.: Edgard Sabino Soares; Tes.: Santos Bobadilha; 2 tes.: Alexandre Rodrigues. Conselho Fiscal: Manoel Guilherme Neto, José Lourenço dos Santos e Romão Oliveira da Silva

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Santo André

Sede: Rua D. Gertrudes de Lima, 202 — Fone: 44-4068

Marcos Andreotti, presidente; Miguel Guillen, vice-presidente; Philadelpho Braz, secretário-geral; Amelio Paulo Tochio; 1º secretário: Onofre José Ferreira; 2º secretário: Ernesto Cerraini, tesoureiro. Conselho Fiscal: José da Cruz, Guerino Finamore, Firmino Ricardo da Silva. Suplente: Juvenal Fontanella

Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Carnes, Derivados e do Frio de Santo André, Osasco, Barueri, São Caetano do Sul e Itapevi — Sede: Rua Dronsfield, 69, 2º Fone: 50166

Presidente: Romildo Chiaparin; vice: Ordes Raimundo; 1º secretário: Simão dos Santos; 2º secretário: Iorolav Mirava; 1º tes.: Mario Rodrigues; 2º tes.: Rubens Hoffman; Bibliotecário: José Clementino Ferreira. Conselho Fiscal: Benedito Diniz, Firmino dos Santos e José Bispo de Rezende.

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas de Santos e São Vicente

Sede: Rua Bras Cubas, 68 — Fone 2-8729 — Santos

Diretoria:

Orlando Sposito, Luiz Vicente, Tulio J. Príncipe, Humberto Roberto e Anibal Nascimento

Suplentes: Manoel Duarte, Francisco O. R. Magalhães, João Batista Gomes, Valdemar R. Nascimento e Sebastião A. Moreira — Conselho Fiscal: Cristovam Sevilhano, Roberto Gomes e Alexandre Napoleão Vaz

SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS MECÂNICAS E DE MATERIAL ELÉTRICO DE S. PAULO

Rua do Carmo, 171 Tels.: 33-1141 — 33-1142 — 33-1143 — 33-1144

REMO FORLI — Presidente
JOSE DE ARAUJO PLACIDO — Vice-Presidente
JOSE BUSTOS — Secretário-Geral
AFFONSO DELELLIS — 1º Secretário
ALDO LOMBARDI — 2º Secretário
JOSE GOMES DE SOUZA — 1º Tesoureiro
MERMETO MENDES DANTAS — 2º Tesoureiro
ALBANO NERY SECCO — Conselheiro Fiscal
GERALDO BATISTA RIBEIRO — Conselheiro Fiscal
CONRADO DEL PAPA — Conselheiro Fiscal.**SINDICATO DOS EMPREGADOS EM ESTABELECIMENTOS BANCÁRIOS DE SANTO ANDRÉ**

Rua Dr. Campos Sales, 128, 1º and. sala 26/7 — Fone 44-1127

SANTO ANDRÉ

Diretoria

Presidente: Lincoln dos Santos Nilo; vice-presidente: Paulo Machado Lima; secretário-geral: Ethevaldo Mello de Siqueira; 1º secretário: Angelo Crusco; 2º secretário: Sidney Lambert; 1º tesoureiro: José Ribamar Figueiredo Gomes; 2º tesoureiro: José Benedito da Silva.

Conselho Fiscal

Samoil Eid, Ignácio Tondela e Manuel Soares de Castro

Representantes Junto à Federação

Lincoln dos Santos Nilo, Ethevaldo Mello de Siqueira e Angelo Crusco.

AO ensejo das festas natalinas e a aproximação do Ano Novo, os sindicatos de São Paulo, as Associações, bem como as Federações, por intermédio de NOVOS RUMOS levam aos seus associados e aos demais trabalhadores — da cidade e do campo — e a todo o povo brasileiro, sua saudação fraternal e calorosa, desejando-lhes melhores dias.

Que o ano que vai nascer seja o de novas vitórias para a classe trabalhadora no âmbito das conquistas sociais e realmente abra, para o povo brasileiro, os caminhos de sua emancipação econômica em um clima de liberdade e democracia.

Que o ano de 1961 seja o da maior confraternização entre os povos, o da unidade cada vez mais firme e poderosa dos trabalhadores do Brasil e do mundo inteiro em torno do ideal da paz, a fim de que a humanidade possa, afastado o perigo de guerra, alcançar, com o concurso da ciência e da técnica, novos níveis de progresso.

Que o ano que se avizinha afirme a superioridade do trabalho sobre a exploração, da cultura sobre a ignorância, da liberdade sobre a escravidão, da paz sobre a guerra.

São Paulo, dezembro de 1960.

Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Vidro, Cristais e Espelhos no Estado de São Paulo

Sede social: R. Monsenhor Anacleto, 70 — Fone: 33-7735.

Diretoria: José Chediak, Albertino Santos Alves, Victorino Marreiro Bueno, Alfredo Rendolph e Santo Camilo. Conselho Fiscal: Venâncio Ferreira de Moura, Geraldo Anésio da Silva e José Caravarlido.

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Civil de Olaria, de Cerâmica para Construção, de Ladrilhos Hidráulicos, Produtos de Cimento e Oficiais Eletricistas de São Paulo

Sede social: R. Conde de Sarzedas, 304 — Fone: 36-7801.

Diretoria: José Xavier dos Santos, João Louzada, Benedito de Souza, Armando Remedi, José Cubertino de Novais. Conselho Fiscal: Sinfrônio de Souza Nunes, José Modesto de Souza e Cezar Tibúrcio da Silva.

Federação dos Trabalhadores na Indústria de Vidros, Cristais e Espelhos no Estado de São Paulo

Diretoria: José Chediak, Cecílio Domingues Neto, Antônio Gaban. Suplentes: José Batistella, Sérgio Adalberto Viola e Waldemar Lescio. Conselho Fiscal: Jayme Augusto, Albertino Santos Alves e Francisco Polidoro. Suplentes: Antônio Alveu, Domingos Pinto Filho e Alcides Ferreira.

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas e Farmacêuticas de São Paulo

Sede social: R. 25 de março, 144, 1º andar — Fone:

Diretoria: Adelço de Almeida; Júlio Avila, José Ferreira da Silva, Fidelcino Queiroz dos Santos, Manoel Montanhani, Gabriel Alves Viana, Floriano Francisco Dezen. Conselho Fiscal: João Batista Rosa Jr., Antônio Pereira da Mata e Eugênio José de Souza.

União dos Ferroviários da Estrada de Ferro Sorocabana

Sede social: R. General Osório, 188, 9º andar, Fone: 35-9958

Sede social: R. General Osório, 188, 9º andar — Fone: 35-9958.

Diretoria: Guarino Fernandes dos Santos, presidente; João Batista Domene, vice-presidente; Coaracy José de Souza, secretário-geral; Admar Figueiredo, 1º secretário; Massilan Bueno, 2º secretário; Francisco Gomes, 1º tesoureiro e Waldi Diniz, 2º tesoureiro. Conselho Fiscal: Armando Carvalho, Waldomiro Cobo e Jacomo Totta.

SINDICATO DOS EMPREGADOS NA ADMINISTRAÇÃO DOS SERVIÇOS PORTUÁRIOS DE SANTOS

Sede: Rua Júlio Conceição, 91 — Fone: 2-8731 — SANTOS — S. Paulo

DIRETORIA

WALDEMAR NEVES GUERRA — Presidente
VITÓRIO SESSA — Vice-Presidente
FELIPE RAMOS RODRIGUES — Secretário-Geral
OSVALDO LOURENÇO — 1º Secretário
JULIO BARREIROS DE SOUZA — 2º Secretário
SERGIO MARTINS — 1º Tesoureiro
ALBERTO PIRES BARBOSA — 2º Tesoureiro

SUPLENTE DA DIRETORIA

Antônio Bruno; Manoel Louzada; Benedito Fialho; Osmar Oswaldo Ferreira; Luiz de Oliveira Marinho; Homero Pereira Soares; Osny Nery dos Santos.

CONSELHO FISCAL

Afonso Neves Guerra; Paulo Ferreira Lima; Arlindo Jorge Mathias.

SUPLENTE DO CONSELHO FISCAL

José Andrade; José Gomes Júnior; Rivaldo Abelha Pupo.

Delegados ao Conselho de Representantes da Federação Nacional dos Portuários: Waldemar Neves Guerra; Vitorio Sessa; Felipe Ramos Rodrigues

Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem de Sorocaba — SOROCABA

Presidente: Celso Ferraz; secretária: Ana Bonito; tesoureiro: Antônio Navarro. Suplentes: João dos Santos Pereira e José Rodrigues Reche. Conselho Fiscal: Santos Martins, Carlos Del Rio e Ramon Rodrigues. Suplentes: Miguel Marciano de Paula, José Júlio do Nascimento e Vicente Soler Simão.

Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Materiais Elétricos de Sorocaba — Sorocaba

Diretoria: Lásaro Toledo, Jairo de Castro, Benedito de Almeida. Suplentes: Dorival de Castro, Antônio Rodrigues Padilha e Orlando Rodrigues dos Santos. Conselho Fiscal: Dionísio de Oliveira, Tessano Bessornia e Benedito Geraldo de Lima. Suplentes: Simão José de Andrade, Miguel Rodrigues de Oliveira e Olintho Liparelli.

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário de Sorocaba

Sede social: R. Cel. Cavalleiros, 74 — Fone: 4432 — Sorocaba.

Diretoria: Plácido Mazzon, presidente; Israel Griga, secretário e Osmir Ramos, tesoureiro. Suplentes: Percio Gavaron, Pedro Apetito e Modesto Moreno. Conselho Fiscal: Antenor Leite, João Martins de Jesus e Quirino Amaro da Silva (falecido)

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias de São Paulo

Sede social: R. Santa Ifigênia, 591/601 (sede própria) Fone: 34-3290.

Diretoria: Antônio Dozzo, presidente; João Falcocchio, 1º secretário; Geraldo Souza Pereira, 2º secretário; Pedro Barbosa, 1º tesoureiro; Mário Benedito, 2º tesoureiro; Jonas Ribeiro Rodrigues, diretor de assistência social e Antônio Petransan Filho, consultor jurídico. Conselho Fiscal: Carlos Gomes Ribeiro, João Nascimento Saraiva e Paulo Custódio.

Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de São Paulo

Presidente: Osvaldo Soares Carezzato (Banco do Brasil S/A); vice-presidente: Osório de Oliveira Campos Filho (Banco Comercial do Estado de São Paulo S/A); secretário-geral: Armando Piani Pereira (licenciado) — em exercício: Vicente de Oliveira e Silva (Banco de Crédito Real de Minas Gerais S/A); 1º secretário: Octávio Carmin Machado (Bco. da Província do Rio Grande do Sul); 2º secretário: Bonifácio Evangelista de Brito (Bco. Hipotecário Agrícola Minas Gerais S/A); 1º tesoureiro: Odílio Munerato (Bco. Estado de S. Paulo); 2º tesoureiro: Edmundo Luiz de Nóbrega Teixeira (licenciado) — em exercício: D. Maria José de Andrade (Banco do Distrito Federal S/A). Comissão Fiscal: Carlos Almeida Souza, Fernando Talamo e Milton Lara.

Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Panificação e Confeitaria de São Paulo

Presidente: Gentil Neves Correia — Secretário: Evaristo do Valle e tesoureiro: Sebastião Alves de Aguiar. Suplentes: Olimpio Antonio da Silva, Carlos Bezerra e Antônio Motta. Conselho Fiscal: Reginaldo Dias do Nascimento, Osvaldo de Oliveira Moraes e Roldão Pinheiro. Suplentes: Luiz Correia do Nascimento, Raimundo Pereira de Souza e Arlindo João Avila. Representantes ao Conselho da Federação: Adolpho Shavirin, Cosme Marinelli, Ivanil da Silva, Geraldo de Oliveira, José Batista dos Santos e Ulisses Otávio da Silva

REPRESENTANTE DE FIDEL AOS ADVOGADOS GOIANOS:

"Devolvera o Povo o Que o Povo Fêz Por Vós"

O comandante Rolando Cubela, com 27 anos apenas, veio ao Brasil representar Fidel Castro — parafininho da turma — na formatura dos bacharelados de direito de Goiânia. Cubela tem todas as credenciais para representar seu país e a revolução cubana. Lutou nas serras de Las Villas comandado por Camilo Cienfuegos e «Che» Guevara. Foi ferido em combate, no próprio dia da vitória da revolução, numa luta em que destruiu as últimas forças da ditadura pró-janque de Batista.

Depois da vitória, Cubela voltou à vida estudantil e, logo em seguida, foi eleito presidente da Federação Estudantil Universitária, que desempenha, na Revolução Cubana, um destacado papel.

O jovem comandante cubano chegou ao Rio no dia 15, seguindo imediatamente para Goiânia, via Brasília. Na capital de Goiás foi recebido como hóspede oficial. A acolhida que o povo da cidade lhe dispensou constituiu uma das manifestações mais vibrantes ali realizadas. É que Goiânia há mais de duas semanas vivia em função da formatura dos bacharelados, e em todas as partes discutia-se a vinda dos cubanos.

A greve dos aeroviários atrasou a viagem do Comandante, e ele só pôde chegar no fim da solenidade de formatura, mas ainda em tempo de fazer o discurso de encerramento.

«Vós, que obtendes agora os diplomas de advogado — disse Cubela, iniciando sua oração — adquiris uma grande responsabilidade, a de devolver ao povo, em serviços profissionais, o que o povo fez por vós. Não podeis esquecer que a Universidade em que estudastes é custeada pelos impostos pagos pelo povo».

Cubela destacou em seguida o papel dos estudantes na luta revolucionária, e se referiu a obra educacional levada a cabo pelo governo de seu país, especialmente com a criação de dez mil escolas rurais para os camponeses e de quatro mil bolsas universitárias para alunos pobres — o que constitui uma mudança radical do panorama cultural de Cuba.

Em outra importante passagem de seu discurso, Cubela afirmou incisivamente que embora a revolução cubana não seja matéria de exportação, não resta porém a menor dúvida que o seu exemplo servirá a todos os países subdesenvolvidos da América Latina. E

mais: «Os povos latino-americanos estão com o povo de Cuba, e isto é o que nos importa. Não damos grande importância ao fato de alguns governos desses países nos condenarem».

O jovem representante de Fidel Castro terminou sua oração dizendo que o entusiasmo dos habitantes de Goiânia, seu apoio à Revolução Cubana, era mais uma demonstração que as mentiras difundidas pela imprensa alugada aos trustes americanos não estão dando os frutos desejados, porque o povo, em qualquer parte do mundo, é muito, difícil de ser enganado nos dias de hoje, quando a história marcha a passos de gigante.

Cubela explicou que Fidel não pôde vir ao Brasil em virtude de suas múltiplas ocupações à frente do Governo revolucionário, mas que trazia a promessa de uma visita do primeiro-ministro cubano ao nosso país, no próximo ano.

Depois da festa de formatura, centenas de pessoas acompanharam o comandante Cubela até o hotel, dando vivas a Cuba e gritando: Cuba sim, lanque não!

Nota Internacional

NATO: compasso de espera e adeus a Herter

O adeus a Herter e o caráter apenas especulativo do comunicado final da reunião dos ministros do Exterior dos países signatários do Tratado do Atlântico Norte, realizada na semana passada em Paris, revelam as dificuldades existentes no seio da organização para se chegar a um acordo sobre as questões mais importantes, assim como a falta de clareza sobre a política exterior a ser seguida pelo presidente Kennedy. Das questões em pauta, duas despontavam como principais: a criação da força atômica do organismo e a transformação da NATO em órgão político de caráter consultivo. Pois bem, a respeito delas e contrariando a posição intelectual de Herter, exigindo a sua aprovação, o comunicado revela apenas que os delegados "tomaram nota... reafirmaram a vontade", adiante sua solução, para a próxima reunião, a se realizar em maio.

Claro está, que se a futura política do Departamento de Estado poderia influir nas decisões, as divergências, principalmente no que se refere à criação da força atômica, continuarão em virtude da posição de intransigência dos governos da França e da Inglaterra que, além de não desejarem, como potências atômicas que são, ficar sob o controle do organismo nessa questão, terão dificuldades em explicar aos seus respectivos povos, a participação dos militaristas de Bonn no controle dessa força. A proposição de Herter, pressionado por Adenauer, visava sobretudo a esse objetivo. Aos alemães de Bonn, que já dominam os postos-chave do setor militar da NATO, que já têm bases na França e na Itália, falta somente o "nihil obstat" do organismo para se apossarem do controle da força agressiva de foguetes nucleares que pretendem, eles e os seus parceiros norte-americanos, criar na NATO.

O problema político do organismo, cuja decisão também foi adlada, se inclui também no plano alemão que conta com o apoio norte-americano, e em certa medida do governo francês, interessado em que a NATO apoie a sua política argelina, de domínio dos governos associados ao Tratado, levando-os a adotar, nas questões internacionais, uma política de acordo com os interesses de Bonn e Washington, sufocando assim toda possível tentativa de decisões unilaterais e independentes.

A reunião também focalizou a questão do auxílio aos países subdesenvolvidos e coloniais, mas os delegados, mais uma vez ignoraram o problema argelino e, quando o Canadá e a Noruega tentaram levar a discussão do problema ao colonialismo, logo tiveram contra si a oposição da Bélgica, de Portugal e da Holanda e mais tarde, da França. Couve de Murville, falando sobre o assunto e com aprovação da maioria, afirmou que "a NATO devia limitar-se ao seu papel de organização da defesa europeia" (?).

INTERINO

Prefeitura Municipal de Mauá

Mensagem do Poder Executivo ao Povo de Mauá

A PREFEITURA MUNICIPAL DE MAUÁ, na pessoa do seu Prefeito Municipal, Senhor **ÉLIO BERNARDI**, não poderia, ao ensejo da Festa Máxima da Cristandade — NATAL —, e do dia de Congraçamento Universal — PRIMEIRO DE ANO —, deixar de externar ao ordeiro e laborioso POVO DESTA CIDADE — em todas as suas camadas — a mensagem sincera, leal e amiga, de **BOAS FESTAS e PROFÍCUO 1961.**

Que as **BENÇÃOS DO CÉU** cumulem o **POVO DE MAUÁ**, para que unidos possam continuar e conservar a caminhada de compreensão e progresso pela qual atravessa o nosso Município. **Mauá, Dezembro de 1960.**

ÉLIO BERNARDI
Prefeito Municipal

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário de Niterói e N. Iguaçú
Rua Coronel Gomes Machado, 101 - S/ 303
Niterói - Estado do Rio

Na data em que se comemora a festa máxima da confraternização espiritual, saudamos entusiasmadamente os trabalhadores do mundo inteiro, os trabalhadores brasileiros e em particular os trabalhadores em construção civil, na luta contra a carestia, pela elevação dos salários e pela paz.

Presidente — Manoel Fernandes
Secretário — Hail José Velluso
Tesoureiro — José Basílio de Lima

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias do Rio de Janeiro

Sede: Rua Sampaio Ferraz, 52. — Fone: 48-7784

No ensejo das comemorações do Natal, e do transcurso para o Ano Novo, a Diretoria do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias do Rio de Janeiro envia a todos os ferroviários e aos trabalhadores de todo o Brasil os seus melhores votos de boas festas e próspero Ano Novo.

Queremos, nessa oportunidade, dirigir a nossa mais calorosa saudação aos companheiros ferroviários que, unidos em torno da Diretoria do seu Sindicato, portaram-se com dignidade e verdadeiro espírito de classe, mantendo-se unidos e coesos nas grandes lutas reivindicatórias que empreendemos neste ano, entre as quais se inclui a batalha vitoriosa pela paridade de vencimentos com os militares, e a luta pelo recebimento do salário-família de Cr\$ 500,00, pela incidência do abono de 30% sobre o acordo interministerial de janeiro do ano corrente, pela liquidação dos atrasados nos pagamentos mensais, contra a carestia de vida, pela paz entre as nações e pela unidade do movimento sindical.

Que nos mantenhamos unidos na luta pelas nossas reivindicações e solidários com todas as demais categorias profissionais que se empenham na batalha pela conquista dos seus direitos, são esses os votos do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias do Rio de Janeiro.

Pela Diretoria:

Demisthoclides Baptista, presidente
Aristóteles de Miranda Mello, secretário
Herval Arueira, tesoureiro
Wanderes Esquerdo, diretor representativo.

Laos: intervenção americana provoca guerra civil

Utilizando o Sião como base de apoio para as forças Regais, comandadas por seus prepostos, os Estados Unidos intervieram abertamente nos assuntos internos do Laos, provocando a queda do governo neutralista de Suvana Phuma e deflagrando a guerra civil que, inclusive, põe em perigo a paz no Extremo Oriente. A intervenção dos EUA se torna mais grave quando se sabe que ela viola frontalmente os acordos de Genebra de 1954, que recomendavam às grandes potências que prestigiassem a formação de um governo de coligação naquele país, governo que orientasse sua política externa para o campo do neutralismo.

Diante da nova situação, os representantes do governo neutralista, que ainda dominam uma parte considerável do país, estão exigindo a reconstituição da Comissão de Controle nomeada em Genebra para fiscalizar a situação no Laos, a fim de que esta examine a questão e adote as medidas necessárias para impedir o prosseguimento da guerra civil e fazer cessar a intervenção norte-americana.

O ensejo das festas natalinas e a aproximação do Ano Novo, os sindicatos de São Paulo, as Associações, bem como as Federações, por intermédio de NOVOS RUMOS levam aos seus associados e aos demais trabalhadores — da cidade e do campo — e a todo o povo brasileiro, sua saudação fraternal e calorosa, desejando-lhes melhores dias.

Que o ano que vai nascer seja o de novas vitórias para a classe trabalhadora no âmbito das conquistas sociais e realmente abra, para o povo brasileiro, os caminhos de sua emancipação econômica em um clima de liberdade e democracia.

Que o ano de 1961 seja o da maior confraternização entre os povos, o da unidade cada vez mais firme e poderosa dos trabalhadores do Brasil e do mundo inteiro em torno do ideal da paz, a fim de que a humanidade possa, afastado o perigo de guerra, alcançar, com o concurso da ciência e da técnica, novos níveis de progresso.

Que o ano que se avizinha afirme a superioridade do trabalho sobre a exploração, da cultura sobre a ignorância, da liberdade sobre a escravidão, da paz sobre a guerra.

São Paulo, dezembro de 1960.

Federação dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas e Farmacêuticas do Estado de São Paulo

Sede social: R. 25 de Março, 144, 2º andar — Fone: 33-2691.

Diretoria: Floriano Francisco Dezen, Miguel Pereira Lima, Ubirajara de Araújo Franco, José Improta, Geraldo Ribeiro da Silva, Albino Bonom, Aimberé Campos Guimarães, José Augusto Júnior e Geraldo Silvino de Oliveira.

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas de São Paulo

Sede social: R. da Figueira, 217 — Fone: 33-1892.

Diretoria: Deputado José da Rocha Mendes Filho, Luiz Ferreira da Silva, Sebastião Tavares, José de Oliveira e Silva, Leocrídio Alercio Secco, Julião Gouveia da Silva Filho e José Campos Ramos. Conselho Fiscal: Waldemar Graça, João D'Aquila e Evaristo Moreno Perez.

Federação dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem do Estado de São Paulo

Sede social: Praça das Bandeiras, 40, 22º andar, conjuntos B e C e 23º andar, conjunto B — Fone: 35-6436.

Diretoria: — Presidente — Artur Avalone; Secretário — Antônio Chamorro; tesoureiro — Manoel Lourenço; 2º secretário — Benedito Camargo e 2º tesoureiro — Francisco Moreno Ariza.

Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Artefatos de Couros de São Paulo, Guarulhos, Sto. André e Mauá

Sede social: R. Asdrubal Nascimento, 160 — Fone 35-0627.

Presidente: Remigio Peroti; Secretário: Manuel Ribeiro; Tesoureiro: Osvaldo Rodrigues dos Santos. Conselho Fiscal: Miguel Antônio Dinardo, Otávio Grozariollo e Manoel José Silvestre.

ASSINE:

Literatura SOVIETICA

Revista Mensal, que publica em espanhol, francês, inglês, alemão e polonês, as melhores obras dos escritores soviéticos: novelas, novelas curtas, obras de teatro, relatos, reportagens e poesias. Artigos sobre literatura, arte e crítica literária.

Reproduções de quadros e gravuras dos pintores mais famosos e fotografias das melhores obras da escultura e da arquitetura. Escritores e eruditos em literatura e arte respondem a perguntas feitas pelos leitores.

Assinatura anual: Cr\$ 300,00 via aérea

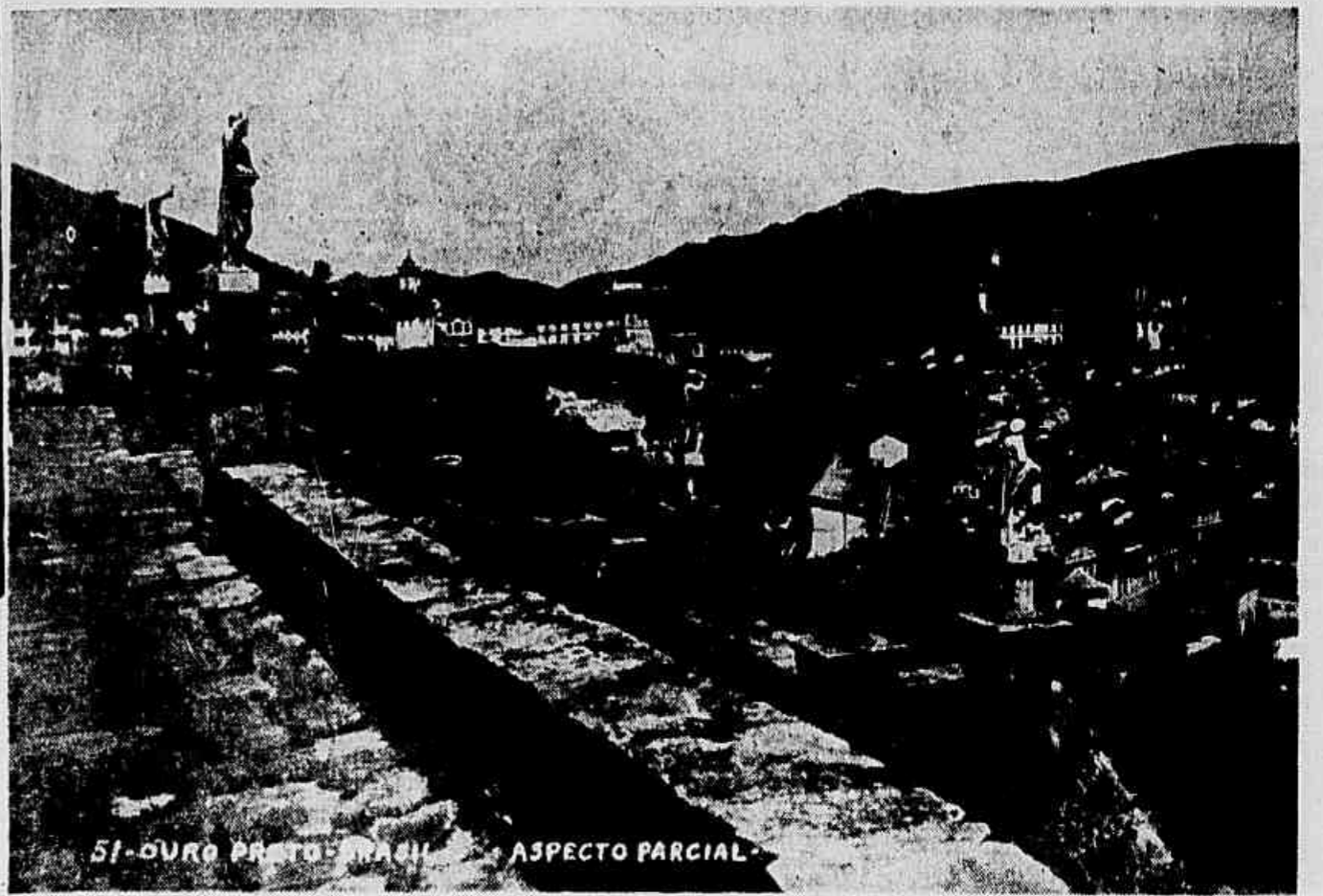
Pedidos acompanhados de cheque ou vale postal de:

AGÊNCIA INTERCAMBIO CULTURAL
JURANDIR GUIMARÃES

RUA DOS ESTUDANTES, 84 — SALA 28
TELEFONE: 37-4983 — SÃO PAULO

Da Vila Rica de Tiradentes à Ouro Preto da Escola de Minas

Reportagem de RUI FAÇO
(Enviado especial de NR a Minas Gerais)



51-OURO PRETO, BRASIL - ASPECTO PARCIAL

Como ir a Minas e não ver Ouro Preto? Nem só de presente vive o homem; vive de passado também. E Ouro Preto é passado que incute otimismo para os dias de hoje, ainda com a Hanna e a Mannesmann ali pertinho arrastando montanhas de minério, inclusive a famosa Serra do Curral, inutilmente tombada como patrimônio histórico...

Partindo de Belo Horizonte, o transporte para Ouro Preto agora é facilíssimo: os 100 quilômetros que a separam da Capital são vencidos em ônibus em duas horas, mais ou menos. A suave Estrada dos Inconfidentes, entre montanhas, à beira de precipícios cinematográficos, apresenta panoramas belíssimos.

Descemos junto a primeira igreja, à borda da cidade, uma igreja pobre, sem nada de particular, além de velhos muros de pedras superpostas, perto dos quais descortinamos toda Ouro Preto: casas seculares grimpadas nas montanhas e igrejas por todos os lados. As torres duplas das igrejas, as torres simples das capelas, num total de 18 templos. Todos da época colonial — dizem as indicações turísticas.

Deve ter sido, vê-se logo, a primeira preocupação dos colonizadores portugueses ao chegarem ao lugar com sua bandeira em fins do século XVII. Ao lado do pelourinho, a igreja. Inicialmente modestas capelas. Depois, quando os filões de ouro apareceram abundantes, quando as pepitas gordas refulgiram ao sol, ofuscado os miseráveis mais do que a in-

ausa luminosidade local, entre as montanhas — nas grapiaras, nos tabuleiros, nos faisqueiros; quando a população escrava se multiplicou e a ganância dos colonizadores cresceu; quando a riqueza dos brancos aumentou e a seu lado eclodiu a revolta dos escravos — levantaram-se igrejas, muitas igrejas, pomposamente decoradas, impressionantes, atemorizadoras. Substituíam a escola, a universidade, a instrução: eram a grande e potente arma ideológica do colonizador português. Através delas pregava-se a submissão, a humildade, a conformação com a sorte escrava.

Mas nem o pelourinho ameaçador nem as igrejas conselheiras bastavam: e em Ouro Preto, no meio dos templos fastuosos para a época, ergueu-se o seu complemento natural — a cadeia. Edifício pesado, desproporcional para a cidade, paredes externas de dois metros de espessura, as portas são grades de ferro duplas, e a haste da grossura de um punho. A cafua para os insubmissos, estreita e sombria, toda de enormes pedras que exigiram muitos braços fortes para arrastar e supepor — dá bem uma idéia do que aguardava os revoltados, os que não conseguiram ser dobrados pelas vozes plangentes dos púlpitos, os que não tinham as prometidas penas dos infernos...

O Museu da Inconfidência

Deram uma destinação justa a essa fortaleza da repressão colonial. Hoje, ela é o Museu da Inconfidência — pelo

menos tem este nome simpático. Reune, de fato, numerosos objetos que recordam a mais bela e audaz das tentativas de rebelião contra o domínio português no Brasil. Ali vamos encontrar as lápides memorativas de Tiradentes e seus abnegados companheiros: Cláudio, Gonzaga, Alvarenga, ao lado de nomes doces que romantizaram o feito dos heróis: Marília, Bárbara Heliodora.

Aqui vamos um dos manuscritos originais dos famosos Autos da Inconfidência, uma velha edição de Marília de Dirceu de 1792 (Lisboa), Obras de Cláudio Manuel da Costa de 1748 (Coimbra), e outras inestimáveis relíquias que nos transportam ao tempo e ao drama vivido pelos habitantes da antiga Vila Rica.

Depois, salas sucessivas de belíssimos obras de arte sacra: muitos Cristos, santos e anjos tallados em madeira, alguns inacabados — e parece que por isso mesmo mais belos e mais expressivos. Uns de tamanhos enormes; outros sôltos sobre móveis da época, pesadas cômodas de jacarandá maciço — santos pequenitos, desabrigados, fáceis de ser carregados por algum audacioso e apaixonado colecionador de obras de arte para fins privados.

Nas paredes multiplicam-se também os quadros, em tintas vivas de autores em geral desconhecidos, de numerosos personagens da hagiologia católica.

E' um Museu da Inconfidência um museu de arte sacra?

Justíssimo que se guardem estas obras de arte que assinalam um dos períodos mais interessantes e ainda pouco estudada de nossa história. Mas,

Casa da reunião

que têm elas a ver com Tiradentes e seus companheiros? Por que não destinar o Museu da Inconfidência à história da Inconfidência e não transportar para suas salas o que mais houver ligado aos inconfidentes? Pois a realidade é que os objetos de arte sacra dominam tudo, acabam por afogar a própria legenda de luta dos bravos de oitenta e nove.

E como se não bastasse, dois gigantescos e horríveis retratos de Pedro II e Teresa Cristina, que nada têm a ver com a memória gloriosa e tão brasileira de Tiradentes, Cláudio, Gonzaga, Marília, Bárbara Heliodora, remanescentes que eram os imperadores da antiga dominação portuguesa, a negação mesma do sacrifício dos conjurados de Vila Rica.

A casa dos contos

E' lastimável o estado em que se encontra este famoso prédio da história de Ouro Preto, sob cuja escada ter-se-ia suicidado ou teria sido enforcado Cláudio Manuel da Costa. Uma parte do edifício é hoje ocupada pela repartição local dos correios e telégrafos. Ninguém para atender aos visitantes.

Encaminho-me para a enorme porta dos fundos e abro-a. Numa área, entre velhas paredes, montes de lixo onde ciscom as galinhas, as crianças descalças brincam aqui. Pergunto-lhes pela casa da fundição. Correm a mostrarme: é outro depósito de lixo. As paredes, de cima a baixo, literalmente cheias de inscrições a carvão — nada históricas...

— E a prisão de Cláudio?
— E' aqui, debaixo da escada. O garoto corre a apontar-me uma porta lacrada. — Aqui ele foi enforcado — acrescenta convicto.
— Teu nome?
— João Bosco Simões. Tenho 11 anos...

A Ouro Preto moderna

Não se julgue que este péso da história acorrentou Ouro Preto. Não. E a melhor prova de que ela vive a nossa época é a sua famosa Escola de Minas. O antigo Palácio dos Governadores, que a abriga entre seus muros seculares, borbulha de vida.

Famoso direito ao seu museu de minérios — um dos espetáculos mais im-

Nesta casa se reuniam para conspirar contra o domínio estrangeiro os principais cabeças da conjuração mineira. Por acaso, o imóvel salvou-se da fúria avassaladora dos colonizadores. E pena, como acontece a outras relíquias históricas de Ouro Preto, não merecer mais cuidado por parte do Patrimônio Histórico.

pressionantes que já vi: mais pela beleza do que pela riqueza. As pedras preciosas ou semipreciosas, ouro, platina, diamantes fazem lembrar a famosa caverna das Minas de Salomão e a velha bruxa a exclamar aos aventureiros europeus: Comei diamantes, bebei diamantes...

Eu preferi admirar o acetinado das polianitas, a harmonia de cores das ágatas, a variedade dos berilos e limonites e as reproduções, — mesmo sabendo que são simples reproduções — de diamantes célebres: azuis, brancos, vermelhos, ouro preto em todos, as ametistas, as calcedônias com gôtas de água há milênios ali guardadas...

Muitas destas pedras ainda hoje são encontradas nas entranhas de Ouro Preto, outras vêm da Bahia, do Rio Grande do Sul, da própria Minas.

A Escola de Minas

Ao descer as escadas do Museu, dirijo-me ao gabinete do diretor da Escola de Minas, engenheiro Salatiel Tôres. As indicações que ele me fornece sobre a velha Escola são uma amostra do crescente interesse no Brasil pelas atividades industriais.

— Há cinco anos a Escola contava com 160 alunos; hoje tem 401.

— E' o número limite?
— E' o quanto podemos atender, com as instalações atuais, com as verbas disponíveis, com o corpo de professores com que contamos.

Acrescenta o professor Salatiel Tôres que se a Escola pudesse proporcionar instrução a maior número de alunos, poderia contar com cerca de 800, pois cresce de ano para ano o número de candidatos.

Mas nem a Escola nem a cidade os comporta. As próprias instalações para os estudantes — em hotéis e repúblicas modestíssimas — são precárias.

A Escola de Minas de Ouro Preto proporciona cursos de minas, metalurgia, geologia, além de um curso geral em 6 anos, que dá diplomas de todas estas especialidades. Dispõe também de uma usina siderúrgica de pequeno porte, em funcionamento há quatro anos.

O professor Salatiel Tôres mostra-se otimista quanto à possibilidade de renovação da Escola, com a construção de um novo edifício (projeto de Lúcio Costa), sem abandonar o prédio histórico.

— E quanto à cidade há progresso?

— Sim, sobretudo nos anos recentes, Ouro Preto se desenvolve. Existe aqui uma fábrica de alumínio (de capitais canadenses), uma fábrica de tecidos e funcionam duas usinas hidrelétricas. Há explorações de pirita, ferro, além de outros minérios. O turismo se intensificou, depois da construção da Estrada dos Inconfidentes, embora a cidade não disponha de hotéis adequados.

O professor Salatiel fala com simpatia de uma mais que secular indústria de chá-do-Ceirão existente em Ouro Preto, a qual, no entanto, se encontra mais ou menos estagnada.

Ao sair, encontro estudantes por toda parte, desde as escadas de pedra da antiga Casa dos Governadores, no pátio, na rua, em grupos alegres, testemunhando que Ouro Preto não é só história. E' também presente e futuro.

Conversa de mineiro

O pitoresco faz parte integrante de Minas, da mesma forma que os minérios e as relíquias históricas. Alguns casos.

Em Ouro Preto.

Visito a famosa igreja de Francisco de Assis, em cuja fachada se encontra uma das muitas obras atribuídas ao Aleijadinho. (Não é possível que esse homem tenha trabalhado tanto...). Em frente a um dos altares, um crioulinho que nos guia solicita indica, com voz que nada tem de tradicional então, dos guias turísticos:

— Aqui é São Lúcio e Santa Bona — «Os bem-casados». Cada um rezava para que o outro morresse primeiro. Os dois morreram no mesmo dia...
— E' a lenda? pergunta um paulista que vai ao meu lado.

— Não senhor, é verdade mesmo! — responde convicto o rapazola.

Em Belo Horizonte.

Numa agência de jornais, um adepto apaixonado do marechal Lott:
— E', o Jânio se elegeu por causa da fama como governador de São Paulo. Oral São Paulo eu governo até pelo telefone... Eu quero ver é ele governar o Piauí, Sergipe, o Nordeste, Mato Grosso...

Ainda em Belo Horizonte, numa livraria católica.

Ao lado de Santo Tomás de Aquino e de Pio XII, a Semana Santa de Aragon... Tive vontade de comprar a bela edição portuguesa, de Lisboa. Deixei para um católico.



OURO PRETO - BRASIL - CASA ONDE SE REUNIAM OS INCONFIDENTES

Vista parcial de Ouro Preto

A velha cidade colonial foi conservada com suas características antigas, tal qual a conheceram Tiradentes e seus companheiros. E hoje monumento histórico. Mas, infelizmente, muitas de suas relíquias estão praticamente abandonadas, como a famosa Casa dos Contos, as residências de Gonzaga, Marília e outras preciosas reminiscências.



Praça Tiradentes e estátua

Aqui é o coração de Ouro Preto. Neste local se encontram o Museu dos Inconfidentes, uma fonte belíssima junto a ele e, em frente, a estatua erigida em memória de Joaquim José da Silva Xavier, no lugar mesmo onde os colonizadores expuseram ao público a cabeça do herói. Vista do alto do Museu, Ouro Preto parece uma fortaleza entre montanhas, oculta a eventuais inimigos. Hoje, a cidade de tragédia do passado tem um ar tranquilo e grave. E embora reverenciando os feitos históricos procura viver a vida de nossos dias.

LISOKIN

O Pequeno Gigante

Substitui todo e qualquer produto de limpeza doméstico — A pastilha mágica do Lar — O Detergente econômico.

À venda nas boas mercearias e armazéns dos bairros.

Representante: Avenida Batel, 1359

Curitiba — Paraná

DAS FESTAS EM HONRA DE ISIS AO BEIJO SOB O VISCO

CADA POVO TEM O SEU NATAL

De MICHELE LALLI (exclusivo para NR)

Dos quatro evangelhos, o que mais detalhadamente procura explicar o nascimento de Cristo é o de São Lucas. Muitos recordarão que ele fala dos pastores que receberam a notícia do nascimento do novo Messias quando se encontravam no redil, nas proximidades da cabana onde Cristo nasceu.

Mas, se isso aconteceu realmente na noite de 25 de dezembro, em pleno inverno, como se explica que os pastores se encontravam ao ar livre em vez de procurarem um abrigo mais confortável?

Trata-se de uma interrogação que só pode ser explicada pela própria história do Natal, o qual, como tudo que é humano, adquiriu a sua atual característica de maior festa da cristandade gradualmente e através do longo transcorrer dos séculos.

Quando, na realidade, nasceu Cristo? Segundo Clemente de Alexandria o nascimento ocorreu a 19 de abril. Segundo outros papas da Igreja, a data seria 18 ou 29 de maio, ou então 28 de março. Como, então, se chegou ao dia 25 de dezembro?

Como todos sabem, a partir de zero hora de 21 de dezembro, os dias começam a ficar mais compridos. O inverno atingiu o seu ápice, e, mesmo lentamente, o mundo caminha para nova estação. As sementes lançadas alguns meses atrás, começam a germinar; a vida prepara subterraneamente os triunfos que, depois, explodirão sob o sol pleno da primavera que chega e do

verão. É o que os astrônomos chamam o solstício do inverno. O eixo da Terra muda a própria inclinação e a distância da Terra ao Sol diminui.

Trata-se também de um acontecimento que, desde os tempos mais remotos, era celebrado em todos os países e por todas as religiões nas formas as mais diversas. Traços dessa grande «festa de inverno» são encontrados nas religiões dos persas, dos sírios, dos peruanos, dos índus e dos mexicanos.

Mas, um dos testemunhos mais interessantes deste Natal «ante litteram» é observado nas descrições existentes das festas que eram celebradas no antigo Egito, entre 21 e 25 de dezembro, em honra de Isis e de seu filho Horus. Num bronze existente no Museu do Louvre, a deusa aparece sentada num trono trazendo ao colo o filho que amamenta e com a cabeça recoberta por um estranho turbante adornado nos lados por chifres de um touro sobre os quais se eleva um disco solar. Trata-se de uma estátua do período tolemaico, levada para a França por Napoleão após a batalha das Pirâmides.

No Egito e em Roma

A partir do ano 300 AC, a estátua de Isis era adorada em Alexandria com grandes festas: a imagem era transportada, alta noite, pelas margens do Nilo e através dos campos, acompanhada de numerosas sacerdotas e por grande multidão. Existe também uma tradição grega sobre as «ladainhas de Isis» que

naquela época eram cantadas pelos fiéis. A sua semelhança com as pregações à Virgem depois instituídas pela Igreja Católica é impressionante. Já no tempo dos egípcios a idéia da deusa-irmã que havia concebido um filho cuja missão na Terra era tornar os campos mais férteis e garantir o prolongamento da vida, constituía o centro do culto. Mas não é este o único exemplo de «festa do inverno» na antiguidade.

Sempre na mesma época, isto é, três séculos antes do nascimento de Cristo, eram celebradas em Roma, de 19 a 23 de dezembro, as Saturnais, as festas em honra de Saturno. Também nesse caso o solstício de inverno, ou seja, o início virtual da nova estação, é o centro dos festejos. Saturno era, de fato, entre outras coisas, o deus dos campos arados. Durante os dias a ele consagrados se procedia a renovação dos contratos rurais e a população dava livre curso às suas manifestações de alegria reprimidas durante os longos dias de inverno.

Com o passar do tempo e com a expansão do domínio romano na região mediterrânea, um fato novo inseriu-se na tradição da «grande festa de inverno»: o mito solar. Os historiadores da religião estão de acordo no fixar para o ano 50 AC a instauração em Roma do culto do Sol. Acredita-se que ele foi levado à sede do Império pelas legiões que retornavam da Síria e por alguns grupos de escravos vindos do Oriente-Médio. O culto do novo deus se expandiu rapidamente. Inicialmente ele foi identificado como o Imperador e, mais tarde, com Júpiter. Sétimo Severo foi um seguidor do culto solar, assim como os seus sucessores Caracalla, Elagabal e Alexandre Severo.

Pois bem: a festa do Sol, o nascimento do novo deus era celebrada no dia 25 de dezembro.

Era naquele dia que Mitra — outro nome sob o qual era identificado o deus — surgiu da rocha milagrosamente vivo e abatia o touro; gesto pelo qual, parece, se queria simbolizar o sacrifício como agradecimento às forças do universo que se preparavam para renovar o seu ciclo vital.

Quando Paulo de Tarso, o mais espetacular temperamento de missionário revelado pela nascente religião cristã, iniciou a sua obra de evangelização do mundo pagão, compreendeu a impossibilidade de apresentar aos novos adeptos um panorama árido no que se refere a festas, aniversários e rituais. As tradições existiam e estavam profundamente radicadas; tratava de adaptá-las na medida do possível à nova crença, através de um longo trabalho de adaptação e mimetização, ou então de afrontar uma batalha duríssima, em campo aberto.

O caminho da adaptação

O caminho escolhido pela Igreja foi o da adaptação. Existia uma data festiva, 25 de dezembro, ligada há séculos a uma série de festas e rituais. Tratava-se então de aproveitar a data, eliminar dela o seu velho significado e adaptá-la às novas necessidades.

Não foi uma tarefa fácil. Foram precisos alguns séculos para concretizá-la. O ritual da festa natalina cristã foi introduzida em Antioquia somente por volta do ano 375; e em Alexandria depois do ano 430. Em seguida, gradativamente, o hábito se estendeu até se tornar universal. Assim, o solstício de inverno (25 de dezembro segundo o calendário romano) coincidiu com o nascimento de Cristo (o «novo sol» como o chamava São Cipriano)



«A Virgem com o menino»

A pintura de Rafael, um esplêndido exemplo da arte do Renascimento, retrata a Virgem amamentando o menino-Deus. A representação assemelha-se à que os antigos egípcios davam à deusa Isis. Numa escultura existente no Museu do Louvre aparece sentada num trono e amamentando o filhinho que tem nos braços.

Após isso, foi necessário fazer as coisas de modo a que não existisse contradição com as afirmações anteriores de alguns, segundo as quais Cristo viera à luz na primavera.

A solução encontrada é admirável pela facilidade e pela elegância de que estava impregnada. Decidiu-se então contar ao reves os anos de Cristo, isto é, a partir da sua morte que teria ocorrido em 25 de março. A vida terrena do Messias circunscreve-se ao número mágico e pitagórico dos 33 anos. Vollandando atrás nesses 33 anos se chega a um outro dia 25 de março. Nesse ponto é que se chama a atenção para o fato. Este 25 de março, dizem, não é a data do nascimento de Cristo, mas da sua «concepção». Se a partir desse 25 de

março contar-se os 9 meses regulamentares da gestação, chega-se a 25 de dezembro, o Natal. E o jogo foi feito.

A história da árvore

Muitos perguntam: e a história da árvore, onde entra? O que é que tem que ver os pinheiros, os abetos, o visco com o nascimento do Sol ou do Cristo? Mas, também no Norte, nas escuras florestas germânicas, as tribos se reuniam para celebrar a «festa do inverno». E é lógico e natural que, desejando celebrar a força da natureza, a atenção delas se voltasse para alguma coisa que, mesmo na encrudescer dos elementos,

permanecesse verde e perene, como se simbolizasse a vida que não se apaga e não se deixa dominar. Para o abeto ou o pinheiro. E o visco, também ele sempre verde, tenaz e robusto, foi escolhido pelas mulheres estereis da época druídica como símbolo da fecundidade e do amor. Os seus ramos eram queimados nos fogos sagrados com o objetivo de invocar prole numerosa e suplicar a conservação do afeto dos maridos valúveis. Será por causa disso que ainda hoje os enamorados se beijam sob o visco? Quem sabe? Pode ser que sim.

Por fim, resta o fato de que o Natal assumiu, no curso dos séculos, o caráter da mais sentida e da mais solene festa familiar. Festa do amor e, sobretudo, festa de paz.



O Sol também era adorado

O culto do Sol, entre os romanos, constituía também uma das formas de celebração da «festa do inverno», precursora do Natal cristão, na Antiguidade. Na foto, Mitra (o Sol) matando o touro.

NOVOS RUMOS

ANO II

Rio de Janeiro, semana de 23 a 29 de dezembro de 1960

Nº 95

Diretor Executivo — Orlando Bomfim Jr. Diretor — Mário Alves Redator-Chefe — Fragmon Borges

Luta Contra a Carestia Começa Nos Bairros: Santos

A 20 de novembro, na sede do Sindicato dos Gráficos de Santos, estiveram reunidas cerca de 20 entidades de bairro de Santos, São Vicente, Guarani e Cubatão, convocadas pela Diretoria de sua organização — a União das Sociedades de Melhoramentos dos Bairros, Vilas e Morros das Cidades da Baixada Santista — para examinar as medidas a adotar com o fim de protestar contra a alta desabusada dos gêneros de primeira necessidade, em particular da carne, do pão, do leite e, agora, nesta cidade, dos transportes urbanos.

que goza. Isso sem falar nas subvenções estaduais e federais a que o município tem direito, por ser turístico.

Resoluções

Entre as inúmeras resoluções tomadas, de apoio a projetos nacionalistas que podem fazer baixar o custo de vida (encampação dos frigoríficos, reforma agrária, limitação da remessa de lucros, etc.) e de protesto junto ao prefeito municipal pela ameaça de au-

mento de tarifas do SMTCC, figura uma de maior importância: a programação de assembleias em todos os bairros das quatro cidades, para que o povo debata o problema da alta do custo de vida, tome providências, apresente soluções e sugestões, organize-se em fim para tornar-se uma força invencível. A 15 de janeiro, segundo ainda o deliberado, será realizada uma grandiosa concentração de representantes de todos os bairros, de protesto contra o custo de vida.

Abrindo os trabalhos, o sr. Alberto Anonim Filho, presidente da União, após convidar para a mesa os representantes do Sindicato dos Gráficos, Sindicato dos Tintureiros e Sindicato dos Empregados Portuários, que atenderam ao convite a eles formulado, leu extenso memorial em que se consubstanciava o ponto de vista da Diretoria. Ali eram examinadas a ação maliciosa dos frigoríficos norte-americanos, elevando o preço da carne para reduzir o consumo interno — com o que poderiam exportar mais, o que lhes dá maiores lucros — bem como a estrutura agrária atrasada de nosso país, com base no latifúndio improdutivo, que impede a pluri-cultura e a formação de grandes centros fornecedores de produtos das cidades de maior consumo. Verberava o documento, por último, tanto a política econômico-financeira do Governo Federal, subordinada nos problemas essenciais ao que nos é imposto pelos trusts estrangeiros, como a política tributária do governador Carvalho Pinto, que deseja cobrir 60% da receita do Orçamento do Estado (16,5 bilhões) com o Imposto de Vendas e Consignações, o conhecido "imposto da fome".

Bondes e Ônibus

Uma boa parte do trecho do memorial foi dedicada ao problema do aumento de tarifas do Serviço Municipal de Transportes Coletivos (SMTCC), amecido naquela época com o aumento de tarifas de bondes para 7 cruzeiros e de ônibus para 10 cruzeiros, o que se concretizou a partir de 27 de novembro.

Lembravam os dirigentes populares que a nova majoração, cujo pretexto é o aumento de 35% concedido aos trabalhadores da autarquia municipal, não era absolutamente necessária, principalmente nas proporções em que se dava (25% sobre as passagens de ônibus e 10% sobre as de bondes). Isso porque os gastos com a Administração da empresa (25 milhões!) poderiam muito bem ser reduzidos, desde que se empregasse o número de funcionários estritamente necessário; para tanto, todavia, é preciso democratizar o Conselho Dir., que, sugeria o memorial, deve ser integrado por representantes de entidades sindicais, estudantes e populares, além de técnicos. Por outro lado, uma simples modificação na lei que criou o SMTCC permitiria à Prefeitura subvencionar o setor de operações (que deve se manter com suas próprias rendas e onde há os maiores gastos), podendo ser utilizados para isso os impostos dos hotéis, da praia (que passariam a pagá-los, tão logo fosse revogada a autorização legislativa que os isenta deles), as majorações nos impostos dos terrenos baldios da orla da praia (onde nada se constrói à espera de valorização) e os dinheiros resultantes de um convênio com a Cia. Docas que, apesar de locupletar-se com o trabalho do povo santista, não lhe paga um tostão de impostos, graças à isenção federal de

Federação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias Urbanas

Rua Visconde de Inhaúma, 134 — S 725 — Fone: 43-1921.

Saúda os órgãos sindicais, poderes constituídos, os trabalhadores e todo o povo brasileiro desejando um Natal de paz e um próspero Ano Novo, de trabalho construtivo pelo engrandecimento do Brasil

A DIRETORIA

Sindicato dos Operários Navais do Rio de Janeiro

Sede Provisória: Rua Benjamin Constant, 588 — Niterói

« MENSAGEM »

A Diretoria do Sindicato dos Operários Navais do Rio de Janeiro, ao ensejo da data magna da Cristandade, formula votos de paz e felicidade a todos os operários navais, aos funcionários e colaboradores do Sindicato, aos Sindicatos colégios, ao povo e autoridade de nossa Pátria, extensivos a todos os povos, especialmente aos trabalhadores, como reais construtores do engrandecimento das nações, e fraternidade entre a humanidade.

Com o pensamento voltado para a fraternidade e a paz entre os homens e nações, formulamos a todos os nossos votos de um FELIZ NATAL e um PRÓSPERO ANO NOVO. Niterói, 1 de dezembro de 1960.

Diretoria, ARCHIMEDES MARINHO
Tesoreroiro

Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico de Niterói

Almeja Feliz Natal e Próspero Ano Novo aos seus associados e aos trabalhadores em geral, preconizando o fortalecimento da UNIDADE do Movimento Sindical no decorrer do ano de 1961.

Presidente — Francisco Fernandes de Araujo
Secretário — Christoval Martinez Martinez
Tesoreroiro — Silvio Castro Silva.

Sindicato Nacional dos Cabos-Foguistas, Foguistas e Carvoeiros da Marinha Mercante

O Sindicato Nacional dos Cabos-Foguistas, Foguistas e Carvoeiros da Marinha Mercante deseja aos seus associados e Exmas. famílias um feliz Natal e que o ano de 1961 lhes seja propício e lhes traga maior bem estar.

O Sindicato torna extensivos os seus votos de felicidade a todos os trabalhadores marítimos e seus familiares. Que a data máxima da cristandade e a passagem do ano sejam de alegria para aqueles que têm a ventura de passá-la no recesso dos seus lares; de conforto e esperança para todos os que presos ao cumprimento do dever, encontram-se em alto mar ou em portos distantes do seu torrão natal.

Almejamos em 1961 de maior fortalecimento da unidade dos trabalhadores marítimos em defesa das suas reivindicações e da Marinha Mercante; de maior fortalecimento, também da unidade de todos os trabalhadores brasileiros, na luta pelas reivindicações comuns e em defesa dos superiores interesses do nosso povo.

Rio de Janeiro, dezembro de 1960

A DIRETORIA

SINDICATO NACIONAL DOS AERONAUTAS

Av. Franklin Roosevelt, 194 — 8º and. — Sala 803 — Tels. 32-5778 — 22-2246 — Rio de Janeiro

A MENSAGEM DOS AERONAUTAS

A Diretoria do SINDICATO NACIONAL DOS AERONAUTAS, ao término do ano de 1960, agradece a colaboração e apoio que recebeu de todos aqueles que souberam compreender as duras lutas que os aeronautas realizaram por melhores condições de trabalho e pela Segurança dos voos.

As máximas do Ano Novo, augura votos para que, com a ajuda de todos e da elevada compreensão dos senhores legisladores e homens públicos, sejam aprovados os projetos de lei relativos a criação do Conselho Nacional de Aeronáutica; ao aumento do Seguro de Vida Aeronáutico e a regulamentação da Profissão do Aeronauta, que são as mais justas reivindicações que objetivam razoáveis condições de trabalho, maior segurança dos voos e uma aviação comercial em condições de atender os interesses do povo brasileiro.

A DIRETORIA

Dezembro de 1960

Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem de Niterói

Sede: Rua General Castrioto, 449 — Niterói — Est. do Rio

Deseja um Feliz NATAL e próspero ANO NOVO aos associados, suas famílias e aos trabalhadores em geral. Que se fortaleça no ano de 1961 a UNIDADE do Movimento Sindical.

Pela Diretoria

Almir Reis Netto

SINDICATO DOS CONDUTORES DE VEICULOS RODOVIÁRIOS E ANEXOS DE NITERÓI

As máximas das tradicionais solenidades de NATAL e ANO NOVO, a Diretoria do SINDICATO reafirma aos companheiros (associados ou não) a disposição de prosseguir firme e intransigentemente na luta pela equiparação de salários dos motoristas do transporte e cargas com os dos coletivos, efetivo pagamento do Salário Mínimo aos trocadores.

Que 1961 seja de reforçamento da UNIDADE entre os rodoviários e entre nossa categoria profissional e os trabalhadores do mundo inteiro, decididos à luta pela preservação da Paz.

Joaquim Pedro Mayrink Filho — Presidente
Jaime Augusto Teixeira — Secretário
Antenor Pereira — Tesoureiro

Federação Nacional dos Trabalhadores em Transportes Marítimos, Fluviais e Lacustres

A Federação Nacional dos Trabalhadores em Transportes Marítimos, Fluviais e Lacustres, por motivo do Natal e da passagem do ano deseja aos associados dos Sindicatos seus filiados e aos marítimos em geral, boas festas e feliz ano de 1961.

A Federação faz votos de que no próximo ano floresçam ainda mais a unidade dos trabalhadores marítimos e as suas relações fraternais com as demais categorias de trabalhadores brasileiros, para maior êxito das suas lutas reivindicatórias e pela independência econômica da Pátria.

Federação Nacional dos Trabalhadores Ferroviários

FUNDADA EM 18 DE MARÇO DE 1946

Reconhecida pelo Governo Federal na forma da Consolidação das Leis do Trabalho em 22 de Outubro de 1949
Sede: Rua do Carmo, 6 — 3.º — 5/306/B. Tel.: 42-2833 RIO DE JANEIRO

A Federação Nacional dos Trabalhadores Ferroviários, ao ensejo do NATAL e PASSAGEM DE ANO, formula aos ferroviários os melhores votos de FELIZ NATAL E PRÓSPERO ANO NOVO, extensivos as suas digníssimas famílias, e aproveita da ocasião para agradecer a todos a grande demonstração de UNIDADE e amadurecimento Sindical na luta pela conquista da PARIDADE.

PAZ E PROSPERIDADE para os trabalhadores de todo o UNIVERSO, são os nossos sinceros votos.

Rio de Janeiro, dezembro de 1960

Raphael Martinelli — Presidente
Geraldo da Costa Mattos — Secretário-Geral
Alyr Pignatti — Tesoureiro-Geral.

Dicionário

O Fim do Regime Escravista

Podese definir a lei econômica fundamental do regime escravista como a produção do produto suplementar para os senhores de escravos, mediante a exploração mais cruel das massas de escravos, os quais constituíam plena propriedade dos seus senhores.

Apesar de ter sido uma etapa necessária no desenvolvimento da humanidade, sem a qual não teríamos atingido o atual nível de desenvolvimento, o regime escravista continha em si mesmo os elementos de sua destruição. Em comparação com o regime comunitário primitivo, o escravismo possibilitou o aproveitamento em larga escala das vantagens da cooperação simples do trabalho das massas de escravo. Ao lado desse aspecto, porém, que favorecia o desenvolvimento das forças produtivas, havia um outro, limitativo: o escravismo não podia contribuir para o desenvolvimento da técnica, devido ao desinteresse dos produtores (os escravos) pelos resultados do seu trabalho. Que diferença fazia para os escravos o resultado do trabalho se, qualquer fosse ele, só beneficiava o senhor? E de outra parte, só os escravos se ocupavam com o trabalho, que era considerado uma atividade indigna.

Em consequência, aguçavam-se os antagonismos entre escravos e senhores de escravos. A principal força produtiva — o escravo — ia sendo destruída e sua reposição era cada vez mais difícil. Os choques entre as classes antagonicas assumiam mais e mais a forma de insurreições armadas de escravos.

Também as contradições entre os camponeses livres e os grandes latifundiários tornavam-se mais sérias porque a grande produção baseada no trabalho escravo esmagava economicamente os pequenos proprietários. Estes sofriam, ainda, a exploração através de elevados impostos e ônus estatais e do capital comercial e usurário.

As guerras, que tinham sido a principal fonte de suprimento de escravos, em vez de vitórias agora traziam derrotas, pois os que travavam as guerras eram, fundamentalmente, os camponeses e artesãos, agora arruinados. E, das guerras de conquista, os Estados escravistas viram-se na contingência de passar às guerras defensivas. Diminuindo a quantidade de escravos, os grandes latifúndios, assim como as oficinas artesanais baseadas no trabalho escravo foram perdendo a rentabilidade. Nos últimos dois séculos do Império Romano veio a queda geral da produção. O comércio arruinava-se, empobreciam-se as regiões anteriormente ricas, a população começou a diminuir, fechavam-se os ofícios. As cidades, em vez de continuarem aumentando, diminuiam, despovoavam-se.

Todo o quadro mostrava a decadência e o próximo fim do escravismo, que durante séculos havia sido o regime de povos inteiros.

Tornou-se claro que não era possível continuar com aquelas relações de produção. Surgiu a necessidade histórica da substituição das relações de produção escravistas por outras que mudassem a situação social da principal força produtiva — massas trabalhadoras.

Quais deviam ser estas novas relações de produção? Deviam ser relações nas quais o trabalhador escravo fosse substituído por outra categoria social que tivesse pelo menos um certo interesse nos resultados do seu trabalho. Apesar da furiosa resistência oposta pelos escravistas, a mudança amadureceu e nenhuma força no mundo podia já contê-la.

Nota Econômica Um Balanço Das Metas

Está sendo elaborado pelo Conselho de Desenvolvimento da Presidência da República o balanço final do Programa de Metas do atual governo. Numa antecipação dos números a serem apresentados a revista "Desenvolvimento & Conjuntura" acaba de elaborar estudo analítico, baseado nos resultados obtidos até 1959 e, no que se refere ao ano em curso, em estimativas feitas pela própria revista. Averte "D&C" que embora haja uma provável discrepância entre o balanço feito pela revista e aquele em elaboração pelo Conselho de Desenvolvimento, não será grande a diferença entre os totais finais.

Antes de entrar no exame das metas, uma por uma, a revista da Confederação Nacional da Indústria faz duas observações sobre aspectos negativos do programa, precisamente: 1) a falta de consistência entre algumas metas; e 2) a falta de uma verdadeira programação financeira.

Acrescentamos que, apesar de constituir um certo avanço, a programação das metas pelo governo do presidente Kubitschek está longe de poder ser considerado um plano de desenvolvimento econômico. Mais propriamente, este programa pode ser considerado como um passo para a planificação, que supõe uma série de fatores, políticos e econômicos. Dos últimos, alguns certamente poderiam ser encontrados ou estabelecidos nos marcos do próprio regime; outros, porém, os decisivos, não podem ser concebidos senão dentro de uma organização socialista da sociedade, de tal modo que os elementos espontâneos e anárquicos da economia capitalista tenham deixado de existir ou, então, que tenham uma existência desprezível.

Entretanto, mesmo aqueles fatores que poderiam existir, atualmente, mesmo esses, ou não foram sequer cogitados, ou se foram, tiveram sua aplicação truncada por força de causas outras. Um plano, ainda que se refira apenas a um setor da economia, deve prever, necessariamente, além da quantificação do que se deseja, o prazo para sua realização, a origem dos recursos necessários, a clara responsabilidade pela execução e, ao lado disto, a situação da meta em relação ao conjunto da economia. A falta de qualquer desses elementos retirará ao que se objetiva o conteúdo do plano.

No caso do programa de metas, vários desses elementos não foram observados, pelo menos com a necessária seriedade e oportunidade. Assim, é amplamente sabido que de ser realizados, ou foram realizados. Apesar de haver ficando estabelecido, quando do lançamento das metas, que seriam dados dois balanços anuais, o fato é que essa resolução não foi cumprida. Em face das dificuldades surgidas, a solução encontrada consistiu em não tomar conhecimento delas, deixando realizar os balanços na época prevista. Mas, não é só. No caso de algumas das metas, como é

o caso concreto da do trigo, o governo seguiu uma política que conduzia pela via mais curta a um fim diametralmente oposto. Com efeito, quando deviam ser criados estímulos econômicos à produção triticeira nacional, o governo realizou compras maciças de excedentes de trigo aos Estados Unidos. Na época, o fato foi denunciado como uma sabotagem à triticultura brasileira. Logo não faltou porém quem como o ministro Amarel Peixoto, então embaixador brasileiro nos Estados Unidos, viesse pela imprensa, o rádio e a televisão, negar que tal acontecesse, dizendo que se tratava, apenas, de suplementar a produção nacional de trigo, sem qualquer prejuízo para esta última. Que a acusação de entreguista que lhe foi feita era plenamente procedente, confirma-o o fato de que este ano a produção nacional de trigo não irá além das 409 mil toneladas. Em 1955 foi de 1 milhão de toneladas, e o programa de metas, previa uma ampliação para 2,5 milhões este ano. Dessa maneira, o trigo que consumimos continuará sendo em sua grande maioria importado, sobrecarregando a nossa balança comercial em mais de 100 milhões de dólares por ano. É bastante significativa a conclusão tirada pela revista da CNI sobre a queda a menos de metade da produção de trigo no Brasil entre 1955 e 1960. Diz a revista: "Devese o declínio da produção brasileira nos últimos dois anos a certa despreocupação oficial sobre garantia de preços e outras formas de assistência financeira. Essa situação desestimulou os produtores no combate a pragas e condições climáticas desfavoráveis. Data de três anos, aproximadamente, ou mais precisamente da assinatura dos acordos de fornecimento de trigo norte-americano ao Brasil, contra o pagamento a longo prazo, e com a renda da venda do produto no mercado interno destinada ao Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico. Esse fato tor novo desarticulou a política triticeira, baseada há longos anos na importação do Rio de Prata e numa participação expressiva da produção interna que chegou em determinado período a 50 por cento do consumo brasileiro."

Outra crítica de ordem geral que deve ser feita no programa de metas refere-se à origem dos recursos. Há metas profundamente comprometidas com o capital estrangeiro, como é, entre outras, o caso da indústria automobilística, onde há forte predominância (70 por cento) de recursos estrangeiros. Em conclusão, apesar de ter constituído um passo à frente no sentido do desenvolvimento planejado da economia nacional, as metas, tanto pelo conteúdo deformado de algumas delas, como pela sua má condução, como, ainda, pela graves omissões que encerram (estrutura agrária, produção têxtil, etc.), resultam em sérias deficiências.



RÁDIO E TELEVISÃO TÊM GENTE COMO A GENTE (III)

Garôta-Propaganda é Mônica Bonita Explorada Pela TV

Reportagem de LUIZ GAZZANER

É fácil, dizem todos, basta ser bonita, ter presença, agradar e o lugar de garôta-propaganda está garantido. Pelo que se ouve não há muito problema para uma jovem dotada de atributos que quer abraçar a carreira, menos ainda, murmuram nos corredores das emissoras de televisão, para aquelas que ganham os favores deste ou daquele agente de publicidade, dos donos dos principais cargos nas telemissoras.

O aparecimento da televisão foi imediatamente acompanhado de novas idéias sobre a arte de anunciar. Desde os primeiros momentos, levando em conta o fato de o anúncio ser transmitido através da imagem, ficou decidido pelos homens da publicidade que o elemento humano capaz de chamar a atenção do espectador era a mulher... e bonita.

Por causa disso a garôta-propaganda nasceu com a televisão.

Sonho e realidade

Se o sonho da carreira cinematográfica é de concretização mais ou menos remota, a jovem encontra na televisão um sucedâneo que lhe permite maiores possibilidades de vê-lo realizado. Diariamente, dezenas de jovens que ambicionam uma chance se oferecem aos produtores e diretores das tevês. Geralmente as contempladas começam como garôta-propaganda.

Apesar da importância do trabalho que exercem, as garôtas-propaganda, com exceção de um pequeno grupo que se firmou graças ao talento e à responsabilidade que dão ao papel que lhes foi designado nesse mundo diferente que é a televisão, não conseguem jamais a recompensa justa pelo que fazem, assim como vivem praticamente sob a ameaça de serem jogadas à rua hoje ou amanhã. A maioria, inconsciente, sob a influência ainda do sonho que é aparecer para milhares de pessoas, de sentir-se atriz, submete-se ao regime imposto pelos diretores das emissoras de tevê, incapazes de reagir contra uma situação e procurar criar condições novas, até mais humanas mesmo, para a profissão que exercem.

Foram divididas em duas categorias: as contratadas e as independentes. As primeiras, que são em maior número, constituem o grupo das mais exploradas. Assinam contratos que são verdadeiros atestados de escravidão, com cláusulas autorizando a direção da empresa, sem o pagamento de qualquer indenização, a dispensá-las quando achar conveniente. Recebem geralmente de 10 a 12 mil cruzeiros por mês, sem possibilidades de fazer outra coisa que lhes permita reforçar o orçamento. As independentes trabalham à base de cachês. O critério das emissoras nesse caso é outro. A própria situação das independentes, que são em sua maioria aquelas de maior cartaz, leva a isso. Recebem, por programa, de 500 a 2.500 cruzeiros, dependendo naturalmente da importância do papel que desempenham. Entretanto, mesmo nesse setor, em virtude do grande número de jovens que procura uma chance, obrigam a garôta-propaganda a fazer três ou quatro programas pelo pagamento de um cachê de mil cruzeiros.

A batalha pela sobrevivência

Não fica só no drama dos salários a vida da garôta-propaganda. A luta pela sobrevivência ela a trava dia a dia, sem a ajuda de ninguém. Uma das suas mais sé-

rias preocupações é o vestuário. E de sua obrigação aparecer nos programas com tualete diferentes. Se, por acaso aparecer duas vezes numa semana com o mesmo vestido logo vem um produtor ou diretor a chamá-la a atenção.

— Menina, eu já te vi com esse vestido um dia desses. Cuidado, os patrocinadores não gostam. A ameaça é clara. Ou você se trata, se apresenta melhor, ou então...

O que acontece então? A garôta-propaganda, que consegue num mês mais favorável, retirar uns 20 mil cruzeiros, é obrigada a fazer despesas com vestidos, sapatos e bolsas para as quais não está em condições.

Maninha, simpática garôta-propaganda da TV-Rio, contou-nos algumas coisas sobre o assunto.

— O problema da tualete é o mais trágico. Veja você que um vestido, por mais modesto que seja, custa de 2 a 3 mil cruzeiros. E tem mais, existem programas, os chamados nobres, em que a garôta-propaganda não pode se apresentar com qualquer roupa. Quando acontece isso, lá se vão 8 e 9 mil cruzeiros, sem contar o que se gasta em sapato, manicure, cabeleireiro.

Para se avaliar a extensão do problema, basta dizer que há jovens devendo 80, 90 e até 100 mil cruzeiros em casas de moda.

Levando-se em conta também que a garôta-propaganda tem despesas semanais necessárias com cabeleireiro e manicure, chega-se à conclusão que a maioria delas não ganha nem para vestir. Ora, como o problema do vestuário é questão de vida ou morte para o seu trabalho, ela acaba se atolando em dívidas.

Trabalho desvalorizado

A desvalorização da garôta-propaganda não se reflete só no aspecto salarial. O papel que ela desempenha é inteiramente ignorado do ponto-de-vista que governamos chamar artístico. Ninguém se preocupa em orientar o seu trabalho. Apresentam o produto ou o programa a seu bel-prazer. Não ensaiam, os textos que lhe são fornecidos são da mais baixa qualidade; muitas vezes têm de dizer em 30 segundos o que levaria 2 e 3 minutos.

Claro está que uma situação dessas só leva o telespectador, que não conhece o que vai por trás das câmeras, a fazer mau juízo da jovem que está anunciando. A forma pelo qual se apresenta a publicidade em televisão é de um nível tão baixo que faz pensar imediatamente na inabilidade de quem o apresenta. A realidade, entretanto, é completamente outra. A maioria dos responsáveis na televisão, existem exceções, é claro, não se preocupa de nenhum modo com a encenação da publicidade, deixando tudo a cargo da pobre da garôta-propaganda. Aquelas de mais experiência ainda se salvam, procuram improvisar, criar mesmo; as outras vão ao Deus dará.

Tal estado de coisas, a completa indiferença pelo trabalho da garôta-propaganda, faz com que ela transforme num drama íntimo o preparo e a execução de um anúncio. Ensaia sozinha, não é orientada e não tem condições de aquilatar o seu trabalho, pois não pode ver como se saiu em apresentações anteriores. Mesmo no que se refere à apresentação de tualetes nos programas, não existe qualquer orientação. Por isso, muitas vezes uma jovem apresen-

ta, num cenário de cozinha, um produto de cozinha, vestida em traje de noite. Tudo isso elas compreendem, mas como têm de resolver os problemas que aparecem por conta própria, ficam em verdadeiro estado de tensão nervosa antes de aparecer num programa. Um minuto de apresentação, muitas vezes representa para elas horas de sacrifícios. E, no fim, se por acaso a publicidade não saiu a gosto do patrocinador, vem o diretor da emissora e joga a culpa catilnária em cima da moça, que foi a menos culpada. Quando é só catilnária, ainda não tem muita importância, o triste é uma garôta-propaganda ser congelada, aparecer cada vez menos em programas, por um erro pelo qual não tem absolutamente nenhuma culpa.

A realidade é bem diferente do sonho. Quantas jovens acreditaram, no dia em que foram admitidas como garôta-propaganda, que começariam uma vida repleta de sensações novas. Depois de pouco tempo, o sonho se acabou e a realidade apareceu mais dura do que era a sua realidade anterior.



Milhões de preocupações

Enquanto se esmera para dizer o texto da propaganda comercial sem vacilações, com perfeita dicção — depois do grande esforço para, em pouco tempo, decorar o que iria dizer — a garôta-propaganda é obrigada a preocupar-se também, com a roupa que está vestindo, a maquiagem, coisas que custam bastante dinheiro. Muitas vezes, mais dinheiro que o recebido no fim do mês.

Federação dos Trabalhadores nas Indústrias do Vestuário do Rio de Janeiro

Sede: Avenida Venezuela, 27 — 4º andar — Sala 424.

SALVE 1961!

Saudamos os trabalhadores da indústria do vestuário dos Estados da Guanabara e do Rio e todas suas organizações sindicais, pelos êxitos conquistados durante o ano de 1960, augurando as maiores vitórias para 1961, no caminho da unidade, da conquista de seus direitos e reivindicações e seu bem-estar.

ODILIO BORGES — Presidente.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS GRÁFICAS

Deseja aos trabalhadores gráficos do Brasil, às suas famílias e aos trabalhadores em geral, um Feliz Natal e próspero Ano Novo.

Que o ano de 1961 seja de redobrados esforços pela Consolidação da unidade de ação das entidades sindicais dos trabalhadores brasileiros e, especialmente da classe gráfica na Escala Nacional; na conquista do amplo Direito de Greve e na aplicação da nova Lei Orgânica da Previdência Social, assim como a defesa intransigente dos Liberdade e Autonomia Sindicais.

DANTE PELLACANI — Presidente

ASSIS BRASIL ALBUQUERQUE — Secretário

NEWTON EDUARDO DE OLIVEIRA — Tesoureiro.

Sindicato dos Contramestres, Marinheiros, Moços e Remadores em Transportes Marítimos

O Sindicato dos Contramestres, Marinheiros, Moços e Remadores em Transportes Marítimos, deseja aos seus associados e Exmas. famílias um Feliz Natal e que o ano de 1961 lhes seja propício e lhes traga maior bem-estar.

O Sindicato torna extensivos os seus votos de felicidade a todos os trabalhadores marítimos e seus familiares. Que a data máxima da cristandade e a passagem do ano sejam de alegria para aqueles que têm a ventura de passá-la no recesso dos seus lares; de conforto e esperança para todos os que, presos ao cumprimento do dever, encontram-se em alto mar ou em portos distantes do seu torrão natal.

Almejamos um 1961 de maior fortalecimento da unidade dos trabalhadores marítimos em defesa das suas reivindicações e da Marinha Mercante; de maior fortalecimento, também, da unidade de todos os trabalhadores brasileiros, na luta pelas reivindicações comuns e em defesa dos superiores interesses do nosso povo.

Rio de Janeiro, dezembro de 1960.

Sindicato dos Oficiais Eletricistas e Trabalhadores na Indústria de Instalações Elétricas, Gás, Hidráulicas e Sanitárias do Rio de Janeiro

Sede: Rua Senador Pompeu, nº 122 — 2º andar

No transcurso das festas natalinas, dirigimo-nos a todos os trabalhadores em geral e, particularmente, aos componentes de nossa categoria profissional, augurando-lhes um feliz Natal e um próspero Ano Novo de 1961, com a conquista de novas vitórias da classe operária, em sua luta em defesa de melhores condições de vida, e em defesa da emancipação de nossa Pátria.

Rio de Janeiro, dezembro de 1960.

MAURICIO SCANCETTI (Presidente)
SILVIO COELHO GARCIA (Secretário)
RELLY DE MENDONÇA (Tesoureiro)

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Carris Urbanos de Niterói

Sede: Rua Padre Lamego, 30 — Telefone: 2-0282

Niterói — Estado do Rio

Deseja aos seus associados e aos trabalhadores em geral um feliz NATAL e próspero ANO NOVO, extensivos às suas famílias. Nesta oportunidade formula os melhores votos para que 1961 seja um ano de Paz entre as nações e de fortalecimento da UNIDADE entre os trabalhadores de todo o Universo.

Presidente — Jorge Gonçalves da Silva
Secretário — Lúcio Xavier de Almeida
Tesoureiro — Mário Ribeiro Serafim

Federação dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem do Estado do Rio e Estado da Guanabara

Apresenta votos de feliz NATAL e próspero ANO NOVO às Diretorias das Federações coirmãs, aos Sindicatos que lhe são filiados, bem como, a todos os trabalhadores de nossa categoria profissional e suas famílias.

Outrossim, almeja que o ano de 1961 seja de fortalecimento da UNIDADE nacional e internacional, entre os trabalhadores do mundo inteiro.

Presidente — João Antonio Alberto Júnior
1º Secretário — José Araújo de Carvalho
2º Secretário — José Pereira de Castro
1º Tesoureiro — Almir Reis Netto
2º Tesoureiro — Astério dos Santos

Federação dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação do Estado do Rio

Sede: Rua Cel. Gomes Machado, 192 — 2º and. — Niterói.

Formula votos de feliz NATAL e próspero ANO NOVO às Diretorias das Federações coirmãs, aos Sindicatos filiados, assim como a todos os trabalhadores de nossa categoria profissional e suas famílias.

Que o ano de 1961 seja de fortalecimento da UNIDADE de ação nacional e internacional entre os trabalhadores do mundo inteiro.

Presidente — Rafael Francisco de Almeida
Secretário — Alcebiades Antunes Evangelista Filho
Tesoureiro — Irineu Pereira Nunes

Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Destilação e Refinaria do Petróleo do Estado da Guanabara

RUA INHANDUI N.º 73 — RIO DE JANEIRO — ESTADO DA GUANABARA

Por um 1961 de paz e progresso!

A Diretoria do Sindicato saúda a todos os trabalhadores da indústria de petróleo e suas famílias e a todas as organizações sindicais, por motivo das festas do Natal e Ano Novo, augurando um 1961 feliz, pleno de realizações e conquistas em prol de seu bem-estar.

A DIRETORIA:

Fernando Hemenegildo Aufran, Ary Gomes Machado, Orlando Estevão da Costa Soares, Aldemir Dias de Souza.

A LEI DA REFORMA URBANA EM CUBA:

Cada Família Tem Direito a Uma Moradia Condigna

ROSENDO MILIAN
(Serviço Especial de PRENSA LATINA)

A Lei de Reforma Urbana, promulgada pelo Governo Revolucionário de Cuba recentemente, consagra em seu artigo primeiro um novo direito que não figura em nenhuma outra legislação da Terra: o de toda família ter direito a uma moradia condigna, que o Estado fará efetivo em três etapas, a saber:

1. Etapa atual: O Estado esfinará a amortização da casa que habite cada família com o que paga atualmente de aluguel em um período que não será menor que cinco anos nem maior que vinte anos, fixado de acordo com o ano de construção do imóvel.
2. Etapa futura imediata: O Estado, com os recursos provenientes dessa lei e com outros, empreenderá a construção em massa de moradias que serão cedidas em usufruto permanente mediante pagamentos mensais que não poderão exceder os dez por cento dos vencimentos da família.
3. Etapa futura remota: O Estado com seus próprios recursos construirá as moradias que cederá em usufruto permanente e gratuito a cada família.

Fundamentos da Lei

Essa lei revolucionária única, que suscitou enorme interesse em todo o mundo proclama que o problema universal da moradia faz-se particularmente agudo nos países subdesenvolvidos como Cuba.

«A falta de desenvolvimento industrial — diz — de acordo com nossas necessidades e possibilidades, dirigiu a inversão do capital privado para a fabricação de edifícios para alugar nos centros urbanos, hábito inversionista fundado em um lucro desmedido e com inteiro esquecimento da função social da propriedade».

Acontecia em Cuba, por outro lado, que o preço dos terrenos urbanos havia alcançado cifras elevadíssimas, contribuindo para «separar ainda mais as classes sociais». As melhores áreas se fizeram exclusivas das classes privilegiadas. Formaram-se, assim, bairros residenciais, mais valorizados ainda graças aos préstimos dos serviços públicos, enquanto a parte mais humilde do povo, a mais desnutrida, sem trabalho nem possibilidades «amontou-se nos terrenos mais insalubres» e nas «ciudadelas» — aglomerados de casebres em completa desordem.

A especulação com os contratos de aluguel alcançou proporções tão escandalosas que inclusive os governos anteriores, sem qualquer preocupação com o bem público, viram-se obrigados a decretar leis de redução no preço dos aluguéis.

Entretanto, os preços vertiginosos das moradias estimularam novas inversões em imóveis para alugar, muitas vezes com o próprio produto desses bens, «alheios, naturalmente, ao trabalho ou ao esforço próprio».

Unida a essa realidade, havia outra que cooperava com o jogo stivo dos especuladores: um crescente deficit habitacional permanente. Mas, devido a sua ausência de objetivos sociais, o fabuloso negócio da construção de imóveis jamais conseguiu satisfazer as necessidades populares.

Construiu-se, não para os trabalhadores ou para famílias de modestos vencimentos, mas para aqueles que pudessem pagar altos aluguéis em apartamentos «de luxo».

Espoliação

Uma especulação similar sobre os imóveis urbanos realizava-se através de empréstimos com garantia hipotecária sobre os próprios imóveis. A hipoteca funcionou como meio de espolar os proprietários modestos. Com os arrendamentos e adjudicações, os inversionistas hipotecários conseguiram auportar seus capitais de forma desproporcional à inversão.

Os imóveis suscetíveis de serem destinados ao comércio ou à indústria, a escritórios de negócios ou profissionais, foram particularmente explorados. Em uma infinidade de casos os alugadores chegaram a participar preponderantemente nos lucros dos industriais, comerciantes e profissionais em geral.

As inversões em imóveis urbanos a alugar, tanto sob a forma de propriedade como de crédito hipotecário, chegaram a constituir uma atividade econômica que destruiu as forças nacionais que deveriam cooperar para o desenvolvimento econômico da Nação.

Em face desse quadro, o Go-

verno Revolucionário postulou que o desenvolvimento econômico do povo, o incremento da produção, a distribuição equitativa da riqueza, a eliminação definitiva dos privilégios, são as bases definitivas para o desenvolvimento econômico do país que «podem solucionar o gravíssimo problema da habitação, sem os paños quentes sociais que preconizam soluções parciais de «planos de habitação», soluções que sempre se encontravam fundadas num desenvolvimento social sem o apoio de um firme desenvolvimento econômico».

Até aqui os fundamentos essenciais da Lei de Reforma Urbana.

Como se traspas: a propriedade?

O Artigo 2º da Lei anula o aluguel de imóveis urbanos e de qualquer outro negócio ou contrato que implique a cessão do uso total ou parcial do mesmo. Tal determinação não afeta, entretanto, os planos do Governo para o futuro imediato com respeito à construção de habitações.

A nulidade dos contratos tampouco afeta os hotéis, os «moteles» (hotéis de estrada, longe de qualquer povoado, para pernoite de pessoas «motorizadas») pensões, albergues e similares; nem as «cabanas», apartamentos ou casas em lugares de veraneio, balneários ou lugares de descanso. Nesses últimos casos é lícito o aluguel, mas os preços serão fixados pelo Instituto Nacional da Indústria Turística.

A lei estabeleceu sete Conselhos Provinciais da Reforma Urbana, com caráter temporário, e um Conselho Superior, que será permanente, para o conhecimento de todas as questões de natureza civil ou social que origine a aplicação dessa Lei, que se encontrem relacionados com os contratos de compra e venda cujas concessões se ordenam.

Todo proprietário de imóvel urbano deverá declarar sob juramento, perante o correspondente Conselho Provincial da Reforma Urbana, os imóveis de que seja proprietário e pelos quais receba renda.

O inquilino, por sua vez, terá que declarar também sob juramento, as circunstâncias relativas ao fato da ocupação do imóvel onde reside.

O pagamento da moradia

Os Conselhos Provinciais, pela ordem de apresentação das declarações juramentadas, outorgarão os contratos de compra e venda, sob as seguintes condições:

1. — O contrato se outorgará ao ocupante do imóvel, seja sublocatário ou não.
2. — O ocupante, locatário ou não, poderá comprar o imóvel pagando de uma só vez a quantia fixada como restante do preço, ou pagando em parcelas maiores que as fixadas pela lei.
3. — A pessoa que figure como comprador deverá declarar sua renda, sob juramento, renda que pesará na estipulação do preço a pagar. Os contratos não pagarão impostos de nenhuma espécie, mas o comprador terá que abonar os gastos originados pelo contrato, isto é, cerca de 20 por cento sobre o montante de uma mensalidade de aluguel.

Quando a ocupação do imóvel for ilícita ou delituosa o Conselho da Reforma Urbana poderá negar a concessão do contrato de compra e venda.

Todos os mandatos de despejo por falta de pagamento dos aluguéis, anteriores à lei, ficarão anulados.

Os pagamentos de aluguel que deixaram de ser feitos até a data da concessão do contrato, serão somados ao montante total do preço estipulado para a venda. As dívidas pendentes, por serviços de água e imposto territorial, serão deduzidas do preço total do imóvel, mas, entretanto, o comprador abonar-se-á à razão de um peso mensal.

Maneira de determinar o preço do imóvel

Segundo o artigo 15 da Lei, o preço do imóvel será fixado de acordo com a data de sua construção.

Os imóveis construídos antes do dia 26 de julho de 1940, terão o preço que resultar da soma das mensalidades do aluguel vigente na data da publicação da lei, durante cinco anos, menos o montante das contribuições.

Os imóveis construídos depois de 1940 e antes de 26 de julho de 1950 terão como preço legal as somas das importâncias do aluguel vigente na data da publicação da lei, durante cinco anos, mais a metade dos anos e meses que assinala a diferença aritmética entre a data da construção do imóvel e a data de julho de 1940, menos o montante da contribuição municipal e o montante do serviço de águas durante o tempo computado.

Do ano 1950 em diante, terão como preço legal o que resultar da soma das mensalidades do aluguel vigente na data da publicação da Lei, durante dez anos, mais os anos e meses que assinala a diferença aritmética entre a data

da construção e a data de julho de 1950, menos o montante da contribuição e o serviço de águas no tempo computado.

O preço dos imóveis em construção, não destinados à moradia do proprietário, será fixado pelo Conselho da Reforma Urbana e vendido por este. Se o proprietário paralisar a obra, ela será concluída pelo Estado.

A data de construção do imóvel será verificada pela declaração do «habite-se», a Declaração da obra, Declaração do valor do imóvel e o Contrato de aluguel.

Os antigos proprietários receberão o preço que se fixar para os imóveis em prazos iguais a aqueles a que forem obrigados os compradores, isto é, no dia 5 de cada mês. Mas pertencem ao Estado todas as quantias que, acima do total de seiscentos pesos mensais, pudessem receber os vendedores.

A propriedade dos imóveis destinados a servir de «ciudadelas», «casas de vicindades», «cuarterias» ou «solares» (correspondendo às «cabeceras de porcos», ou cortiços brasileiros) transfere-se ao Estado sem indenização. Os aluguéis se acumularão para construir moradias condignas para seus ocupantes. Os imóveis que sejam objeto de

compra e venda não poderão ser permutados, cedidos, vendidos nem traspasados, sem autorização do Conselho.

As hipotecas

A concessão de contrato de venda sobre um imóvel produzirá o cancelamento do gravame hipotecário, se houver algum, os gravames sobre imóveis ocupados por seus proprietários também ficam cancelados.

O principal do montante da hipoteca não promoverá juros, mas será amortizado por meio do pagamento de quantias iguais as que deveriam ser pagas a título de juros, nos mesmos prazos assinalados para o pagamento destes. Quando se houver acertado o pagamento conjunto de vencimentos de capital e juros, os pagamentos continuarão se realizando da mesma maneira, mas a totalidade se aplicará à amortização do capital. O montante dos gravames hipotecários que se cancelam pertence ao Estado.

Máxima proteção aos antigos proprietários.

Os antigos proprietários, quando terminarem de receber o valor do imóvel, se perceberem aluguéis

inferiores a 150 dólares mensais, receberão uma renda vitalícia maior em cem por cento do que antes percebiam, desde que a soma de suas demais fontes de renda não ultrapasse a quantia de duzentos e cinquenta dólares mensais.

Por sua vez, os credores hipotecários, que recebiam menos de cento e cinquenta dólares mensais, receberão uma renda mensal vitalícia cem por cento maior que aquela quantia, se a soma de suas outras fontes de renda não exceder a quantidade de duzentos dólares mensais.

Os credores hipotecários que deixem de sé-lo, que tinham renda superior a 150 dólares e inferior a 200, perceberão uma pensão vitalícia não inferior a 150 dólares.

Estas são, em linhas gerais, as disposições essenciais contidas na Lei da Reforma Urbana. Como se vê, fará com que oitocentos mil pais de família em todo o país adquiram a propriedade da casa ou apartamento em que residem. Ao mesmo tempo, cerca de maior proteção o antigo proprietário.

Sómente uns quantos grandes proprietários de imóveis, que exploravam verdadeiros impérios urbanos, sairão prejudicados pela Lei, porque aqueles que percebiam, por exemplo, rendas mensais superiores a 12 e 15 mil dólares, receberão agora somente seiscentos dólares cada mês.

Ninguém foi despojado de sua propriedade. Muitos dos proprietários, que eram por sua vez inquilinos, terão que vender, por um lado, suas casas e comprar, por outro, aquela em que residem, invariavelmente muito melhor.

O Governo Revolucionário Cubano, com esta importante medida, encarou a sério o problema da habitação e espera resolvê-lo dentro de pouco tempo. Enquanto isso, acabou com o leonino negócio dos aluguéis e das hipotecas.



Antes era a miséria

Do outro lado da escala, a grande maioria do povo cubano era obrigada a viver em barracos, tugúrios e cortiços, nas cidades, e em miseráveis choupanas, nos campos, pagando, na maior parte das vezes, aluguéis extorsivos a proprietários que se locupletavam com o dinheiro do povo. A aspiração de milhões de pessoas a dispor de sua própria moradia ou a viver em condições melhores era impedida pelos proprietários e pelo governo que os protegia. Agora, essas aspirações são defendidas pelo Governo Revolucionário e se tornarão realidade em breve.

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Artefatos de Couro do Estado da Guanabara
RUA QUITO N.º 168 — RIO DE JANEIRO — ESTADO DA GUANABARA

No transcurso das festividades da passagem do Ano Novo, saudamos a todos os trabalhadores da indústria do couro, desejando-lhes felicidades e êxitos em suas lutas e em sua organização.

JOSÉ VICENTE ALVES — PRESIDENTE

Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem do Estado da Guanabara

Sede própria: Rua Mariz e Barros, 65 — Tel. 28-4593.

MENSAGEM DE NATAL E ANO NOVO

Em nome dos Trabalhadores Têxteis do Estado da Guanabara saudamos os Trabalhadores do Brasil na passagem deste Natal e desejamos a todos um Novo Ano próspero e de paz.

Que o ano de 1961 seja caracterizado como Ano da Unidade de Ação dos Trabalhadores em defesa de seus direitos e reivindicações.

Diretoria:

Felix Cardoso da Silva — Presidente
Hércules Correia dos Reis — 1º Secretário
Alberto dos Santos — 2º Secretário
Aidé de Almeida Rodrigues — Tesoureira
Alvina Corrêa do Régio — Procuradora

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Calçados e de Luvas, Bólsas e Peles de Resguardo do Estado da Guanabara

Sede: Rua Santana, 205 — sob. — Rio de Janeiro

A Diretoria do Sindicato, por motivo da Comemoração do Dia de Natal e Festa de Ano Novo, saúda as organizações coirmãs, os associados e o proletariado em geral pelos êxitos alcançados no ano de 1960, desejando plenos êxitos no ano de 1961 na luta pela consolidação da Unidade Sindical, pela Vitória das reivindicações dos Trabalhadores e pela manutenção da Paz entre os povos.

Estado da Guanabara, 24 de Dezembro de 1960

PLINIO ALVES — Presidente..

Apelo a Todos os Povos do Mundo

Os representantes dos partidos comunistas e operários das cinco partes do mundo, reunidos em Moscou por motivo do 43º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro, comprometidos do sentido da responsabilidade pelo destino do gênero humano, dirigimo-nos a vós conclamando-os à luta geral em defesa da paz, contra o perigo de uma nova guerra mundial.

Há três anos, os partidos comunistas e operários lançaram o Manifesto da Paz, dirigido a todos os povos do globo. Desde então, as forças da paz conquistaram notáveis vitórias na luta contra os incendiários de guerra.

Hoje em dia, podemos nos pronunciar contra o perigo de guerra, que ameaça milhões de homens, mulheres e crianças, com mais segurança na vitória da causa da paz. Jamais houve na história da humanidade possibilidades tão reais para concretizar na vida o sonho secular dos povos de viver num clima de paz e liberdade.

Que falem os fatos!

Os povos aplaudiram as propostas de desarmamento geral e completo controlado, apresentadas pela União Soviética e apoiadas calorosamente por todos os países socialistas.

Quem se opõe à realização destas propostas? Os governos dos Estados imperialistas, encabeçados pelos Estados Unidos da América do Norte, que em lugar do desarmamento controlado propõem o controle sobre os armamentos e procuram converter em mera charlatanice as negociações acerca do desarmamento.

Os povos saúdam o fato de há dois anos três grandes potências não terem efetuado provas com armas nucleares. Quem se opõe a que se dê um novo passo e se resolva proibir para sempre estas provas mortíferas? Os governos das potências imperialistas, que proclamam sem cessar sua intenção de recomençar as provas de armas atômicas e ameaçam constantemente frustrar as negociações sobre sua proibição, negociações que eles foram obrigados a iniciar sob a pressão dos povos.

Os povos não querem que permaneçam em seus territórios soberanos bases militares estrangeiras; pronunciam-se contra os pactos militares agressivos, que limitam a independência de seus países e os colocam numa situação perigosa.

Quem se opõe a isto?

São os governos dos Estados do eixo Atlântico, que oferecem aos militaristas e revanchistas germano-ocidentais bases militares em territórios alheios e colocam em suas mãos armas de extermínio em massa, forçando o armamento atômico das tropas da OTAN.

São os círculos governantes dos Estados Unidos, que impuseram pactos militares agressivos ao Japão, ao Paquistão e a outros Estados do Extremo Oriente e do Oriente Médio, que atacam estes países contra Estados pacíficos, que ocupam a Coreia do Sul e a converteram em sua praça de armas, que fazem ressurgir o militarismo japonês, que se imiscuem nos assuntos internos de Laos e da Vietnã do Sul, que apoiam os imperialistas holandeses no Iriú Ocidental, os belgas no Congo e os portugueses em Goa, bem como outros colonialistas, que preparam a interven-

ção armada contra a revolução cubana e arrastam os países da América Latina a pactos militares.

São os E.U.A., que ocupam a ilha chinesa de Taiwan, que enviam constantemente seus aviões militares ao espaço aéreo da República Popular da China e, ao mesmo tempo, passam por cima dos direitos legítimos que esta tem de ser representada na Organização das Nações Unidas.

Rampas de lançamento de foguetes prontas para entrar em ação, arsenais abarrotados de armas nucleares, aviões que cruzam o espaço carregados de bombas de hidrogênio, navios de guerra e submarinos que sulcam os mares e os oceanos, dispostos ao ataque, uma rede de bases militares em territórios alheios: esta é a prática atual do imperialismo.

Nesta situação, qualquer país, grande ou pequeno, do globo terrestre, pode ver-se envolvido súbitamente nas chamas de uma guerra nuclear.

O imperialismo empurra o mundo para a beira da guerra em benefício dos interesses de um punhado de grandes monopólios e colonialistas.

Os inimigos da paz propagam mentiras acerca de um pretexto perigo de «agressão comunista». Recorrem a essa mentira para ocultar seus verdadeiros objetivos, paralisar a vontade dos povos e justificar ante eles a corrida armamentista.

Operários, camponeses, intelectuais, homens de boa-vontade de todo o mundo:

Em nossos dias não há para a humanidade tarefa tão inadiável como a luta contra o perigo de uma guerra nuclear com emprego de foguetes, pelo desarmamento universal e total, pela manutenção da paz. Em nossos dias não há dever mais nobre do que a participação nesta luta.

É possível uma paz duradoura em todo o mundo?

Os comunistas respondemos:

A guerra não é inevitável, a guerra pode ser conjurada, pode-se defender e consolidar a paz.

Esta nossa convicção não obedece unicamente à nossa vontade de paz e a nosso ódio aos incendiários de guerra. A possibilidade de conjurar a guerra emanou dos fatos reais da nova situação no mundo.

O sistema socialista mundial se vai convertendo num fator cada vez mais decisivo de nossa época. O sistema socialista, que abarca mais de um terço da humanidade, e a União Soviética, sua força principal, utilizam seu

crecente poder econômico e técnico-científico para impedir as ações dos imperialistas e manter os partidários de aventuras bélicas.

O movimento operário internacional, que tem como bandeira a luta pela paz, eleva a vigilância dos povos e inspira a todos os homens honrados ações resolutas contra a política agressiva dos imperialistas da terra.

Os povos da Ásia, África e América Latina que conquistaram sua liberdade e sua independência política, e os povos que lutam por sua libertação nacional, milhões e milhões de seres, se vão convertendo em combatentes cada vez mais resolutos pela paz, em aliados naturais da política pacífica dos países socialistas.

Pronunciam-se em favor da paz e da coexistência pacífica os Estados neutros, que não aceitam a política agressiva dos imperialistas.

O movimento mundial dos partidários da paz agrupa hoje milhões de pessoas. Em cada país, os participantes deste movimento querem defender sua pátria do novo incêndio bélico.

Unindo-se para travar uma luta decidida, todas estas forças pacíficas podem frustrar os criminosos planos bélicos, manter a paz e fortalecer a amizade entre os povos.

A paz não vem por si mesma. Só se pode defender e assegurar a paz mediante a luta conjunta de todas as forças pacíficas.

Os comunistas dirigimo-nos a todos os trabalhadores, aos povos de todos os continentes:

Lutai pelo alívio da tensão internacional e pela coexistência pacífica, contra a «guerra fria», contra a corrida armamentista! Se os enormes recursos que são gastos inutilmente em armamentos fossem aproveitados com fins pacíficos, poder-se-ia melhorar a situação das massas populares, diminuir o desemprego, elevar os salários, melhorar o nível de vida, aumentar a construção de moradias e ampliar os seguros sociais. Impedi o aumento dos armamentos atômicos e o fornecimento de armas de extermínio em massa ao militarismo alemão e japonês!

Exigi a assinatura de um tratado de paz com ambos os Estados alemães e a conversão de Berlim Ocidental numa cidade livre e desmilitarizada!

Lutai contra as tentativas dos governos das potências imperialistas de arrastar novos países à guerra fria, à órbita dos preparativos de guerra!

Exigi a liquidação das bases militares estrangeiras e a retirada das tropas que se encontram nos territórios de outros Estados e a proibição da instalação de novas bases! Lutai para libertar os países dos pactos militares

agressivos que lhes foram impostos! Lutai por acordos de criação de zonas desarmadas!

Não deixeis que se afogue a liberdade do heróico povo cubano por meio do bloqueio econômico ou da intervenção armada dos monopólios norte-americanos!

Os comunistas, lutando pela causa da classe operária e dos povos, entendemos a mão aos social-democratas, aos membros de outros partidos e organizações que se pronunciam a favor da paz, a todos os membros dos sindicatos, a todos os patriotas, e lhes dizemos: lutai junto conosco na defesa da paz, pelo desarmamento. Altemos em comum!

Forjemos a frente comum de luta contra os preparativos bélicos dos imperialistas!

Defendamos juntos as liberdades e os direitos democráticos, lutemos contra as forças sinistras da reação do fascismo, contra o racismo e o chauvinismo, contra a onipotência dos monopólios, contra a militarização da economia e da vida política!

A luta dos povos pela liberdade e a independência debilita as forças que tendem a guerra e multiplica as forças da paz.

A África, cujos povos sofreram mais do que todos sob o látigo da escravidão colonial e de uma exploração bárbara, desperta para uma nova vida. Criando seus Estados independentes, os povos da África entram no panorama histórico como uma força jovem, cada vez mais autônoma e pacífica.

Mas o colonialismo, condenado pela história, ainda não foi destruído completamente.

Uma violência e um terror ferozes são um obstáculo para os povos da África Oriental, das colônias britânicas e portuguesas, no caminho para a liberdade. Na União Sul-africana, um regime racista comete arbitrariedades bestiais. Já há seis anos que o valeroso povo argelino luta pelo direito à independência nacional, desangrando-se na guerra que lhe foi imposta pelos colonialistas franceses, apoiados pelos cúmplices atlânticos. No Congo, os imperialistas não medem meios para derrubar o governo legítimo e entregar o Poder a seus Jôcês fantoches, recorrendo a desonestas manobras e ao suborno.

Os povos que conquistaram o direito à existência do Estado independente continuam travando uma árdua luta contra o colonialismo em suas novas formas, contra os colonialistas norte-americanos e germano-ocidentais, contra os antigos opressores ingleses.

franceses e outros, que tentam manter a todo custo em suas mãos as riquezas naturais, as minas e as plantações, impedir o desenvolvimento industrial dos países emancipados e impor-lhes governos venais e reacionários.

Irmãos dos países que se libertaram do colonialismo e dos países que lutam por sua libertação:

Sou a hora final do colonialismo!

Não, os comunistas, estamos conosco! Todo o poderoso campo dos Estados socialistas está conosco!

Convosco reivindicamos o reconhecimento imediato e incondicional do direito à existência independente para todos os povos!

Que as riquezas de vossos países e os esforços dos trabalhadores se destinem exclusivamente ao bem de vossos povos!

Vossa luta pela plena soberania e a independência econômica, pela liberdade, serve à sagrada causa da paz!

Os representantes dos partidos comunistas e operários dirigimos nosso apelo

aos homens, às mulheres e aos jovens,

às pessoas de todas as profissões e camadas sociais,

a todos os homens, quaisquer que sejam seus credos políticos e religiosos, qualquer que seja sua nacionalidade e a cor de sua pele,

a todos os que amam sua pátria e odeiam a guerra.

Exigi a proibição imediata das provas, da fabricação e do emprego de armas nucleares, bem como de outros tipos de armas de extermínio em massa. Exigi a conclusão imediata de um acordo de desarmamento universal e total controlado.

Que a ciência e a técnica contemporâneas não continuem contribuindo para a produção de armas mortíferas e de extermínio e cooperem em troca para o bem-estar dos homens, para o progresso da humanidade!

Que em lugar dos blocos militares triunfem a cooperação amistosa e um amplo intercâmbio comercial e cultural entre todos os países!

Em nossa época, AS FORÇAS DA PAZ SUPERAM AS FORÇAS DA GUERRA! Se os povos unirem seus esforços e lutarem com decisão e energia pela paz e a amizade, conseguirão seu nobre e desejado objetivo, manterão a paz.

Os comunistas dedicam a esta causa todas as suas energias.

A PAZ VENCERÁ A GUERRA!

O "DESASTRE" DO PROF. GUERREIRO RAMOS (II)

UM CONTINUÍSTA "DE ESQUERDA"

RENATO GUIMARÃES

O objetivo central dos artigos de «balança» das recentes eleições, publicados pelo sr. Guerreiro Ramos em «Última Hora», é pelo menos aparentemente, e de lançar a ideia de que «os esquerdistas» não comunistas devem organizar-se, em nosso país, de maneira a que possam «libertar-se» da influência comunista e assumir a liderança do movimento nacionalista. As opiniões amarguradas do respeitável professor sobre o pleito recente — opiniões cuja incompatibilidade com os fatos e com a vida real já procuramos demonstrar aqui (1) — são apenas o estribo de que ele se serve, na falta de argumentos melhores, para justificar sua empreitada anticomunista.

Dizemos «aparentemente», porque é difícil entender o que realmente procura o sr. Guerreiro Ramos. Vê-se que ele não está contente com a influência dos comunistas entre os trabalhadores e, mesmo, entre outros setores de movimento nacionalista, e deseja eliminá-la. Quando se trata porém de como fazer isto, as ideias lhe fogem. Limita-se a acenar com o vago e velho lema da «união das esquerdas» sem (e contra) os comunistas — lema que, há décadas, vem excitando a imaginação de certos grupos de intelectuais pequeno-burgueses da França, bem como de outros países europeus, onde a tradição do movimento comunista e operário é mais antiga.

Trata-se então, pelo jeito, de uma tentativa de plantar no solo brasileiro uma árvore que não pôde dar frutos em outras terras: a «esquerda independente». Mas não é de se esperar que o sr. Guerreiro Ramos tenha aqui melhor sorte do que seus precursores e mestres europeus, pois estes foram sistematicamente levados ao fracasso pela mesma e grave falta em que ele incorre: nem um nem outros levam em conta os interesses de classe daqueles a quem pretendem organizar politicamente.

A ausência do conceito de classe já desarma a articulação desejada pelo sr. Guerreiro Ramos logo na partida. Se seu desejo é organizar a esquerda, ele precisa, em primeiro lugar, definir o que seja a esquerda. Ninguém conse-

que formar um exército se não define suas possibilidades de recrutamento. Por coincidência, aliás, também os exércitos regulares são tradicionalmente recrutados por «classes».

O sr. Guerreiro Ramos, no entanto, dando prova de menor sentido prático do que o marechal Lott, de quem tanto se queixa, adota um critério inteiramente subjetivo para recrutar seus homens. Incluem-se em seu futuro exército, ou seja, na esquerda — diz ele — «todos aqueles que direta ou indiretamente procuram contribuir para a transformação da sociedade, tendo em vista promover as massas a níveis de existência material e não-material superiores aos vigentes».

Esqueçamos o ridículo da coisa e façamos um teste com tal conceito de esquerda: o almirante Penna Bôto pode ou não ser incluído entre os esquerdistas? Também ele quer a transformação da sociedade, a seu modo, e vive proclamando que sua intenção é precisamente melhorar a situação das massas. Como então negá-lo e diplomá-lo? Na realidade, todos sabem que o minúsculo almirante é dos mais reivosos reacionários patrióticos, mas sabem-no porque raciocinam por outros critérios, mais objetivos: identificam o almirante sobretudo pelos interesses que defende, através de suas ideias e atos. Raciocinar desse modo, no entanto, já é aceitar uma conceituação de classe, e a isso o prof. Guerreiro Ramos se recusa.

A tentativa de armar uma ideologia «de esquerda» não aponta a direção do conceito de classe é, aliás, a característica de todos os escritos publicados ultimamente pelo sr. Guerreiro Ramos no que eles têm de essencial. Vejamos, por exemplo, a sua definição de nacionalismo: «é a ideologia dos povos que, na presente época, lutam por libertar-se da condição colonial», diz ele, em seus «Cinco Princípios».

É evidente a estreiteza de tal concepção do nacionalismo, na qual não há lugar para o nacionalismo francês, o alemão, e outros nacionalismos igualmente identificados com o colonialismo e o imperialismo. Para não usar o conceito de classe — que só ele permite

a diferenciação entre o nacionalismo de uma burguesia que entrou na etapa imperialista, e o nacionalismo como o bandeira de uma aliança de classe num país em luta contra a dominação estrangeira — o prof. Guerreiro Ramos prefere fazer como se os Hitler e Mussu nunca tivessem existido.

É o caso, igualmente, do conceito de «povo», que ele deforma deliberadamente para não reconhecer a existência do proletariado, como classe, e para misturar tudo — camponeses, operários, funcionários, burgueses, etc. — numa só massa informe, à espera de alguém — uma «vanguarda» — que a lidere, na luta pela emancipação nacional. É precisamente este o sentido mais profundo de toda a sua atividade como candidato a teórico do nacionalismo. Ele faz o que lhe é possível para que o movimento operário se dissolva no nacionalismo, abandonando suas características e reivindicando as próprias, que vão muito além, e acolitando a uma liderança que limita seus horizontes à luta pela emancipação de país.

É óbvio que, se o movimento operário deixasse de existir de forma independente, a burguesia brasileira passaria a ser a única classe em condições de assumir a liderança do movimento nacionalista, e poderia conduzir a seu modo a revolução nacional e democrática, com o poder de delatá-la onde melhor lhe aprofuisse. Ai se revela a quem, na verdade, está servindo a pregação teórica do sr. Guerreiro Ramos, seja quando tentou impingir aos trabalhadores os seus chamacos «Cinco princípios», seja mais recentemente, nos artigos que escreveu em «Última Hora».

A coisa falha, entretanto, porque não pôde inspirar confiança alguma aos trabalhadores uma pregação desse tipo, cujo primeiro «princípio» é o de que «os trabalhadores são sócios do desenvolvimento». E o sr. Guerreiro Ramos tem uma experiência pessoal disso, pois fez diversas tentativas de levar sua doutrina ao movimento sindical, e só conseguiu despertar a simpatia de alguns paisãos que provavelmente se sentiam lisonjeados com a

ideia de serem «sócios de Maltarazo». Para os trabalhadores, no entanto, tal ideia apenas pode sugerir a «sociedade» que existe entre o boi e a canga. E eles não estão interessados em dar nomes bonitos à canga; querem livrar-se dela.

É também por isso que o Partido Comunista tem existência assegurada em nosso país, e exerce sua influência não apenas no movimento operário, mas em outros setores do movimento nacionalista, apesar dos desejos do prof. Guerreiro Ramos. Os trabalhadores precisam dele, e voltam-se naturalmente para ele, como intérprete de suas aspirações de classe e guia de sua luta revolucionária. Precisamente por isso, e por ser o partido revolucionário da classe mais revolucionária, por ser o partido que não defende outros interesses senão os da revolução, sua influência e sua liderança se exercem além dos limites de sua classe, sobre todos aqueles que estão sinceramente empenhados na luta pela democratização e emancipação do país, e que têm muitas e justas razões para não confiar em «lideranças» como as que agora lhes oferece o sr. Guerreiro Ramos.

Não nos daremos ao trabalho de desfazer todas as intrigas e calúnias levantadas pelo sr. Guerreiro Ramos contra os comunistas, no afã de lançar o descrédito sobre o partido que tem como tarefa conduzir por um rumo independente e revolucionário o mover o operário e democrático. A má fé demonstrada por ele, nos pontos básicos de sua «doutrinação», dispensa a crítica no detalhe às mentiras e alevisias que inventa ou veicula, à guisa de argumentos.

Queremos registrar, entretanto, como fato significativo, que o comentarista de «Última Hora», em várias oportunidades, tem a apresentado a ação dos comunistas brasileiros como sendo «subordinada às diretrizes soviéticas». Não acreditamos que, por ignorância, ele tenha tomado como tal a observância pelos comunistas brasileiros de um dos princípios básicos pelos quais se fundamenta a ação dos comunistas do mundo inteiro — o princípio do internacionalismo proletário, da

ajuda mútua entre os diversos partidos comunistas, da unidade de ação do movimento operário internacional, sem a qual seria impossível enfrentar e derrotar a ação do capitalismo internacional, que não esperou a autorização de ninguém para unir-se.

Não é preciso muita inteligência para compreender que este princípio básico do marxismo-leninismo de forma alguma está em contradição com outro princípio básico do marxismo-leninismo, a cuja obediência os comunistas brasileiros igualmente se obrigam — o da completa independência de orientação e de ação de cada partido comunista, em tudo o que concerne à luta revolucionária em seu próprio país. O mesmo sr. Guerreiro Ramos, aliás, se viu obrigado a reconhecer num de seus artigos, que nada tem a dizer contra as «Teses» recentemente elaboradas — e submetidas a um debate público e amplo — pelos comunistas brasileiros, que se serviram delas como base para a linha programática que aprovaram em seu V Congresso. Não acreditamos que as limitações do erudito professor cheguem ao ponto de levá-lo ao delírio de imaginar que tudo aquilo — as «Teses», a discussão, o Congresso — era «cenação», para encobrir «diretrizes soviéticas». Não sendo assim, só o desejo de afinar com o anticomunismo dos Falcões e Danilos pode explicar sua adesão a esse tipo de calúnias. É mais um que quer «se limpar», diante da reação, e m b o r a procure fazê-lo de forma a que não o confundam com um policial qualquer.

Esta atitude de oportunismo, na verdade, explica muita coisa da súbita «amnésia» do sr. Guerreiro Ramos para com suas opiniões de apoio entusiástico ao marechal Lott, emitidas antes da eleição, e do «antifortismo» manifestado por ele depois das eleições. Por trás de todas as suas complicadas especulações teóricas, revela-se a atitude de quem quer ficar de «mãos limpas» para poder aderir ao futuro governo. Dirigiu mesmo, abertamente repetidos «conselhos» a Jânio, para que este observasse em seu governo «assessorias nacionalistas», entre as quais, naturalmente, ele está incluído.

Nada diríamos dos preparativos para a adesão do sr. Guerreiro Ramos, se ele os fizesse em surdina, e em caráter pessoal. Para poder aderir, entretanto, ele passa a defender e veicular ideias que contrariam os interesses, não apenas do proletariado, mas da própria frente única nacionalista e democrática. Não só preconiza uma liderança burguesa para o movimento nacionalista — o que está no seu papel fazer, e é natural que assim seja — e procura entorpecer, pela mistificação, as aspirações revolucionárias dos trabalhadores e democratas. Val além, e procura introduzir no movimento nacionalista uma perspectiva política falsa e contrária aos seus interesses, refletindo nisso a tendência conciliadora e vacilante própria à burguesia, que se abala e entra em pânico ao menor sinal de perigo, e se agarra desesperadamente aos privilégios e comodidades de que goza.

Não é simples acaso, de fato, que o sr. Guerreiro Ramos procure hoje levar o movimento nacionalista a tomar diante do governo de Jânio a mesma atitude com que se conduziu diante do atual governo. Nem é por acaso que, quando falava em seus artigos das causas da derrota de Lott, ele não fez a mínima referência à política de conciliação com o imperialismo e de «desenvolvimentismo» baseada no sacrifício do povo que caracterizou o governo Kubitschek, embora essa política tenha sido o principal fator da derrota, uma vez que ela foi associada, aos olhos das massas, à candidatura Lott.

Na verdade, o prof. Guerreiro Ramos se acomoda e se identifica perfeitamente com essa política conciliadora e «desenvolvimentista» e deseja a continuação dela. Mostra-se, por isso, incapaz de assimilar os verdadeiros ensinamentos que o pleito de outubro trouxe para os nacionalistas. Todas as contas feitas, seus artigos apenas refletem a incapacidade da burguesia de liderar do modo revolucionário e consequente a luta de nosso povo pela emancipação nacional. Sua «esquerda independente» morre no berço.

(1) Ver NOVOS RUMOS de 9-12-60.

Recife: Prefeito Miguel Arraes Muda

«Da «poeira» ao «asfalto», dos subúrbios mais distantes aos bairros mais próximos, dos «altos» e côregos ao centro urbano — estamos todos unidos neste propósito comum: trabalhar com afinco pelo progresso da cidade.

Em nome dos que vivem na lama, das crianças sem escola e sem lar, dos chefes de família sem emprêgo, dos que trabalham, lutam e sofrem asperamente no Recife, eu vos peço o voto.»

(Da plataforma do candidato MIGUEL ARRAES)

Bairros Não Foram Esquecidos

O Departamento de Engenharia e Obras da Prefeitura do Recife, por força da amplitude de seus diversos setores de atividades, foi, sem dúvida alguma, o que maior número de tarefas teve a executar, durante o período de 1960. Operando, simultaneamente, na chamada zona da «poeira», nos alagados e no asfalto, executou um sem número de obras.

O simples trabalho de capinação à construção de modernas faixas de rolamento, tudo sentiu o impulso da dinamização. Assim, obras como as Avenidas Norte, Sul, Boa Viagem e BR-11, BR-25 (estas duas, em colaboração com o Departamento de Estradas de Rodagem) feitas em concreto de cimento; a abertura de novas vias de penetração, como ligações Casa Amarela-Beberibe, Arruda-Peixinhos e Largo da Paz-Prado; Avenidas Beira-Rio e Beira-Canal; e mais a perimetral de contorno (também em colaboração com o DER) — que, futuramente, interligará todos os subúrbios da cidade — tudo recebeu o vigoroso empenho da administração do prefeito Miguel Arraes.

E mais

Tudo isso, entremeadado pelos trabalhos de abertura e drenagem de canais, valões e valetas; terraplenagem e atêrro; chafarizes; construção e recuperação de pontes e pontilhões; reconstrução e reparo de pequenos prédios para a instalação das escolinhas de Movimento de Cultura Popular e a recuperação de mais de 150 mil metros quadrados de área das diversas pavimentações en-

quadradas na chamada «Operação Buraco».

Linguagem tria dos números

Em síntese, o DEO apresentou, neste exercício, de obras executadas pelos seus diversos setores, as seguintes estatísticas: abertura da Av. Sul, pavimentação do seu primeiro trecho e início da construção da nova ponte dos Afogados início do último trecho da Avenida Norte, que cortará a cidade, desde o cais até os limites do município de São Lourenço; pavimentação em concreto de cimento de 3 500 metros lineares da Avenida Boa Viagem; avenida de acesso à BR-25; abertura das Avenidas Beira-Rio e Beira-Canal, margeando, respectivamente, o Rio Capibaribe e o canal Derbi-Tacuna; as ligações Casa Amarela-Beberibe, Arruda-Peixinhos e Largo da Paz-Prado, todas em prosseguimento, para conclusão no próximo ano; além do intenso ataque aos serviços da chamada Operação Buraco.

Paralelamente, os diversos distritos do DEO, operando nos bairros da cidade, conjuntamente, terraplenaram 2 774 583,00 m² de área, capinaram 1 010 700,00 m², aterraram 170 436,60 m³, construíram 5 892,70 de galerias, 7 pontilhões e recuperaram 178.

Para o Movimento de Cultura Popular foram plantadas, através da recuperação de pequenos prédios, 67 escolas e 3 grupos escolares.

Barateamento das obras

Para enfrentar o grande vulto dessas obras e obter o máximo de barateamento e de rapidez na sua execução, o prefeito Miguel Arraes investiu no setor da produção, arrendando, em Jaboatão, uma pedreira para atender exclusivamente às obras municipais e, através do convênio com a «Petrobrás», a implantação de um terminal asfáltico na zona portuária do Recife.

Como setor encarregado pela indústria, foi criada, no Departamento de Engenharia e Obras, a Divisão Industrial. Essa nova divisão vai operar com o material recebido da pedreira de Jaboatão e do terminal asfáltico, para a produção de pré-moldados, cimento-asfáltico, tubos para galerias de águas pluviais, enfim, tudo o que se relacione com as obras de responsabilidade do Município. Através do autofinanciamento, as obras municipais terão o seu custo reduzido em mais de 50 por cento.

Assistência às vítimas do Capibaribe

A Prefeitura deu assistência, em 1960, às vítimas das enchentes do rio Capibaribe, fornecendo-lhes abrigo e gêneros alimentícios.

O prefeito Miguel Arraes abriu imediatamente verba a fim de solucionar o problema surgido com a pior das cheias do rio.

A assistência aos flagelados teve a mais ampla repercussão em meio ao povo, consciente de que o Poder Público não é apenas a grande frieza das repartições burocráticas, mas atua humanamente, transformando-se, quando necessário, num poderoso amigo capaz de socorrer o próximo.

Clinica Móvel: Saúde é Meta Importante

Durante o primeiro ano da administração Miguel Arraes, a Divisão Médica do DBEP ampliou o serviço de salvamento nas praias do Recife, equipando os postos da Pina e Boa Viagem com duas ambulâncias munidas de resuscitadores e medicamentos. A repercussão dessa providência foi altamente positiva, pois o índice de mortes por afogamentos, no verão deste 1960, caiu praticamente a zero.

Outras realizações no setor da saúde pública:

- a) — instalação de dois ambulatórios médicos, um no matadouro dos Peixinhos e outro no Setor de Oficinas;
- b) — aproveitamento da antiga

biblioteca ambulante do DDC em uma clínica móvel, para atendimento de pessoas pobres, nos subúrbios da cidade. A clínica móvel tem equipagem médica-dentária completa e destina-se, também, ao atendimento de funcionários da Prefeitura e, principalmente, das crianças matriculadas no Movimento de Cultura Popular;

c) — Início da construção das novas instalações da Divisão Médica, onde novos serviços serão instalados destinados à população pobre. Em 1961, estarão em funcionamento setores de higiene, saúde, Pronto Socorro Infantil, Serviço de Reidratação e um Banco de Sangue.

Luz Elétrica Para o Povo

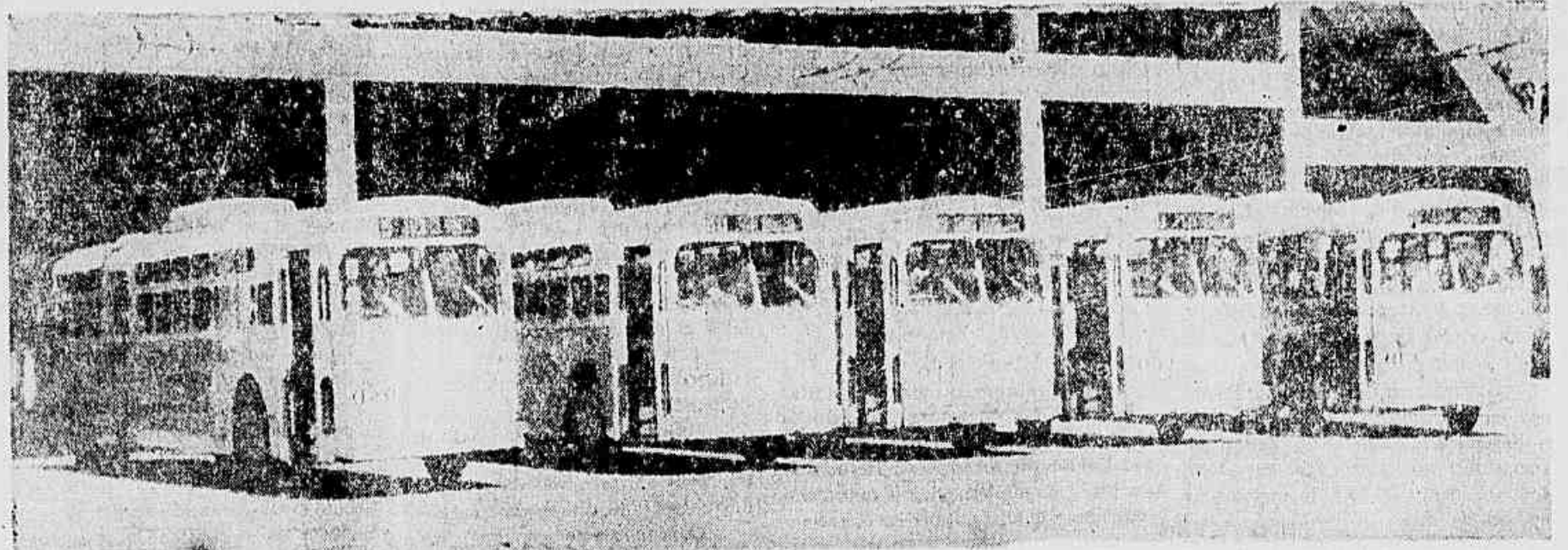
A Prefeitura instalou luz elétrica em mais de 100 ruas, nos mais distantes arredores da cidade. Ruas pobres de côregos, luz às vezes sem nome.

A luz, entre as populações mais pobres, foi motivo de festa. Em meio ao escuro da pobreza e da noite, uma luz elétrica, ao menos é sinal de que ali existe também vida.

O prefeito Miguel Arraes, cumprindo sua plataforma em que fala em

progresso do cais ao subúrbio, fez com que mais de 100 ruas tristes ganhassem a súbita alegria da luz elétrica, elemento problema que não vinha sendo encarado com objetividade; mais do que objetividade: humanidade.

Este é um fato quase sem importância, dirão, em meio a tantos grandes empreendimentos de uma administração. Mas na realidade, ele também tem um significativo destaque social.



Transporte confortável

60 000 metros de fio elétrico se estendem por Recife, permitindo o transporte diário de 80 000 passageiros nos «trolley-buses» da Companhia de Transportes Urbanos, uma das maiores realizações da administração do prefeito Miguel Arraes. Os ônibus elétricos servem inúmeros bairros de densa população, tais como Casa Amarela, Espinheiros, Peixinhos, Campo Grande, Fundão e outros. A foto nos apresenta alguns dos «trolley-buses» em circulação em Recife, cujo progresso pode ser constatado a cada passo.



Saneamento e pavimentação

Milhares de metros lineares foram acrescentados à rede de esgotos da cidade. Na foto, aspecto das obras na Avenida Coxangá, obras que permitirão concluir a outra faixa de rolamento, em concreto de cimento.

Grande auxiliar no vasto plano de metas: SEO

Em apenas um ano de trabalho, o Serviço de Equipamento e Oficinas confeccionou, na sua carpintaria, nada menos de 3.000 cadeiras e igual número de bancas, além de quadros-negros destinados às escolas do Movimento de Cultura Popular. A carpintaria fabricou também, birô, estantes e móveis diversos para os Departamentos da Prefeitura e carrocerias dos novos caminhões «Mercedes Benz» comprados pelo prefeito Miguel Arraes para os Departamentos de Obras e de Bem-Estar Público.

Nas oficinas do S.E.O., foram reconhecidos este ano, 23 motores, sendo 15 «Jeeps» e 8 de automóveis e camionetas. Passaram por reformas gerais 27 viaturas, sendo 4 da Câmara Municipal, com material fornecido pelo próprio Deliberativo da cidade. Seis dos veículos recuperados encontravam-se há muitos anos fora de circulação.

Outras realizações do S.E.O., em 1960:

- a) — Construção de um caminhão-tôrre para o Setor de Eletricidade do Departamento de Obras;
- b) — Reforma com ampliações, da «Escola Estilac Leal»;
- c) — instalação do serviço médico-dentário das oficinas;
- d) — Reforma geral do posto de lavagem, com aquisição de modernos equipamentos.

Transportes Modernos Para os Subúrbios

O funcionamento da Companhia de Transportes Urbanos é uma das realizações mais evidentes da administração Miguel Arraes, com seus belos ônibus elétricos, que já se incorporaram a paisagem da cidade.

80 000 passageiros são transportados diariamente pelos «trolleybuses» da CTU, veículos que cobrem percursos determinados através das redes aéreas montadas com fios PIRELLI, organização que se ligou, tanto quanto a empresa de ônibus, ao povo do Recife. 60 000 metros de fios se estendem pela cidade. Esta é a dimensão também do progresso.

Postes CAVAN

Cada poste que se vê no interior do Estado significa o marco que o homem deixou. O desenvolvimento da civilização se faz com as mãos do homem.

Cada poste CAVAN plantado no centro da cidade ou do subúrbio mais distante, prova que o Recife evolui a passos largos. Eles significam ônibus elétricos da Companhia de Transportes Urbanos. Os postes CAVAN permitem que os «trolleybuses» sirvam a bairros demograficamente densos, como Casa Amarela, Torre-Madalena, Derbi, Espinheiro, Campo Grande, Peixinhos, Arruda, Água Fria, Fundão, Avenida Norte, Encruzilhada, Côrego do Euclides, Boa Vista e Santo Amaro.

1 600 postes já foram montados. 2 102 é o número a ser brevemente atingido, o que importa também em aplicação dos serviços de transportes da CTU.

Pôr trás da realidade

A realidade dos ônibus elétricos se multiplicará. O prefeito Miguel Arraes já está mantendo entendimentos para que a frota da CTU seja aumentada. Os ônibus da organização se multiplicarão na proporção das necessidades do Recife.

A realidade — o acontecimento palpável de estarem os «trolleybuses» trafegando pelas ruas — tem seus bastidores compostos de firmas sem as quais seria impossível que a CTU fosse o que realmente é: a «Marmon Herrington», que forneceu os veículos; os «Ateliers» de «Construction Oerlikon», fabricantes de subestações; a «Ohio Bras», responsável pelas redes aéreas; a PIRELLI, produtora dos condutores elétricos; a CAVAN, dos postes; e a «Companhia de Materiais Elétricos», que desde o início do empreendimento vem orientando sua implantação.

Administração da empresa

O prefeito Miguel Arraes tem dado o melhor exemplo do Brasil de como administrar uma companhia de ônibus elétricos, dirigindo-a em função do povo e justamente no caminho oposto ao «empreguismo» e à política contra os interesses da cidade.

A realidade pode ser apontada, na administração do atual prefeito; os ônibus elétricos estão aí, no meio da rua, dando um novo ritmo à cidade.

Duas firmas

A CTU está levando tão a sério a solução do problema de transportes do Recife, que elegeu como suas fornecedoras duas das mais importantes firmas que operam no Brasil: a POSTES CAVAN, que forneceu também toda a posteação da Companhia Hidrelétrica do São Francisco; a PIRELLI, responsável pelos cabos subterrâneos da «Companhia Telefônica de Pernambuco».

Há uma velha filosofia que diz que a escolha de colaboradores define aquele que fez a seleção. A CTU está muito bem acompanhada pela PIRELLI e pela POSTES CAVAN, em cuja tradição se baseou para crescer dignamente como está crescendo.

COMPARE: Abastecimento Será Incrementado

A Companhia de Abastecimento do Recife (COMPARE), recentemente criada pelo prefeito Miguel Arraes, ataca objetivamente o problema de gêneros alimentícios da cidade. Estará em atividade em 1961, com as seguintes metas: 1) construção de 5 super-mercados e recuperação dos atuais; 2) construção de 3 mil metros cúbicos de área frigorificada; 3) modernização das feiras; 4) industrialização dos produtos e subprodutos do Matadouro Municipal; 5) criação de uma infra-estrutura para abastecimento do leite «in natura» até 20 mil litros diários; 6) produção de flores e plantas ornamentais 10 vezes superior à atual; 7) incentivo à avicultura, cunicultura e suinicultura.

1 — SUPER-MERCADOS — Os mercados atendem aos modelos mais modernos do mundo. Sua construção está sendo planejada em forma de U. No seu centro haverá área coberta anexo, semanalmente, se realizarão feiras. Durante os outros dias essa área será aproveitada para atividades esportivas e sociais dos bairros. Todos os super-mercados possuirão frigoríficos. A administração Miguel Arraes está recuperando todos os atuais mercados, e o melhor exemplo é o trabalho do Mercado de São José.

2 — FRIGORIFICAÇÃO — Sendo o Recife uma cidade de 800 mil habitantes e dentro da zona equatorial,

possui, por mais incrível que pareça, capacidade de frigorificação de 18 vezes menos do que a cidade de Hamburgo, na Alemanha, situada numa região em que, durante 8 meses no ano, é necessário se tomar cuidado para que o frio externo não venha a prejudicar os gêneros alimentícios, como no caso das frutas e das verduras, incapazes de suportar temperaturas inferiores a 5 graus centígrados. O prefeito Miguel Arraes está construindo cerca de 3 mil metros cúbicos de área frigorificada, o que significa o duplo da atual capacidade frigorífica da cidade.

3 — FEIRAS — Estão sendo substituídas todas as bancas (de vendagem) atuais, com novas e práticas peças, capazes de proporcionar higienização perfeita, além de maior conforto para o freguês e para o leirante. O Recife poderá ser considerado como cidade precursora das melhores feiras do Brasil.

4 — MATADOURO — Há 47 anos, quando foi construído o atual Matadouro dos Peixinhos, que vêm sendo realizados estudos para aquisição de máquinas para industrialização dos seus produtos e subprodutos. Até o presente momento, foram efetuados cerca de 15 estudos, resultando em 15 projetos. Os projetos já em execução que tenham sido aprovados, terão

do o mecanismo necessário para industrialização se encontra agora no Matadouro dos Peixinhos no maior e mais bem aparelhado do Norte e Nordeste do Brasil.

5 — LEITE — Três centros de pasteurização e resfriamento de leite serão colocados em pontos estratégicos das zonas produtoras de Pernambuco, reunindo capacidade de 20 mil litros diários que serão trazidos para o Recife em caminhões-frigoríficos. Nesta cidade, 10 centros distribuídos em diversos bairros da cidade, propiciarão o abastecimento total de leite da Capital. Espera-se que, ainda em 1961, seja duplicada a capacidade de fornecimento de leite, bem como o número de postos distribuidores.

6 — FLORES E PLANTAS — Atualmente a Prefeitura está plantando cerca de 3 mil metros² de área com flores e plantas ornamentais. Terrenos para esse fim já foram aumentados, com a doação de terras do Ministério da Agricultura. A produção de flores e plantas ornamentais subirá 10 vezes mais. Estudos estão igualmente em fase de construção.

7 — AVICULTURA, CUNICULTURA E SUINICULTURA — A Prefeitura constrói, no Curado, instalações para 30 mil e 5 mil cabeças e engenho de 100 e 500 cabeças.

a Fisionomia da Veneza Brasileira

Chafariz: água e ornamentação

Oito chafarizes foram instalados em pontos da cidade onde não chegou ainda o serviço de saneamento. Dois outros estão em construção. Em locais onde uma lata d'água era cobrada, muitas vezes, ao preço de 10 cruzeiros.

Ainda está prevista a fixação de novos chafarizes. Eles resolvem problemas de higiene e propiciam melhores condições de existência às populações mais pobres.

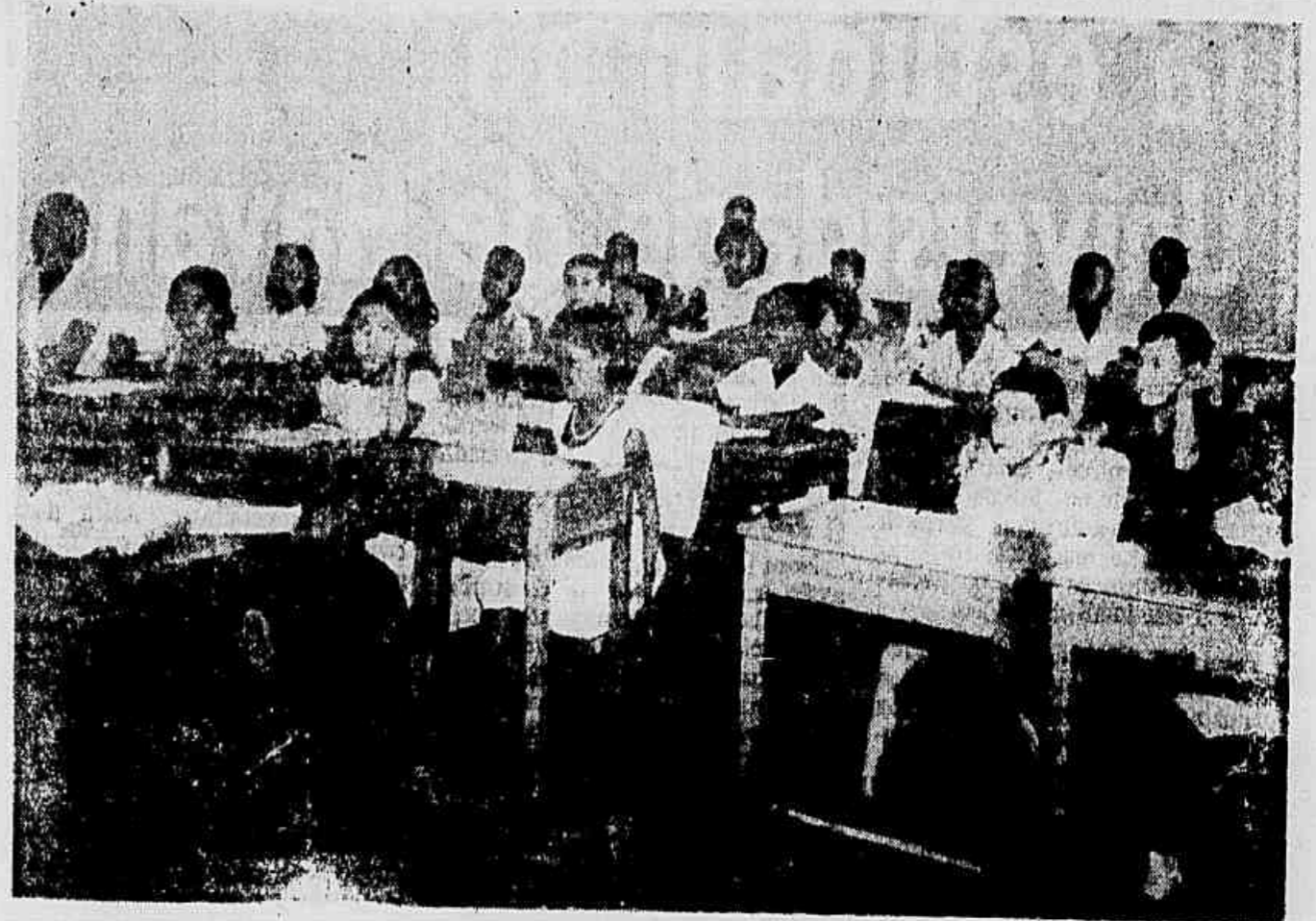
Os oito chafarizes encontram-se instalados: no Alto José Bonifácio, na Casa Amarela; na rua Ledinha, em Santa Amara; no Córrego de São Sebastião, em Água Fria; na Rua Laura de Souza, no Rancho Fundo (Sítio Nova); no Beco do Azevedo, no Cordeiro; na Rua da Mangueira; na Av. Encanta Mônica, no Pina; e na Rua do Dendê, Mustardinha. Em construção: no Totó e no Caçote.

Finanças e Serviços 1951/1960

MILHÕES DE CRUZEIROS

ESPECIFICAÇÃO	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60
I Receita	180	181	230	282	356	431	598	679	914	1.250
Despesa	180	196	217	281	366	461	666	676	885	1.270
DESPESA:										
a) Pessoal	85	97	108	127	206	257	351	464	570	732
II b) Material e Serviços	95	99	109	154	160	204	315	232	315	538
III Obras	31	36	45	80	58	87	118	88	108	190
Limpeza Pública:										
IV a) Receita	11	13	19	22	24	26	34	25	34	40
b) Despesa	18	21	22	24	31	45	73	79	88	149
Serviço de ônibus elétricos					150	10	30	25	65	120*
					mil					
					Crz.					

* Inclusive aquisição de 60 caminhões para a Limpeza Pública



Escolas para o povo

O índice das crianças sem possibilidades de frequentar colégio — principalmente por falta de recursos — era alarmante. A municipalidade resolveu atacar de rijo o problema e se pôs a construir estabelecimento de ensino em número suficiente para atender a toda a população em idade escolar, esperando em pouco tempo poder liquidar o analfabetismo na capital.

"Operação Buraco" Recupera Pavimentação Das Ruas de Recife

O Departamento de Engenharia e Obras da Prefeitura, operando simultaneamente com oito firmas especializadas, recuperou, durante o exercício de 1960, 151.312,40 metros quadrados de pavimentação das diversas ruas e avenidas enquadradas na chamada «Operação Buraco». Para sua conclusão, que consiste na recuperação de cerca de 350 mil metros quadrados de área pavimentada, a Prefeitura está despendendo aproximadamente noventa milhões de cruzeiros. De acordo com o ritmo sempre crescente das obras de reposição e recuperação das diversas pavimentações, espera o Departamento de Engenharia da PMR deixar toda a cidade dotada de ótimas pistas de rolamento, até março de próximo ano.

A execução da «Operação Buraco» destaca-se como uma das metas de penetração social do governo Miguel Arraes. Não se detendo apenas no simples trabalho de recuperação de calçamento, mas dotando a cidade de pavimentações totalmente novas, conseguiu a Prefeitura do Recife, neste exercício que se finda, dotar o município de uma face inteiramente melhorada, permitindo

do às populações suburbanas melhor sistema de transporte, através de melhores vias de escoamento.

Calçamento, meios-fio e linhas-d'água

Paralelamente à execução da «Operação Buraco», e dentro dos trabalhos a ela ligados, o prefeito Miguel Arraes fez executar, neste seu primeiro ano de governo, no setor de pavimentação, os seguintes serviços: calçamento com paralelepípedos (em metros quadrados): 3.175,30; com paralelepípedos sobre areia, 5.128,00; em asfalto sobre macadame, 23.247,00; e em concreto, 77.162,10, totalizando a área acima mencionada.

Ao mesmo tempo, foram repostos 8.033,60 metros lineares de meio-fio com linha-d'água, além de implantar mais 3.959,80 metros de novos meios-fios com linha-d'água, em ruas dantes não beneficiadas.

Padrão técnico satisfatório

Todos esses serviços contratados pela Prefeitura Municipal, através de concorrência pública, foram executados sob a supervisão dos técnicos do Departamento de Engenharia e Obras da Municipalidade, que comprovaram serem de ótima qualidade. Para isso, a preocupação do prefeito Miguel Arraes foi imprimir o máximo de escrupulo na escolha de firmas que estivessem realmente capacitadas para a execução das tarefas a elas confiadas, dentro do padrão técnico exigido. Das firmas que operam nesse tipo de obra, foram selecionadas oito, altamente credenciadas, cujos resultados têm sido satisfatórios e amplamente reconhecidos pela população recifense.

Em prosseguimento a esses trabalhos, é meta do prefeito Miguel Arraes, para o ano de 1961, pavimentar todas as vias de penetração suburbanadas, onde exista o tráfego de veículos coletivos.



Povo apelidou calçamento

As ruas da «Veneza brasileira» estavam a exigir urgentes reparos, tal o seu estado. O prefeito Miguel Arraes resolveu então levar a cabo a pavimentação, atividade que o povo recifense apelidou de «operação-buraco».

Funcionalismo recebeu atrasados e dois aumentos

Apesar da situação financeira da Municipalidade, o prefeito Miguel Arraes concedeu, no primeiro ano de sua administração, dois aumentos ao funcionalismo. Ele procurou equilibrar o problema administrativo com o humano.

Além disso, determinou pagamento de trêns e atrasados até 1958, referentes a abono familiar e gratificação adicional.

Lixo Produz Renda: Aproveitamento Racional

A Prefeitura Municipal do Recife, durante o presente exercício, destacou na sua plataforma de governo a instalação da chamada «Operação Limpeza», que consiste na solução definitiva do problema do lixo da cidade. Nesse particular, o Departamento de Bem-Estar Público executou, até o presente momento, parte do plano, em seus diversos aspectos, constando da construção de fornos de incineração, instalação, completa de equipamentos para a seleção e material economicamente recuperável, câmaras de fermentação da matéria orgânica, ampliação e modernização da frota de viaturas destinadas ao serviço de coleta do lixo.

Dentre as atividades desenvolvidas pelo DBEP, no primeiro ano de governo do prefeito Miguel Arraes, a «Operação Limpeza» destacou-se, quer na ampliação da frota de viaturas destinadas ao serviço de coleta do lixo.

brasileiras o meio eficaz e até rentável para a execução definitiva dessa tarefa, antes considerada inexecutável, pelo aspecto oneroso que apresentava. Assim, o lixo deixou de ser, no Recife, apenas detrito, para tornar-se matéria prima, de rico teor orgânico, na obtenção do adubo empregado largamente na agricultura.

Frota da coleta

A ampliação e modernização da frota da coleta de lixo, do DBEP, foi uma das metas atingidas dentro deste período. Naturalmente, como frota-base do serviço de coleta, se encontra nas oficinas daquele Departamento, prontos para entrar em funcionamento, as seguintes viaturas: 15 modernos caminhões de coleta, equipados com basculante 3 caminhões-guindaste para retirada do lixo das ruas; 40 carrinhos caçambas e mais 60 caminhões «Mercedes-Benz», recentemente adquiridos pela Prefeitura Municipal do Recife, pelo valor de sessenta milhões de cruzeiros.

Quando as instalações de fornos de lixo e câmara de fermentação estiverem em pleno funcionamento (o que está previsto para meados do próximo ano) o Recife terá resolvido definitivamente o problema do lixo da cidade, correspondente à primeira meta da «Operação Limpeza». Como segunda meta, a Municipalidade planejou os setores industriais e comercial, representados pelos produtos obtidos pelas câmaras produtoras que operam na fabricação de matérias orgânicas de grande valor comercial no campo da agricultura. Assim, o Recife será a primeira cidade do Brasil a ter esse problema totalmente solucionado, em bases racionais, cujo plano já constitui objeto de estudo nas demais comunas do país.

Recuperação do lixo rico

Através da seleção do material economicamente recuperável, cerca de oitenta por cento de todo o lixo da cidade serão aproveitados para a fabricação de adubo orgânico, largamente empregado na agricultura. Assim, uma

Movimento de Cultura Popular Escola Gratuita Para Todos

Das 90 mil crianças entre os 143.851 em idade escolar, 62 por cento não podiam se matricular. Todas as escolas existentes já estavam superlotadas.

O Movimento de Cultura Popular surgiu para diminuir e anular, em futuro próximo, essa percentagem vergonhosa. Com o decidido apoio de todo o povo do Recife, representado pelas personalidades religiosas, intelectuais, estudantes e agremiações populares de bairro, que ofereceram logo, as suas modestas sedes para instalação de escolas gratuitas. As oficinas da PMR foram reequipadas com modernos maquinários de carpintaria e passaram a funcionar em regime extraordinário de trabalho, no fabrico de bancos, quadros-negros, mesas e todo o equipamento necessário ao funcionamento das novas unidades de ensino. Assim, em apenas 7 meses (março/setembro) foram fabricados todos os conjuntos escolares necessários.

Cento e sete salas de aulas foram instaladas no primeiro ano da administração Miguel Arraes, em turnos diurnos e noturnos. Isto, em dados estatísticos significa que mais de 4.000 crianças podem agora, aprender a ler gratuitamente, sem obrigatoriedade de traje dispendioso, recebendo, a maioria, os benefícios da Campanha Nacional da Merenda Escolar, além de material didático fornecido pelo INEP e empresas comerciais inscritas no Movimento de Cultura Popular. Destaca-se entre estas a firma «Lojas Paulistas S. A.» que fez entrega à Prefeitura do Recife, de material escolar equivalente a uma tonelada de peso, incluindo cartilhas, réguas e cadernos.

Metas para 1961

A meta de instalações para 1961 atinge o número de 300, entre esco-

las a serem construídas às expensas da PMR ou instaladas nas sedes de agremiações populares.

A Merenda Escolar será ampliada e enriquecida com maizena, aveia e farinha vitamínica.

Uma vez levado à prática o plano para o próximo exercício letivo, cerca de 30.000 alunos serão matriculados somente nas escolas mínimas.

Grupos escolar

A Prefeitura está construindo três grandes Grupos Escolares em convênio com o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, um dos quais já se encontra concluído na Visgueira, em Casa Amarela.

Alfabetização de adultos

O Movimento de Cultura Popular

é, no Recife, o maior centro de aglutinação de juventude. Cerca de 500 universitários já estão inscritos como sócios e efetivarão, no próximo ano, um ousado plano de alfabetização de adultos nos bairros operários da cidade.

Grupos de pesquisa e ensino estão sendo preparados e atuarão a partir de fevereiro, junto às Associações de Cultura Popular Planeja-se, à base de estudos sérios, a promoção de um levantamento em larga escala das atuais condições culturais e sanitárias da população, daí partindo um programa de assistência médica e escolar aos doentes, com a utilização do ensino voluntário dos sócios-estudantes. Medidas concretas foram tomadas no sentido de atrair a cooperação da UNESCO e outros organismos internacionais especializados.

Industrialização do Matadouro Dos Peixinhos

O Departamento de Agricultura, Mercados e Matadouros está realizando a instalação no Matadouro dos Peixinhos, — devendo entrar em funcionamento dentro dos próximos dois meses — a maquinaria completa, destinada à pele de suínos e fabricação de salicidas, salame e farinha de sangue, osso e carne, para ração balanceada. A industrialização do Matadouro vai permitir rentabilidade a um setor da Prefeitura responsável por um «deficit» anual superior a 30 milhões de cruzeiros.

As máquinas adquiridas pelo prefeito Miguel Arraes custaram cerca de 5 milhões de cruzeiros.

Atualmente a Prefeitura joga no rio mais de 3 mil litros de sangue, diariamente. Os animais condenados são enterrados, e é certo que muitos deles são retirados às caladas da noite e vendidos como carne verde, em algumas feiras-livres. Tanto a carne condenada

como o sangue jogado no rio e ossos, serão aproveitados na fabricação de farinha para ração balanceada. O produto tem mercado certo, mas a PMR vai empregá-lo, também, na criação de avós e suínos, no Curado.

Recuperado o frigorífico

Possivelmente na próxima semana entrará em funcionamento o frigorífico dos Peixinhos (o maior do Nordeste, com capacidade para armazenar 700 toneladas de víveres), totalmente recuperado durante este primeiro ano de administração do prefeito Miguel Arraes.

Todas as instalações do Matadouro dos Peixinhos constarão do acervo da Companhia de Abastecimento do Recife. O sr. Miguel Arraes tem com certeza a possibilidade de desfazer pesado ônus que provocam as feiras, mercados e matadouros aos cofres municipais.



Crianças têm Onde Brincar

Foram as seguintes as obras realizadas pela Divisão de Parques, Jardins e Cemitérios, do Departamento do Bem-Estar Público, durante o ano de 1960:

- Construção da Praça de Caixanga, com parque infantil;
- Construção da Praça da Torre, com parque infantil de concreto em formas modernas e funcionais, caracterizando uma nova modalidade de brinquedos;
- Construção do jardim externo da Casa do Rádio Amador do Recife, em Santa Amara;
- Construção de um parque infantil no Instituto São Miguel, em Coqueiros;
- Construção de um campo de esportes e parque infantil

na Praça Padre Nóbrega, na Vila dos Ferroviários, em Areias; f) Ajudamento e instalação de parque infantil, na Praça Maria da Conceição, na Vila Carmela Dutra, em Areias; g) — Início do plano de ampliação do Cemitério de Santa Amara, com a construção de 1950 catacumbas e 1.080 ossuários; h) — Construção do Teatro do Arrial Velho, no Sítio da Trindade; i) — Construção de um monumento ao naturalista Farias Neves, no bosque central do Sítio da Trindade e j) — Construção da Galeria Permanente de Arte, nas margens do rio Capibaribe.

Operários e Camponeses já estudam na Universidade de Havana

O governo revolucionário cubano passou em prática, recentemente, o chamado «Plano de Ajuda à Formação de Técnicos», com o duplo propósito de dar aos jovens a oportunidade de seguir uma carreira universitária e de assegurar ao país, no futuro, os técnicos necessários à sua industrialização.

Para dar execução ao plano, foram terminados vários edifícios que estavam em construção, outros foram adaptados e novos estão sendo construídos nas proximidades de Havana e no vizinho município de Mariano. Segundo o Plano, para o próximo período escolar, que começa em janeiro, ingressarão na Universidade de Havana 4.500 bolsistas, que serão alojados nos edifícios cuja construção, a essa altura, estará terminada. Além dos 4.500 bolsistas, o Plano prevê, segundo declaração do primeiro-ministro Fidel Castro, a admissão, em setem-

bro de 1961, de mais 8.000 bolsistas. Para abrigá-los, o governo pretende construir a Cidade Universitária, cuja edificação será iniciada imediatamente.

O velho e o novo

Num edifício que antes da Revolução era de propriedade de Rafael Salas Cañizares, famigerado chefe da polícia de Batista, vivem hoje os jovens universitários cuja educação é custeada pelo governo. Seus 21 andares são como 21 degraus no caminho da industrialização do país. Outro edifício de 25 andares, já quase terminado, situado nas proximidades da Universidade, também foi destinado ao alojamento dos bolsistas.

Além desses, na Cidade Escolar Liberdade (antigo acampamento de Colúmbia, quartel-general de Batista), foram construídos 14 prédios que abrigarão uma parte dos 4.500 bolsistas.

Facilidades aos estudantes

O Plano proporciona aos bolsistas, gratuitamente, desde a comida, roupa limpa, livros e assistência médica, até o transporte e a matrícula universitária. Além disso, cada estudante recebe, no fim do mês, uma pensão de 15 dólares para seus gastos pessoais.

Todos os bolsistas, alguns procedentes das mais remotas cidades da ilha, têm permissão para, cada 15 dias, ir à sua terra visitar a família e isso sem qualquer ônus, pois o governo financia as despesas de viagem.

Investimento

Em que pese o fato de que a maior parte das compras destinadas ao «Plano de Ajuda à Formação de Técnicos» se realiza a custa dos diferentes organismos administrados pelo Instituto Nacional de Reforma Agrária, especialmente no que se refere à alimentação, os gastos da nova instituição ultrapassam os 35.000 dólares mensais, o que corresponde a 75 dólares e 80 centavos para cada bolsista.

Técnicos para a industrialização

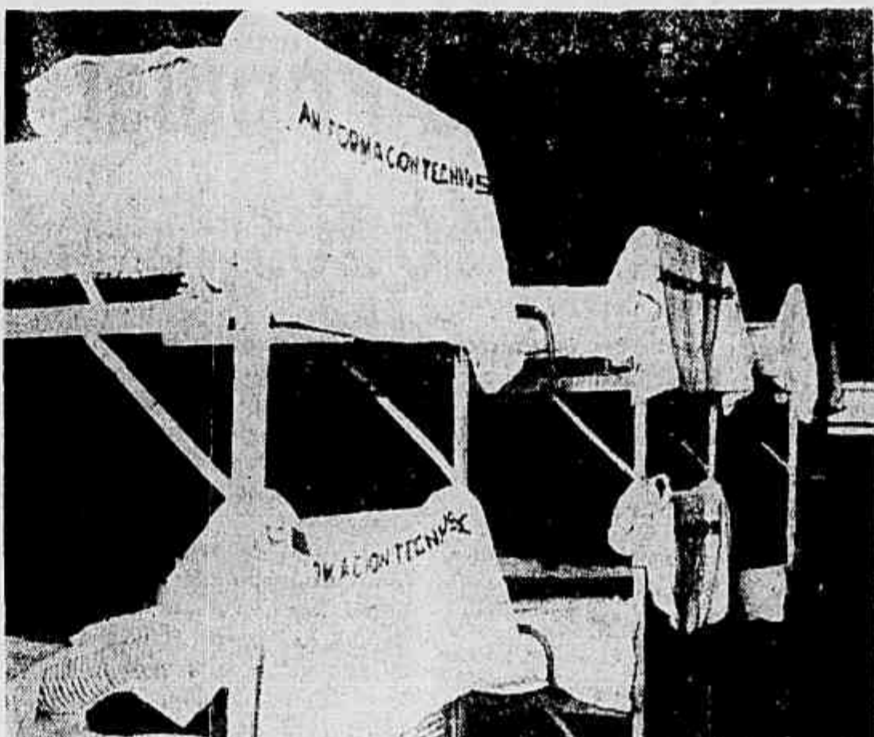
Terminados seus estudos universitários, esses jovens terão a oportunidade de ingressar nas diferentes indústrias do país, muitas das quais estão em fase de organização. Desse modo, o governo revolucionário aspira a resolver o grande problema que poderia surgir com a industrialização do país, se para levá-la a cabo não contasse com o material humano habilitado e necessário.

Os médicos e os dentistas poderão ocupar postos nos centros populacionais que se fundarem e que se estão fundando nas diferentes zonas agrícolas de Cuba. Engenheiros, agrônomos e outros especialistas, logo que terminarem os cursos, poderão exercer suas atividades nos mais diferentes locais, dando assim sua valiosa contribuição para o desenvolvimento progressista de Cuba.



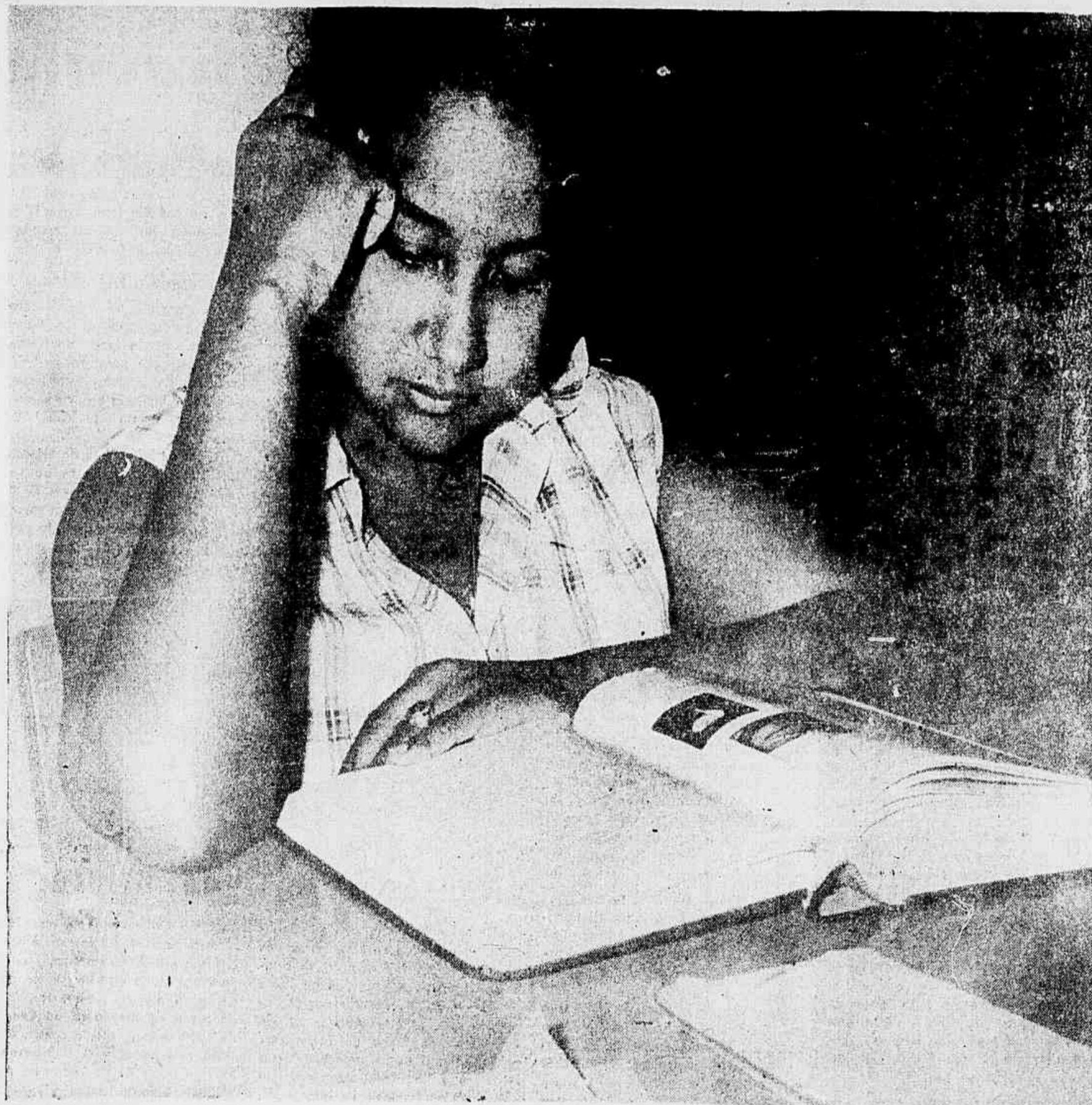
21 degraus no caminho da industrialização

Este edifício, que antes era de propriedade do chefe de polícia do ditador Batista, abriga hoje 800 estudantes bolsistas. Seus 21 andares, 21 degraus no caminho da industrialização, foram reformados e adaptados para fornecer aos jovens o mais completo conforto e condições para realizar um curso de boa qualidade.



Dormindo ao som de música suave

Nos amplos e confortáveis dormitórios instalados nos edifícios que alojam os bolsistas, foram instalados alto-falantes que transmitem música suave para embalar os seus sonhos.



Lydia vai ser dentista

Contemplada com uma bolsa de estudos graças ao novo plano de educação aprovado pelo governo revolucionário, a jovem Lydia Rodriguez poderá terminar o curso de odontologia que não pudera prosseguir. Milhares de jovens operários e camponeses como Lydia viram abertas as portas para ingressarem nos cursos superiores, diplomarem-se em medicina, engenharia e outras especialidades, a fim de assim poderem dar uma contribuição mais alta para o desenvolvimento da indústria e da agricultura em Cuba.



Assistência completa

Além de custear o curso, o governo fornece alimentação e alojamento gratuitos aos estudantes bolsistas. A comida é grátis mas de primeira; os refeitórios são amplos e construídos dentro da mais moderna técnica.



Estímulo ao estudo coletivo

Nos prédios onde são alojados os estudantes, foram construídos amplos salões para estudo, com biblioteca e outras instalações. A sua utilização estimula o estudo coletivo e a camaradagem entre os jovens.

NOVOS RUMOS